

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

SAULO XAVIER DE SOUZA

**PERFORMANCES DE TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS OBSERVADAS NO CURSO DE LETRAS-LIBRAS**

Florianópolis-SC
Agosto - 2010

SAULO XAVIER DE SOUZA

PERFORMANCES DE TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS OBSERVADAS NO CURSO DE LETRAS-LIBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução: lexicografia, tradução e ensino de línguas estrangeiras.

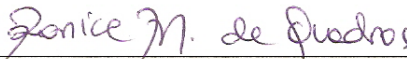
Orientadora:
Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros

Florianópolis-SC
Agosto - 2010

Saulo Xavier de Souza

Dissertação julgada aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução, na área de concentração: processos de re-textualização e linhas de pesquisa: lexicografia, tradução e ensino de línguas estrangeiras, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Banca Examinadora:



Profª. Dra. Ronice Müller de Quadros - Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC



Profª. Dra. Vera Lúcia Santiago
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof. Dr. Werner Heidermann
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC



Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Florianópolis-SC, Agosto de 2010.

SUMÁRIO

Dedicatória	vii
Agradecimentos	viii
Resumo	ix
Abstract	x
Relação de abreviaturas e siglas	xi
Índice de gráficos, figuras e tabelas	xii
Introdução	15
1 – LUGARES DE PARTIDA	21
1.1 – Reflexões conceituais	21
1.1.1 – A Tradução como re-textualização	21
1.1.2 – A Interpretação como uma atividade marcada pela instantaneidade	23
1.1.3 – A naturalidade das línguas de sinais	25
1.2 – Mapeamento da presença das línguas de sinais nos Estudos da Tradução	28
1.2.1 – O percurso da língua de sinais: de Holmes (1988) a Grbic (2007)	29
1.2.2 – Os estudos da tradução e interpretação de língua de sinais no Brasil	37
1.2.2.1 – Pesquisas sobre tradução e interpretação de língua de sinais no Banco da Capes	39
1.2.2.2 – Esboço de mapa dos Estudos da Tradução e Interpretação da Libras	42
2 – PRIMEIROS PASSOS	51
2.1 – Demandas de tradução no curso de Letras-Libras da UFSC ..	51
2.1.1 – A tradução na equipe pedagógica	51
2.1.2 – Percursos tradutórios na equipe de vídeo	54
2.1.3 – Demandas de tradução na equipe hiperímídia	55
2.2 – Montagem do cenário de estudo: métodos e procedimentos de trabalho	57
2.2.1 – A escolha do objeto	57
2.2.2 – Delimitação da abordagem do objeto	58
2.2.3 – Critérios para a escolha do produto e da personagem de análise	60

2.2.4 – Método: estudo observacional com análise descritiva interdisciplinar	66
2.2.4.1 – O estudo de caso observacional, descritivo e exploratório ...	66
2.2.4.2 – Estrutura de análise interdisciplinar a partir de procedimentos descritivos.....	71
3 – FUNDAMENTOS DA CAMINHADA DE PESQUISA.....	76
3.1 – A configuração textual no português e na Libras.....	76
3.1.1 – A configuração de um texto em português.....	77
3.1.2 – A configuração de um texto em Libras	83
3.2 – Gênero textual e procedimentos de re-textualização	77
3.2.1 – Gênero textual, tipo de texto e tradução	78
3.2.2 – O hipertexto como gênero textual dos hiperlivros do Letras-Libras	93
3.2.3 – Coerência hipertextual e os procedimentos de re-textualização	99
3.3 – Síntese teórica: de modelos e normas aos efeitos de modalidade.....	105
3.3.1 – Os Estudos da Tradução como interdisciplina	106
3.3.2 – O modelo de texto-alvo.....	110
3.3.3 – Norma Surda de Tradução	114
3.3.4 – A tradução em língua de sinais como performance	121
3.3.5 – Efeitos de modalidade na interface português-Libras no AVEA.....	122
4 – DESCRIÇÕES DO QUE FOI OBSERVADO NO PERCURSO	127
4.1 – Performances de uma surda tradutora-atriz	127
4.1.1 – Performance 01: USO DE GLOSAS	128
4.1.2 – Performance 02: TRANSLITERAÇÃO	137
5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DO QUE FOI PERCEBIDO PELO CAMINHO.....	147
5.1 – Aplicação e adaptação do modelo de texto alvo de Gile (1995, 2009).....	148
5.1.1 – Mensagem (M).....	149
5.1.2 – Informação contextualizadora (FI)	152
5.1.3 – Informação induzida ou motivada por questões linguísticas (LII).....	153

5.1.4 – Informação pessoal (PI)	155
6 – REFLEXÕES FINAIS: “olhando para trás, mas com o foco no porvir”	158
6.1 – Síntese em torno das performances de tradução observadas	158
6.1.1 - Considerações finais sobre o uso de glosas	159
6.1.2 - Considerações finais sobre a transliteração	160
6.2 – Desafios para os ETILS no contexto brasileiro de pesquisa ..	162
6.2.1 – Reconhecimentos e entendimentos acerca da figura do surdo tradutor-ator	162
6.2.2 – Contribuições para outras pesquisas no campo da tradução para a Libras	163
Referências	166

*À Daniela & Laura Xavier, respectivamente, minha esposa e minha
filha, que, juntas, são a mais bela tradução do amor de Deus por mim!
Sem vocês duas, esta dissertação não teria existido!*

AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiro ao trino Deus, que tem transformado minha vida e me convidado a crescer no entendimento de Seu caráter e do povo Surdo, que Ele escolheu para ser o alvo de minhas investigações.

- Em seguida, agradeço àquelas as quais dedico esta pesquisa: Daniela e Laura, esposa e filha respectivamente, que, com muito amor e carinho, souberam me entender nesses últimos anos de estudos sobre tradução para a Libras. Amo vocês, meus amores!!

- Agora, agradeço aos meus familiares, especialmente à minha mãe, Luiza Jane Eyre, ao meu pai, Romeiro e ao meu avô Expedito (o Papai) que, mesmo de longe, geraram comigo esta dissertação! Obrigado pelas leituras norteadoras que a senhora fez de minha pesquisa, mamãe! Ufa! Sem elas, não terminaria tudo!

- Além desses, não posso esquecer de agradecer pelo apoio, crédito, confiança e paciência da minha professora orientadora Dra. Ronice Müller de Quadros. Obrigado por me ajudar a colaborar com a abertura desse novo caminho acadêmico dentro dos Estudos da Tradução.

- Agradeço também a todos os meus queridos colegas da PGET da UFSC, bem como, a todos da equipe da secretaria e da coordenação do curso e ainda, à bolsa de pesquisa da Central de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sem a qual não faria esse estudo.

- Agradeço ainda a todo o apoio de todas as equipes do curso de Letras-Libras da UFSC, especialmente à surda tradutora-atriz Heloíse Gripp, ao editor da equipe hipermídia Lucas de Jesus, aos intérpretes da minha qualificação e da minha defesa. Sem o trabalho de vocês, esta pesquisa não teria sentido!

- Agradeço às leituras, críticas e encorajamentos das minhas queridas amigas Renata Marcondes, Susana Kramer, Elaine Sant'Anna, Patrícia Fanaya, Karin Brígida, Christyne Ribeiro, Luciana Cipelli, Dafny Silveira e Deborah Prosi-bella, dos amigos Profs. Drs. Lincoln Fernandes e Werner Heidermann, de Ednilson Júnior e às orações de todos os meus alunos da Turma de Libras da Igreja Presbiteriana de Curitiba. Muito, muito obrigado por tudo, mesmo! Que Deus abençoe todos e todas vocês!!

- Agradeço por fim aos queridos colegas de trabalho missionário de JOCUM Curitiba-PR e de JOCUM Brasil que, por muitas vezes, me liberaram de atividades extras para que eu pudesse me concentrar na pesquisa! Valeu, Ed!! Valeu Tio Wellington!! Obrigado por acreditarem que eu chegaria até o fim!!

RESUMO

O curso de licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) surge em 2006, como alternativa de inclusão social de surdos, por meio da oferta de uma formação acadêmica na área de ensino de línguas e como resposta prática à visibilidade que a Libras vem conquistando no espaço educacional brasileiro de nível superior. Nesta pesquisa, descreve-se como acontece a atividade tradutória de um texto escrito em português, na modalidade gráfico-visual, para um texto oral em Libras, na modalidade espaço-visual, mediante a identificação e análise de performances desenvolvidas por uma surda tradutora-atriz integrante da equipe de tradução do curso de Letras-Libras. Realizamos reflexões sobre conceitos adotados de tradução e de interpretação e esboçamos um mapeamento da presença da língua de sinais nos Estudos da Tradução para estabelecer a localização teórica. Assim, neste estudo de caso observacional, descritivo e exploratório com estrutura de análise interdisciplinar, o objeto de pesquisa fora delimitado ao conteúdo formado pelo hipertexto em português e pelas re-textualizações em Libras da seção de apresentação da unidade 02 da disciplina de *Aquisição da Linguagem*, do ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA) do Letras-Libras. Para fundamentação teórica, há conteúdos da Linguística Textual, dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais. Com dados obtidos a partir da observação direta do conteúdo resultante do objeto delimitado, em termos de resultados, temos: a descrição das performances observadas segundo o trabalho da surda tradutora-atriz, as quais, foram divididas em performance pré-tradutória e performance identificada durante o procedimento de tradução. A primeira, pelas iniciativas conduzidas depois do estudo dos textos-base, entre outros conteúdos-fonte, é descrita como o *uso de glosas*, sendo que, essas últimas, consistem em uma interlíngua escrita em português do texto em Libras que confere suporte ao procedimento de tradução. A segunda, pela frequência durante os procedimentos de re-textualização no hipervídeo observado, é descrita como *transliteração* e consiste na transposição de uma palavra, letra a letra, de uma língua oral para uma língua de sinais. Logo, ao se observar tais performances e, com base no modelo do texto alvo, percebem-se aplicações e adaptações desse último nos procedimentos tradutórios, de forma que, por um lado, a informação primária evidenciada na mensagem (M) fora preservada, e, por outro, a informação secundária evidenciada na informação contextualizadora (FI), na informação induzida ou motivada por questões linguísticas (LII) e na informação pessoal (PI), apresentou alterações, entre outros fatores, por conta de efeitos de modalidade das línguas em contato nas traduções. Portanto, mesmo com as limitações de um estudo de caso observacional, descritivo e exploratório da tradução de uma única tradutora, conclui-se que é possível traduzir um texto escrito em uma língua oral para um texto oral em uma língua de sinais, ainda que haja perdas linguísticas devido às diferenças de modalidade entre as línguas envolvidas.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais, Libras, performance de tradução, tradutor-ator, Letras-Libras, ambiente virtual de ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

The Santa Catarina Federal University (UFSC) Brazilian Sign Language and correspondent literature undergraduate degree program (*Letras-Libras*) started in 2006, as an alternative for the social inclusion of the deaf, offering academic formation in the language teaching area as well as a practical response to the visibility that Brazilian Sign Language is achieving in Brazilian university education. In the following research, it is described how the translational activity occurs from a written text in Brazilian Portuguese, in the graphic-visual modality, to an oral text in the *Brazilian Sign Language (Libras)*, in the spatial-visual modality, through the identification and analysis of certain performances developed by a deaf translator-actor who is a member of the translation team of *Letras-Libras*. We took into consideration the translation and interpretation concepts adopted, outlining a map that sketches the placement of sign language within Translation Studies, to establish a theoretical localization of this research. Within this exploratory, descriptive and observational case study and its interdisciplinary analysis structure, the research object was delineated to the contents formed by the Portuguese hypertext and the retextualized products in *Libras* of the presentation section of the second section of the *Language Acquisition* course, released on-line in the Virtual Environment of Teaching and Learning (VETL) of *Letras-Libras*. In terms of theoretical foundation, contents from Textual Linguistics, Translation Studies, and Sign Language Translation and Interpretation Studies were used. From data obtained through direct observation of the resultant content from the delineated object, as the results, we have the description of observed performances in accordance with translational procedures of the deaf translator-actor which were classified in: previous translation performance and performance occurred during the translation procedure. The first, through the initiatives conducted after studying the base-texts as well as other source-content, is described as *gloss usage*, which consists of a written interlanguage in Portuguese of the text in *Libras* that support the translation procedure. The second, by its frequency during the video observation of the retextualization process, is described as *transliteration*, which consists in the transposition of a word, letter by letter, from a spoken language to a signed language. After observing these performances, and based on the targeted text translation model, some applications and adaptations of the latter on the translational procedures were noticed. On one side, we have the primary information evidenced by the message (M) preserved and, on the other side, the secondary information evidenced by the framing information (FI), the linguistically induced information (LII) and by the personal information (PI) presented with some modifications, among other factors, because of the modality effects of the languages in contact in the translations. Finally, even with the limitations of an exploratory, descriptive and observational case study of a single translator, it was possible to conclude that it is possible to translate an oral language written text into an oral sign language text, even though linguistic losses occur because of modality differences between the languages involved.

Keywords: Brazilian Sign Language, Libras, translation performance, translator-actor, *Letras-Libras*, virtual teaching and learning environment.

RELAÇÃO DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AVEA - Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem
EI – Estudos da Interpretação
EILS – Estudos da Interpretação de Línguas de Sinais
ETILS – Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais
FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IES – Instituição de Ensino Superior
IS – Interpreting Studies
ILS – Intérprete(s) de Língua de Sinais
LS – Língua de Sinais
Libras – Língua Brasileira de Sinais
TILS – Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

ÍNDICE DE GRÁFICOS, FIGURAS E TABELAS

Gráfico 01 - esboço de mapa de categorias ou “ramos” dos Estudos da Tradução conforme Holmes (1972, 1988).

Gráfico 02 - esboço de mapeamento de áreas de pesquisa em Tradução conforme Williams e Chesterman (2002).

Gráfico 03 - mosaico de temas dos estudos da tradução com os quais tem trabalhado a Editora St. Jerome.

Gráfico 04 - esboço do mapa conceitual dos Estudos da Tradução proposto por Pagano e Vasconcellos (2003).

Gráfico 05 - esboço de mapa conceitual dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais - ETILS.

Gráfico 06 - distribuição quantitativa de pesquisas em torno da Libras com base no Banco de Teses da CAPES.

Gráfico 07 - esboço de mapa de campos de pesquisa nos Estudos da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais - ETILSB, com base em Grbic (2007), Pagano e Vasconcellos (2003) e Banco da CAPES.

Gráfico 08 - mapa de disciplinas com fronteiras comuns aos Estudos da Tradução (Hatim e Munday, 2004: 08).

Gráfico 09 - ilustração do modelo de texto-alvo de Gile (1995, 2009).

Fig. 01 - Visualização do conteúdo on-line no AVEA do Letras-Libras.

Fig. 02 - Disposição geral do conteúdo da Unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA.

Fig. 03 - Detalhe da disposição do conteúdo da Unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA.

Fig. 04 - Disposição do hipervídeo na interface virtual referente às atividades da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA

do Letras-Libras (barra de tarefas em fundo verde e topo, em fundo azul).

Fig. 05 - Detalhes adicionais da disposição do hipervídeo na interface virtual referente às atividades da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA do Letras-Libras.

Fig. 06 - Hiperlivro e hipervídeo da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA.

Fig. 07 - Exemplo ilustrativo de um texto em LS com coesão.

Fig. 08 - Outro exemplo ilustrativo de um texto em LS.

Fig. 09 - Glosa referente ao texto escolhido da disciplina de Aquisição da Linguagem para análise.

Fig. 10 - Disposição dos frames que ilustram os sinais de “AGORA” e “VAI” na quarta oração.

Fig. 11 - frames 125 a 132 que indicam marcações de oralidade na re-textualização da surda tradutora-atriz.

Fig. 12 - imagem ilustrativa do uso de glosas - identificada pelo círculo - no procedimento tradutório.

Fig. 13 - mais detalhes do ambiente de trabalho dos tradutores-atores surdos (estúdio).

Fig. 14 - Exemplo da utilização da performance pré-tradutória das *glosas*.

Fig. 15 - *frames* correspondentes à sinalização e à transliteração de *HG* para a palavra TEORIA

Fig. 16 - Frame que traz o momento em que se inicia a primeira transliteração do termo *VAI*.

Fig. 17 - Frame que traz o momento em que se inicia a segunda transliteração do termo *VAI*.

Fig. 18 - Entre os frames 98 e 109, temos a transliteração da palavra *INTUITIVA*.

Tabela 01 - disposição das diferenças de coesão e coerência entre o texto-base e o hipertexto do hiperlivro.

Tabela 02 - Principais características do hipertexto conforme Koch (2007: 25b).

Tabela 03 - lista de suportes de orientação do modo de estruturação hipertextual.

Tabela 04 - Primeira oração em português e na glosa com símbolos.

Tabela 05 - Segunda oração em português e na glosa com símbolos.

Tabela 06 - Terceira oração em português e na glosa com símbolos.

Tabela 07 - Quarta oração em português e na glosa com símbolos.

Tabela 08 - Correspondências diretas para o conteúdo da segunda e terceira orações do texto escolhido para análise com base na glosa com símbolos proposta por HG.

INTRODUÇÃO

“Uma semente foi plantada e brotou, cresceu e formou uma grande árvore que começou a dar frutos, os frutos produzem novas sementes e se espalham por vários lugares. Assim é o curso de letras Libras, pois é uma grande árvore que deu frutos e espalhou sementes pelo Brasil todo. Agora, o curso se torna realidade em outros estados e consolida uma política afirmativa, uma política lingüística, uma política de formação de professores surdos”.

(Prof. surdo Fabiano Souto)¹.

Desde que foram ratificadas a Lei 10.436 de 2002 e o decreto 5696 de 2005, a Libras vem conquistando cada vez mais visibilidade no cenário educacional brasileiro de nível superior. Isso é tanto, que hoje já existe a inserção dessa língua em disciplinas curriculares obrigatórias de todos os cursos de Pedagogia, bem como, em outras licenciaturas plenas, de Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil, além de horários eleitorais gratuitos, anúncios de classificação etária de programas de televisão, entre outros espaços.

Diante desse cenário, o curso de licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) surgiu em 2006 como uma alternativa de garantia da inclusão de surdos na sociedade por meio da oferta de uma formação acadêmica na área de ensino de línguas, incluindo aspectos sociais, culturais e políticos. Desde o seu surgimento, esse curso tem revelado a presença de esforços multidisciplinares para conseguir funcionar plenamente, já que, sua própria criação se deu a partir do trabalho de um grupo de especialistas da UFSC e da FENEIS, os quais se reuniram especialmente em prol de seu *nascimento*, pensando a educação de surdos juntos e levando em consideração aspectos que representam as experiências visuais das pessoas surdas, por exemplo.

Dessa forma, o Letras-Libras está organizado de forma a expressar o conhecimento na Libras, como também, captar as formas de ensinar e aprender dos surdos, pois, a língua de instrução é a Libras, fato esse que se coaduna com a política atual de educação de surdos no Brasil (para mais detalhes, ver Quadros, Cenry e Pereira, 2008).

No caso específico desse estudo, além do interesse pessoal pela tradução envolvendo línguas de modalidades de articulação diferentes como o português e a Libras, há também a preocupação de oferecer refle-

1 - Texto enunciado na apresentação do curso de Letras-Libras por ocasião da aula inaugural em 2006, conforme informado pela própria coordenadora geral do curso na época, Ronice Müller de Quadros, por e-mail, em 18 de Janeiro de 2010.

xões concebidas a partir da análise descritiva de performances de tradução observadas entre profissionais de uma das equipes profissionais interdisciplinares do curso de Letras-Libras, a saber: *a equipe de hipermídia*.

De acordo com Quadros, Cenry e Pereira (2008: 44), a equipe de hipermídia do curso de Letras-Libras é composta por professores do Curso de Design do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, e trabalha com o Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA) do curso, customizando-o e adaptando-o para refletir a Cultura Surda. Trata-se de um grupo de trabalho que desenvolve hipertextos, animações e ilustrações para compor os materiais didáticos digitais que são disponibilizados no AVEA, incorporando os vídeos em sinais produzidos pela equipe de vídeo, de acordo com o que foi preparado pela equipe pedagógica, além de ser responsável pela produção e publicação dos hipervídeos com as traduções em Libras dos hipertextos referentes aos conteúdos das disciplinas do curso.

Vale ressaltar que, atualmente, o mesmo curso de Letras-Libras já é ofertado com habilitação e em uma modalidade presencial na UFSC, mas, para esta pesquisa, foram considerados conteúdos traduzidos para a modalidade à distância do mesmo, mais precisamente, conteúdos produzidos para a primeira turma da licenciatura, iniciada em 2006. Assim, Quadros e Souza (2008: 172), trazem que

os tradutores/atores partem dos textos escritos para a produção dos materiais na versão em Língua de Sinais. Esse processo tradutório é completamente novo, pois, envolve um texto escrito de um língua falada no país e um texto “oral” sinalizado na Língua Brasileira de Sinais (QUADROS e SOUZA, 2008: 172).

Diante disso, pode-se introduzir esta pesquisa, apresentando-a como centrada na interface interdisciplinar envolvendo a tradução entre línguas de modalidades de articulação diferentes (português e Libras), e ainda, nos Estudos da Tradução (ET), conectada a subáreas como a dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), por exemplo.

Nesses termos, para a construção desse cenário exploratório de interfaces, foi necessário trilhar alguns caminhos na busca pela familiarização e afiliação com os conceitos, com as áreas e com as teorias nas quais este estudo se insere.

Então, no primeiro capítulo, busca-se apresentar os lugares de partida pelos quais passamos até a chegada da delimitação do objeto de

pesquisa. Para isso, conceitos de tradução e interpretação são enunciados, bem como, um breve resgate da naturalidade linguística das línguas de sinais é traçado. Além disso, fez-se um esboço de mapeamento da presença da língua de sinais no campo dos Estudos da Tradução, desde as primeiras iniciativas de mapeamento conduzidas por Holmes (1988), passando por mapas mais atuais no contexto europeu como os de Williams e Chesterman (2002) e Grbic (2007), e ainda, no contexto brasileiro, como o esboço de Pagano e Vasconcellos (2003) até se chegar a uma tentativa informal de esboço de mapeamento dos estudos da tradução e interpretação da Libras a partir de pesquisas sobre essa língua disponíveis para consulta no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação do Brasil – CAPES.

O objetivo maior dessa descrição desses lugares de partida é reiterar que a Libras tem passado a ser objeto de investigação também segundo uma perspectiva tradutória e não apenas interpretativa. Isso porque, segundo Grbic (2007), ao longo da história da pesquisa no campo das línguas de sinais, tem sido comum encontrar mais pesquisas a respeito da interpretação de língua de sinais e menos sobre os procedimentos tradutórios envolvendo línguas de modalidades diferentes em contato, como o português e a Libras, por exemplo.

A seguir, no segundo capítulo, são informados mais detalhes sobre os primeiros passos traçados para se chegar à formatação do objeto de pesquisa. Para isso, apresentamos as demandas de tradução do Curso de Letras-Libras da UFSC, descrevendo etapas que permeiam os procedimentos tradutórios. Na sequência, há informações sobre como aconteceu a montagem do cenário investigativo deste estudo, desde as fases de desenvolvimento deste trabalho, incluindo a escolha do objeto e sua delimitação de abordagem, até os critérios para a escolha do produto e da personagem analisados, os métodos utilizados e o procedimento descritivo de análise dos dados coletados.

A título de concatenar as fundamentações teóricas com as escolhas práticas em termos de método de pesquisa, houve a preocupação de não apenas dizer como transcorreu a atividade de coleta de dados em si; mas sim, de apresentar o que foi feito, a partir da teia de afiliações teóricas multidisciplinares que formaram o objeto de pesquisa. Fez-se isso para corroborar com a multidisciplinaridade dos ETILS, conforme Turner (2007), por exemplo. Portanto, esse segundo capítulo não se trata só de uma lista de etapas seguidas, mas sim, de uma seção descritiva dos mo-

mentos vivenciados para se obter os dados para análise, conectando tudo com o referencial teórico-conceitual.

Na sequência, no capítulo terceiro, traz-se o que se chamou de *fundamentos da caminhada de pesquisa*, ou seja, os esclarecimentos acerca da configuração textual na modalidade gráfico-visual da língua portuguesa e na modalidade oral da Língua Brasileira de Sinais, como também, acerca dos textos utilizados no Letras-Libras, bem como, a síntese dos referenciais teóricos que fundamentam esta pesquisa, partindo da abordagem interdisciplinar dos Estudos da Tradução conforme Hatim e Munday (2004), passando pelo modelo do texto alvo segundo Gile (1995), pela norma Surda de tradução (Stone, 2009), pela noção de interpretação em LS como performance de Novak (2005), até chegarmos aos efeitos de modalidade de línguas em contato conforme Quadros (2006) e os presentes na tradução para a Libras de conteúdos de ensino do AVEA do curso de Letras-Libras, segundo Quadros e Souza (2008).

Com base em contribuições teóricas da área de oralidade e escrita como as de Ong (1998) e outras da linguística da língua portuguesa como as de Koch e Travaglia (2000), como também, da linguística da Libras a partir de Santos (1994), Quadros e Karnopp (2004) e Silva (2009), apresentam-se os elementos que fazem um texto ser considerado texto em português e na Libras. A intenção com essas caracterizações é, dentre outras, a de eslecer o entendimento de assertivas como as trazidas por Quadros e Souza (2008: 172a) que versam que, no caso do Letras-Libras, os procedimentos tradutórios acontecem entre “um texto escrito de uma língua falada no país e um texto ‘oral’ sinalizado na Língua Brasileira de Sinais”. Ademais, compreender a estrutura textual de uma língua gráfico-visual e de outra que é espaço-visual, constitui um elemento importante para compreender a descrição de performances tradutórias envolvendo essas em contextos virtuais de ensino e aprendizagem.

Nesse capítulo ainda, apresenta-se o esboço conceitual da tradução e interpretação da língua de sinais como performance, descrevendo como foi feita a escolha e a aplicação de modelos como o do texto-alvo tais como o de Gile (1995) em meio à equipe de tradutores-atores surdos do curso e com qual objetivo tal aplicação foi viabilizada, por exemplo, e evidenciar como os efeitos de modalidade – com base em Quadros (2006) e Quadros e Souza (2008) – contribuíram para a percepção das características específicas do procedimento tradutório dos conteúdos do traduzidos para o AVEA do curso de Letras-Libras.

Nessa mesma linha de raciocínio, nessa etapa de síntese conceitual, também se comenta mais sobre o porquê de se escolher a *norma surda de tradução*, conforme Stone (2009) e a noção de interpretação de língua de sinais como performance segundo Novak (2005) para serem as categorias de análise dos dados coletados da pesquisa, que foram as próprias performances de tradução. Aqui, esclarece-se que buscamos categorias de análise concatenadas com o caráter eminentemente descritivo e não prescritivo desta investigação.

Logo após as sínteses teóricas, no capítulo quarto, são apresentadas *descrições do que foi observado no percurso*, revelando assim, duas performances observadas no procedimento de trabalho de uma surda tradutora-atriz da equipe de tradução do curso de Letras-Libras, sendo que, uma delas ocorre antes do procedimento tradutório acontecer e a outra, aparece durante o procedimento em si. Dessa forma, descrevemos o *uso de glosas* como sendo a performance pré-tradutória e a transliteração como sendo a performance observada durante a execução da atividade tradutória por parte da surda tradutora-atriz. Quanto às glosas, tem-se que essas constituem uma interlíngua escrita em português do texto em Libras que confere suporte ao procedimento de tradução. Quanto à transliteração, tem-se que essa consiste na transposição de uma palavra, letra a letra, de uma língua oral para uma língua de sinais.

No caso da performance pré-tradutória, é apresentado o esboço de glosa enviado pela própria surda tradutora-atriz escolhida como personagem de análise nesta pesquisa, destacando algumas implicações dessa no ato tradutório com base nas observações de Quadros e Souza (2008). A seguir, a título de ilustração, foram utilizadas imagens “quadro a quadro” (ou *frames*) que, em uma visão bidimensional, “transcrevem” essa performance tradutória tal como fora identificada, desde o início até o fim de sua ocorrência.

No capítulo quinto, traz-se a *análise e discussão do que foi observado pelo caminho*, de forma que, caminha-se pela adaptação e aplicação do *modelo do texto-alvo* de Gile (1995, 2009) em Libras a partir dos procedimentos tradutórios observados no Letras-Libras. Por fim, em nível de considerações finais, no capítulo sexto, segue-se “*olhando para trás, mas na mira do porvir*” e, assim, apresentamos, além das reflexões finais em torno das performances de tradução, mais detalhes sobre a figura do surdo tradutor-ator, que se configurou como um novo profissional passível de atuar com procedimentos tradutórios na interface Libras-português, sejam de nível acadêmico ou não. Pontuam-se ainda,

possíveis desafios para os interessados em seguir pelos ETILS no contexto brasileiro atual de pesquisa acadêmica.

Nesse ínterim, assim como explanam Quadros, Cenry e Pereira (2008: 53), entende-se que cursos tais como o Letras-Libras da UFSC estão desenvolvendo um aparato técnico que compreende aspectos da tecnologia visual relacionada às formas linguísticas das línguas de sinais e aos processos de organização do conhecimento elaborados pelos sujeitos surdos. Com esse curso, sistemas de complexidade de linguagens tecnológicas têm sido implementados gradativamente e, assim, têm constituído ainda, fontes nacionais de pesquisa aplicada.

Portanto, espera-se que um trabalho que objetiva descrever e analisar performances de tradução observadas nos procedimentos de trabalho desenvolvidos pela equipe de hipermídia do curso de Letras-Libras frutifique e fomente o desenvolvimento de novos métodos de tradução para a Língua Brasileira de Sinais em outros cursos de licenciatura em Letras-Libras que venham a surgir no futuro em nosso País.

1– LUGARES DE PARTIDA

um mapa não é o território mapeado; ou seja, trata-se de uma representação, de um quadro sinóptico, através do cotejamento de uma configuração – construída para fins do mapeamento – em outra configuração que se depreende do terreno a ser representado

(PAGANO e VASCONCELLOS, 2003: 02).

1.1 – Reflexões conceituais

Ainda que seja um produto com conteúdo informacional limitado, conforme ressaltam Pagano e Vasconcellos (2003) na epígrafe acima, o mapeamento de um campo disciplinar é importante para a localização de investigações que nascem a partir de lugares interdisciplinares inovadores e trilham caminhos por rumos carentes de direcionamentos teóricos prévios especializados, como no caso desta pesquisa. Assim, nessa apresentação dos lugares de partida percorridos até se chegar à delimitação do objeto, entende-se ser necessário mencionar considerações conceituais que fundamentam toda a abordagem teórica e conferem segurança às análises e discussões.

1.1.1 – Tradução como re-textualização

O conceito de tradução adotado é o que consiste numa nova produção textual, vinculada a uma produção textual anterior, sendo que, em novo contexto, em uma nova língua. Isto é, compreende-se a tradução como uma re-textualização, pois, um texto traduzido se relaciona, no mínimo, ao conteúdo ideacional do texto de partida textualizado anteriormente em outra língua. Essa noção acerca do conteúdo ideacional de um texto é trazida por Quadros e Vasconcellos (2008) sob uma influência hallidayana (Quadros e Vasconcellos, 2008: 06). Porém, a intenção aqui não é a de aprofundar essas abordagens teóricas, pois, essa relação com o conteúdo ideacional na re-textualização já foi abordada por Coulthard (1987,1992) e trabalhada por Costa (1992, 2005), por exemplo. Então, para os fins desta pesquisa, acredita-se que caminhar com base no trabalho desses autores já é o bastante.

Assim, considera-se a proposta de conceituar a tradução como re-textualização a partir de Costa (2005: 30), que, por sua vez, afirma que, ao contrário do escritor do texto original, o tradutor é “aquele tipo especial de escritor que cria o texto não a partir do seu próprio ideacional, mas a partir de outro texto” (COSTA, 2005: 30). Dessa forma, nesta investigação, buscamos descrever o procedimento de uma tradutora surda, que passa a ser um tipo especial de escritora, criadora de um texto oral em

uma língua de modalidade espaço-visual, a partir de um texto de partida na versão gráfico-visual de uma língua de modalidade oral-auditiva.

No entanto, o tradutor possui uma diferença que, de acordo com Costa (2005: 30a),

está no fato de que o tradutor não é limitado somente pela gramática, pelos padrões lexicais da sua língua e pela sua habilidade como textualizador, mas sofre também, restrições impostas pelo texto preexistente, pelo seu tom e conteúdo, com os quais ele pode não estar de acordo, assim como impostas pela organização textual, ainda que em outro código (COSTA, 2005: 30a).

No caso dessa pesquisa, acrescenta-se que vale ressaltar a existência de restrições impostas pela organização textual em um código com modalidade diferente daquela do texto preexistente. Ou seja, além das restrições textuais impostas pelo texto de partida e das limitações oriundas da configuração textual de chegada, há os efeitos de modalidade (que serão descritos a *posteriori*) decorrentes das línguas envolvidas no procedimento tradutório.

Ademais, Costa (2005) pontua que o procedimento tradutório é mais bem compreendido quando conseguimos reconhecer dois momentos textuais – o *eminente ideacional* e o de *re-escritura* – e os problemas que lhes são inerentes. Assim, para efeitos didáticos, nesta pesquisa, a concentração vai estar direcionada à descrição de procedimentos adotados pela tradutora antes da re-textualização e durante o ato de re-textualizar.

Costa (2005) trabalhou o desenvolvimento de um argumento afim a esse estudo de que, pela tradução, “um texto adquire sua expansão máxima, já que, ele transcende os estreitos limites linguísticos no qual foi concebido” (Costa, 2005: 32). Por outro lado, essa expansão mencionada pode também significar um momento crítico, já que, nesse estágio do texto re-textualizado, podem surgir questionamentos como: *o que lemos na tradução é o mesmo que contém no original? E, se for, é até que ponto?* (COSTA, 2005: 32a).

Questões como essa são recorrentes em contextos tradutórios envolvendo línguas de sinais, ao ponto que, nesse caso, podem surgir perguntas do tipo: *o que estou vendo nessa tradução em sinais é o mesmo que está escrito no texto original?* Como observaram Quadros e Souza (2008), em relação ao Letras-Libras, por exemplo, “questões-problema” como essa, geralmente emergem em meio ao procedimento tradutório. Ressalta-se que a noção desse argumento de expansão máxima de um tex-

to se torna o ponto de partida que permite ao tradutor gerar um novo texto no contexto tradutório de chegada, no qual está instalada a decisão mais importante na dimensão do ‘*que*’ e ‘*para quem*’ e ainda, na do ‘*como*’ re-textualizar (Quadros e Vasconcellos, 2008). O resultado dessas decisões afetam, segundo essas, a seleção de significados a serem realizados e a configuração textual da tradução. Para essa pesquisa, descreve-se a configuração textual da tradução de uma tradutora surda, ilustrando com outras descrições afins.

Além disso, Quadros e Vasconcellos (2008) reiteram que a definição das características textuais de um conteúdo a ser traduzido em um determinado contexto tradutório é informada pelas dimensões oriundas das escolhas de significados e da configuração textual da tradução.

Portanto, compreendemos ser relevante a descrição de tais características textuais quando, no procedimento tradutório em questão, estão envolvidos textos gráficos e espaço-visuais e a afirmação de que a tradução acontece “de texto para textos” (COSTA, 2005: 30b).

1.1.2 – Interpretação como atividade marcada pela instantaneidade

Diferente do entendimento das noções de textualização e re-textualização que envolvem o procedimento tradutório, o conceito de interpretação considerado fundamental à compreensão clara do objeto desta pesquisa é o que traz o ato de interpretar como sendo mais instantâneo que o ato de traduzir.

A título de se chegar a uma conceituação, traz-se Shuttleworth e Cowie (1997), que entendem que a interpretação² “é um termo utilizado para se referir à tradução oral de uma mensagem falada ou de um texto” (Shuttleworth e Cowie, 1997: 83 – nossa tradução). Na sequência desse verbete, mais informações são apresentadas, desde dados históricos até

2 - utilizamos interpretação aqui como correspondência direta no português para o termo *interpreting* que também pode ser traduzido como “ato de interpretar”, e é citado por Shuttleworth e Cowie (1997: 83-84) como verbete logo após *interpretation*, que, no caso desse dicionário desses autores, está mais relacionado à tradução poética, o que não corrobora com o conceito de interpretação que adotamos aqui. Além disso, Shuttleworth e Cowie (1997: 84) alertam: “*while the term interpretation is often used interchangeably with interpreting, some writers insist the former term should be avoided in this context*”. Nesse alerta desses autores, compreendemos que a noção de interpretação como “senso de entendimento de significados ou intenções” deve ser evitada como intercambiável ao ato de interpretar. Ou seja, a interpretação deve estar mais ligada ao ato de interpretar que à ação de compreender ou entender intenções.

a enumeração de aspectos singulares. O primeiro desses diz que os intérpretes precisam ser “comunicadores orais expertos”. O segundo fala que os profissionais da interpretação devem criar um produto final em “tempo real” sem a possibilidade de voltar atrás nem de fazer revisões, ao contrário dos tradutores, que podem fazer alterações e melhorias antes de publicarem a versão final do conteúdo traduzido (Shuttleworth e Cowie, 1997: 84). Assim, os autores continuam descrevendo esses aspectos até mencionarem os vários tipos de interpretação que podem ser distinguidos, desde a interpretação comunitária, passando pela interpretação de conferência, consecutiva até mencionarem que “há um tipo de interpretação significativamente diferente dos outros, que é a interpretação de línguas sinalizadas, uma vez que envolvem modalidades tanto orais quanto visual-gestuais” (SHUTTLEWORTH e COWIE, 1997: 84a – nossa tradução).

Nesse sentido, tem-se que a dicotomia *tradução como algo ligado a conteúdos escritos versus interpretação como algo voltado a eventos orais* também está presente no universo acadêmico envolvendo investigações acerca de línguas de sinais, como ressalta Stone (2009: 01), ao comentar que “enquanto a tradução e a interpretação estão preocupadas com a versão de uma língua em outra, existem diferenças entre elas, devido à *forma e ao limite de tempo*”. Além disso, Stone (2009: 01a) se vale de Frishberg (1990) para diferenciar conceitualmente tradução de interpretação. Segundo ele, conforme Frishberg (1990: 18), a tradução se refere a textos escritos e a interpretação se refere a uma transmissão “ao vivo e imediata” de discurso, seja falado ou sinalizado. Em ambos os casos, segundo Stone (2009: 11b), a língua ou texto fonte/original é traduzida ou interpretada para uma língua ou texto alvo.

No entanto, é pelo conceito de interpretação trazido por Pöchhacker (2004: 10), que se percebe que essa se diferencia da tradução, mais sucintamente, a partir da instantaneidade (ou *immediacy*, no original). Isto é, para ele, em princípio, o ato de interpretar é algo performatizado “*aqui e agora*” que visa o benefício das pessoas comprometidas com a comunicação para além de barreiras linguísticas ou culturais (PÖCHHACKER, 2004: 10 – nossa tradução).

Segundo Pöchhacker, trabalhar a diferença entre tradução e interpretação pelo viés da instantaneidade é menos excludente que a partir do viés diferencial do *meio* (conforme mencionado por Stone (2009)), uma vez que ele se vale de Kade (1968) para apresentar a interpretação como uma forma de tradução em que “o texto na língua-fonte é apresentado ape-

nas uma vez sem poder ser revisado ou re-executado, e o texto na língua-alvo é produzido sob pressão de tempo, com poucas chances de correção e revisão” (KADE, 1968 in PÖCHHACKER, 2004: 10 – nossa tradução).

Nesses termos, infere-se que o conceito de interpretação como atividade mais instantânea que a re-textualização está mais afim a um contexto envolvendo línguas de modalidades diferentes tal como nesta pesquisa, porque, por se tratar de um objeto composto por um texto em português que é re-textualizado em Libras e passa por revisões e edições antes de ser publicado on-line, entende-se que se trata de algo traduzido e não interpretado.

Outro autor cuja orientação conceitual de interpretação corrobora com a visão de instantaneidade trazida por Pöchhacker (2004) é Cokely (1992) que, segundo apresentado por Quadros e Souza (2008: 183), entende a interpretação como uma “mediação de vários elementos internos e externos à mensagem que está sendo apresentada”.

Assim, além de compreender que a interpretação envolve um limite de tempo diferente do que é vivenciado nos procedimentos de re-textualização, consideramos essa concepção cokelyana de interpretação como mediação com um entendimento de que há claras diferenças quando se analisa o contexto tradutório do curso de Letras-Libras, pois, como ressaltam Quadros e Souza (2008: 184):

não estaríamos fazendo uma mediação simultânea, tal como os intérpretes ouvintes de Língua de Sinais atuando em instâncias de monólogos expositivos não-recíprocos, conforme foi estudado por Cokely. Ao contrário, a equipe de tradutores/atores surdos tem como foco tradutório a produção de textos passíveis de reflexão, de tempo de pré-produção, produção e de condições de avaliação pós-tradutória.

Portanto, com o conceito de tradução como re-textualização e de interpretação como mediação instantânea, abordam-se ainda, a seguir, outros lugares de partida ligados à naturalidade linguística das línguas de sinais e a um esboço de mapeamento da presença da língua de sinais nos Estudos da Tradução tanto internacional quanto nacionalmente.

1.1.3 – A naturalidade das línguas de sinais

A partir da abordagem de estudos conduzidos por Quadros e Karnopp (2004), por exemplo, entende-se que, para um melhor entendimento

do tipo de tradução abordado neste estudo, é necessário se comentar acerca da naturalidade linguística da Libras.

Logo, após apresentarem alguns elementos passíveis de diferenciar as línguas humanas dos sistemas de comunicação animal, Quadros e Karnopp (2004: 25-28), partindo da idéia de que a língua “é um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários, caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade e transmissão cultural”, definem a Libras como sendo uma língua natural.

Em termos formais, as autoras apresentam o conceito de língua natural a partir de Chomsky (1957), que versa que a língua é um conjunto de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos (Quadros e Karnopp, 2004: 30). Dessa forma, elas afirmam que tais elementos básicos são as palavras, para as línguas orais, e as palavras sinalizadas, para as línguas de sinais: as frases da língua são representadas em termos de uma sequência dessas unidades e, assim, ratificam que as línguas de sinais são línguas naturais e compartilham várias características que atribuem um caráter linguístico, distinguindo-as dos demais sistemas de comunicação.

As autoras discorrem ainda sobre os estudos seminais de Stokoe (1960) – que foi um dos pioneiros na apresentação linguística das línguas de sinais como línguas naturais – e defendem a Libras enquanto língua, desmitificando idéias acerca das línguas de sinais. Assim, enumeram-se alguns mitos que, segundo essas pesquisadoras, vem sendo desmitificados: *(i)* – a língua de sinais seria incapaz de expressar conceitos abstratos; *(ii)* – haveria uma língua de sinais única e universal e *(iii)* a língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial e inferior ao sistema de comunicação oral (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Nesses termos, segundo Quadros e Karnopp (2004), temos a partir de pesquisas tais como as realizadas por Klima e Bellugi (1979) que poesias, piadas, trocadilhos, etc., constituem uma parte significativa do saber da cultura surda. Logo, responde-se ao mito *(i)*.

Conforme Quadros e Karnopp (2004: 31), tem-se que as línguas de sinais são arbitrárias, podem expressar conceitos abstratos e não necessariamente são representações diretas dos objetos, já que, “os aspectos icônicos e pictográficos de sinais individuais não constituem o aspecto mais significativo da estrutura e do uso da língua de sinais” (Quadros e Karnopp, 2004: 31). Além de responder ao segundo mito *(ii)*, entende-se que essa afirmação revela que, línguas como a Libras são comparáveis, tanto em nível de complexidade quando de expressividade, a quaisquer outras

línguas orais, porque, podem expressar ideias sutis, complexas e abstratas, são diferentes umas das outras e independentes de línguas orais faladas em diferentes países. Ou seja, se consideramos Brasil e Portugal, por exemplo, teremos que essas nações possuem o português como língua comum. No entanto, as línguas de sinais desses países não são as mesmas, de forma que, um surdo brasileiro sinalizará diferente de um surdo português, ainda que esse último apresente em sua Língua Gestual Portuguesa, palavras semelhantes às sinalizadas em Libras (FELIPE, 1998).

Em resposta ao terceiro mito (*iii*), Quadros e Karnopp (2004: 35) esclarecem que essa concepção “surgiu a partir de uma situação socio-linguística marcada pela proibição e intolerância em relação aos sinais na sociedade e, em especial, na educação” e, em seguida, informam que, na medida em que as línguas de sinais garantem maior aceitação, especialmente em círculos escolares, registra-se um aumento no vocabulário, denotando referentes mais técnicos.

Por fim, Strobel (2008: 44) corrobora com a desmitificação da superficialidade comunicativa da Libras, quando, enquanto usuária dessa como primeira língua, comenta que a língua de sinais é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

Portanto, com essa descrição, pretende-se conferir um fundamento linguístico ao tipo de tradução presente no contexto de procedimentos tradutórios do curso de Letras-Libras. Assim sendo, pode-se mencionar que o tipo de tradução a ser descrito nesta investigação, ainda que permeada por línguas de diferentes modalidades, é interlingual; e, conforme Jakobson (2000: 114)³, tem-se que essa se trata de um tipo de tradução em que

mensagens em uma das línguas são substituídas, não por unidades de códigos separadas, mas por mensagens inteiras em outra língua. Essa tradução é uma forma de discurso indireto tal que o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Logo, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes (JAKOBSON, 2000: 114 - nossa tradução).

3 - Trata-se de um artigo seminal da área de ET de 1959 que fora citado no livro Translation Studies Reader de Venuti (2000) e está no espaço entre as páginas 113 e 118.

Dessa forma, segundo Quadros (2006: 169), defende-se ainda que, atualmente não há dúvidas acerca do estatuto linguístico das línguas de sinais. Logo, se antes, a preocupação dos pesquisadores era, por exemplo, em *“como a linguística se aplica às línguas de sinais ou dá conta das línguas de sinais?”* - agora, ela tem passado a ser em *“como as línguas de sinais podem contribuir para os estudos linguísticos?”*. Assim, Quadros (2006) comenta ainda que, essa mudança de paradigma, mesmo sendo aparentemente sutil, abre novos caminhos no campo da linguística, que colaboram com a busca de esclarecimentos para o que é diferente entre essas modalidades de língua, inclusive com o exercício de olhar as línguas de sinais a partir de si mesmas enquanto línguas visuais-espaciais (QUADROS, 2006).

Nesses termos, conforme o recorte do objeto desta pesquisa, pode-se acrescentar perguntas do tipo - *“como a descrição de procedimentos de tradução para línguas de sinais pode contribuir com os estudos da tradução?”* - para se ampliar o foco dessa reflexão mencionada, levando-o à construção de interfaces interdisciplinares entre a linguística e os estudos da tradução, por exemplo. Assim, munidos de um entendimento mais claro acerca da naturalidade das línguas de sinais, compreende-se que é necessário ainda se trazer o nosso último lugar de partida, com base no mapeamento da presença da língua de sinais nos estudos da tradução, tanto nacional quanto internacionalmente.

1.2 – Mapeamento da presença das línguas de sinais nos Estudos da Tradução

Para se esclarecer a filiação acadêmica desta pesquisa aos Estudos da Tradução, é necessário fazer um esboço de mapeamento da presença da língua de sinais nesse, caminhando desde as primeiras iniciativas, como a de Holmes (1988), passando por mapas mais atuais como os de Williams e Chesterman (2002) e Grbic (2007). Nacionalmente, passa-se pelo esboço de Pagano e Vasconcellos (2003, 2004) até a proposta pessoal de esboço de mapeamento dos ETILS no Brasil conforme os resumos das pesquisas sobre tradução para a Libras e em Libras disponíveis para consulta virtual no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Outra intenção desse procedimento é a de reiterar que a Libras tem passado a ser objeto de investigação também segundo uma perspectiva tradutória e não apenas interpretativa. Isso porque, segundo Grbic (2007),

por exemplo, ao longo da história da pesquisa no campo das línguas de sinais, tem sido comum encontrar mais pesquisas a respeito da interpretação de língua de sinais que sobre os procedimentos tradutórios envolvendo línguas de modalidades diferentes, como o português e a Libras.

1.2.1 – O percurso da língua de sinais: de Holmes (1988) a Grbic (2007)

Em termos de filiação acadêmica, a partir de Pagano e Vasconcellos (2004), sabe-se que o primeiro mapa dos Estudos da Tradução, esboçado por Holmes (1972; 1988) revela uma preocupação com a organização das pesquisas dentro de um todo coerente e capaz de contemplar trabalhos variados, como aqueles em que a tradução aparece como objeto.

Logo, houve a adoção de um termo padrão a fim de superar problemas de denominação e o caráter restrito de alguns termos, como *Tradutologia*, por exemplo, que não contemplava interesses investigativos a partir de teorias e métodos não necessariamente ligados a abordagens linguísticas.

Assim, conforme Holmes (1988) a organização dos Estudos da Tradução se dá partir de categorias ou “ramos” - “puro” e “aplicado” e “teórico” e “descritivo”. Abaixo, tem-se uma proposta ilustrativa desse esboço:

Holmes (1972, 1988)

Esboço com base em Vasconcellos (2008)

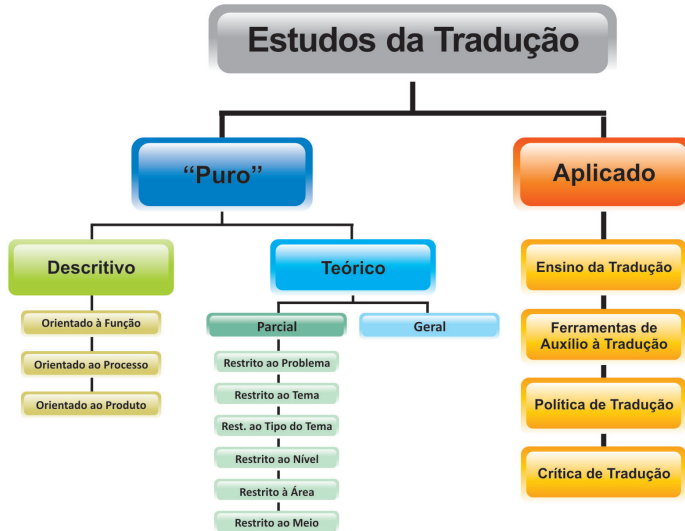


Gráfico 01: esboço de mapa de categorias ou “ramos” dos Estudos da Tradução conforme Holmes (1972, 1988).

Dessa forma, Vasconcellos (2008) menciona que tem havido desdobramentos recentes que marcam o estabelecimento da interpretação de línguas de sinais como objeto de pesquisa na comunidade científica, pois:

- em 1997: foi publicado um volume do periódico canadense META especialmente dedicado à Interpretação de Língua de Sinais.
- em 2002: foram publicados 02 artigos sobre Interpretação de Língua de Sinais na obra “Interpreting Studies Reader” de Pöchhacker e Shlesinger.
- em 2005: aconteceu a publicação da primeira obra inteiramente dedicada à Interpretação de Língua de Sinais da Editora John Benjamins.

- em 2007: a Editora St. Jerome lançou o periódico “The Sign Language Translator and Interpreter – SLTI”, contribuindo assim, para a localização e filiação acadêmica dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais no campo dos estudos da tradução (VASCONCELLOS, 2008).

Na sequência do mapeamento da presença da língua de sinais nos Estudos da Tradução, traz-se a apresentação do mosaico atualizado das áreas de investigação científica dentro desse campo com as quais tem trabalhado a Editora St. Jerome, que é especialista em publicações científicas sobre tradução (Vasconcellos, 2008). Tal gráfico é citado abaixo:

Williams e Chesterman (2002)

Esboço com base em Vasconcellos (2008)



Gráfico 02: esboço de mapeamento de áreas de pesquisa em Tradução conforme Williams e Chesterman (2002).

Conforme Vasconcellos (2008), tem-se a noção das subcategorias vinculadas à interpretação que foram propostas por William e Chesterman (2002), de forma que, segundo ela, para eles, na categoria da interpretação, podem ser desenvolvidas pesquisas sobre estudos cognitivos, comportamentais, linguísticos, sociológicos, sobre ética e história, estudos sobre o treinamento de intérpretes, sobre a avaliação da qualidade e ainda pesquisas sobre *tipos especiais de interpretação*, como é o caso da interpretação de línguas de sinais.

Dessa forma, Vasconcellos (2008) menciona que tem havido desdobramentos recentes que marcam o estabelecimento da interpretação de línguas de sinais como objeto de pesquisa na comunidade científica, pois:

- em 1997: foi publicado um volume do periódico canadense META especialmente dedicado à Interpretação de Língua de Sinais.

- em 2002: foram publicados 02 artigos sobre Interpretação de Língua de Sinais na obra *“Interpreting Studies Reader”* de Pöchhacker e Shlesinger.

- em 2005: aconteceu a publicação da primeira obra inteiramente dedicada à Interpretação de Língua de Sinais da Editora John Benjamins.

- em 2007: a Editora St. Jerome lançou o periódico *“The Sign Language Translator and Interpreter – SLTP”*, contribuindo assim, para a localização e filiação acadêmica dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais no campo dos estudos da tradução (VASCONCELLOS, 2008).

Na sequência do mapeamento da presença da língua de sinais nos Estudos da Tradução, traz-se a apresentação do mosaico atualizado das áreas de investigação científica dentro desse campo com as quais tem trabalhado a Editora St. Jerome, que é especialista em publicações científicas sobre tradução (Vasconcellos, 2008). Tal gráfico é citado abaixo:

Editora St. Jerome

Esboço com base em Vasconcellos (2008)

Tradução Multimídia e Audiovisual	Tradução Religiosa e Bíblica	Bibliografias	Interpretação para a Comunidade/Serviço Público/Interpretação de Diálogo	Interpretação Simultânea e de Conferência
Estudos Comparativos e Contrastivos	Estudos Baseados em Corpus	Interpretação: Legal e Jurídica	Avaliação/Qualidade Avaliação/Testes	História da Tradução e Interpretação
Estudos Interculturais	Estudos de Interpretação	Tradução Literária	Tradução (auxiliada) por Computador	Trabalhos de Múltiplas Categorias
Estudos Orientados ao Processo	Metodologia de Pesquisa	Interpretação de Línguas Sinalizadas	Tradução e Técnica Especializada	Terminologia e Lexicografia
Gênero e Tradução	Tradução e Ensino de Línguas	Tradução e Política	Tradução e a Indústria da Língua	Políticas de Tradução
		Teoria de Tradução	Formação de Tradutor e Intérprete	

Gráfico 03: mosaico de temas dos estudos da tradução com os quais tem trabalhado a Editora St. Jerome.

Nesses termos, observa-se que, ao longo dos últimos 10 anos, a interpretação de língua de sinais tem começado a fazer parte das áreas de investigação científica abrangidas pelos Estudos da Tradução, surgindo também como ramificação de subáreas como a dos Estudos da Interpretação, conforme se comprova pelo mosaico acima.

Logo, corroborando com o pensamento de Vasconcellos (2008) de que a pesquisa em interpretação de língua de sinais tem entrado gradualmente na agenda dos Estudos da Tradução e de que ainda é necessário reconhecer a natureza problemática da afiliação teórica e identitária dessa nesse mesmo campo, traz-se o mapa proposto por Pagano e Vasconcellos (2003). Por não trazer a interpretação de língua de sinais em seu conteú-

do, infere-se que, mesmo sendo um dos esboços mais completos em nível nacional, o mesmo constitui um exemplo ilustrativo da inserção ainda gradual da pesquisa em tradução e interpretação de língua de sinais no escopo dos estudos da tradução:

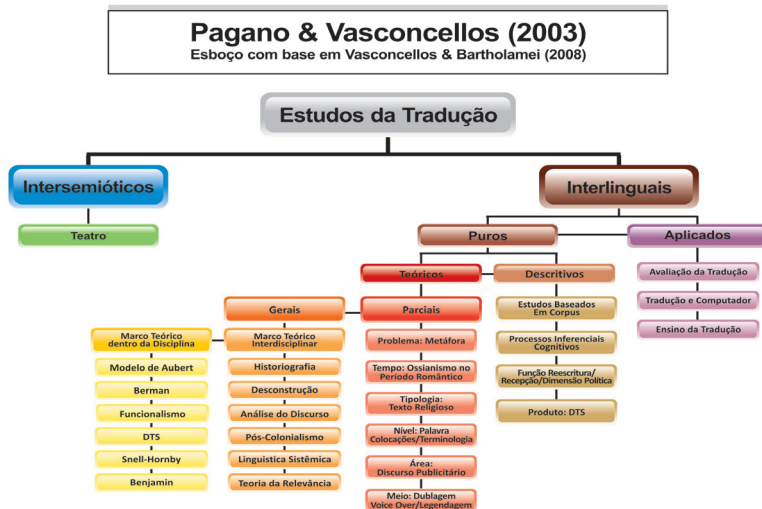


Gráfico 04: esboço do mapa conceitual dos Estudos da Tradução proposto por Pagano e Vasconcellos (2003).

Perante esse gráfico, pode-se questionar: *onde se encaixaria a tradução para a Libras?* Percebemos até então que há tendências de se considerar que as pesquisas sobre línguas de sinais estão voltadas à área de interpretação ou estudos da interpretação.

Nesse sentido, tem-se segundo Pagano e Vasconcellos (2003) que, uma pesquisa sobre tradução para a Libras pertenceria ao ramo de pesquisas *interlinguais*, estando vinculada ao eixo *puro* e, por sua vez, ao grupo que reúne trabalhos *descritivos*. Dentro da coluna dos textos descritivos, estaria diretamente conectada ao campo de “*produto: DTS*” (ou, segundo leitura pessoal, produto vinculado aos Estudos Descritivos da Tradução ou *Descriptive Translation Studies [DTS]*). Isso porque, conforme Grbic

(2007), as pesquisas sobre esse campo de tradução para língua de sinais, possuem um caráter descritivo e estão normalmente voltadas à produção de materiais de ensino, por exemplo. Por fim, seria categorizada como *interlingual, pura e descritiva*.

Então, a partir da Interpretação de Línguas de Sinais, que Williams e Chesterman apresentam como sendo uma das ramificações da Interpretação, traçou-se um esboço de mapa conceitual das áreas de pesquisa em interpretação de línguas de sinais, segundo Grbic (2007):

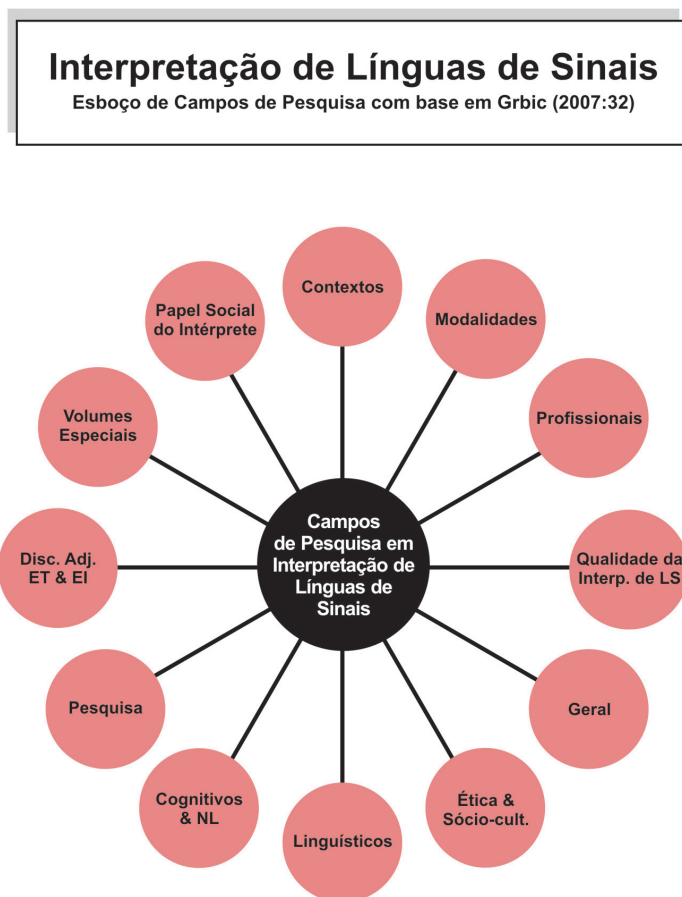


Gráfico 05: esboço de mapa conceitual dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais - ETILS.

Convém ressaltar que, no caso desse último esboço, a tradução não aparece como um campo isolado, mas sim, como subárea do campo *Contextos e Modalidades* (Grbic, 2007: 33), uma vez que, diante de um período de 35 anos de pesquisa analisado bibliometricamente por Grbic, que encontrou 908 trabalhos acerca de línguas de sinais, apenas 09 investigavam procedimentos tradutórios. Assim, percebemos claramente que a base de trabalhos contemporâneos em interpretação de língua de sinais é ampla e tem experimentado movimentos de emancipação, fruto do relacionamento simbiótico com a Linguística, mesmo que essa ainda exerça influências no campo (GRBIC, 2007).

Outra ressalva de Grbic é a de que há carência de contato entre as investigações acerca da interpretação de línguas de sinais e seus campos disciplinares mais próximos e diretamente correlacionados, como é o caso dos estudos da tradução, por exemplo. Segundo ela, apenas 51 dos 908 textos encontrados foram publicados no escopo dos estudos da tradução. Logo, há uma escassez na proporção de trabalhos sobre interpretação de línguas de sinais, sendo apenas 35 entradas na Bibliografia de Estudos da Tradução da Editora John Benjamins (que é a *Translation Studies Bibliography*), e somente 90 na base dados da Bibliografia em Interpretação e Tradução, chamada de BITRA (GRBIC, 2007).

Revelados esses fatos, Grbic (2007) comenta que as políticas educacionais podem talvez explicar o pouco contato da interpretação de língua de sinais com os estudos da tradução e suas subáreas como a dos estudos da interpretação. Além disso, ela também defende que essa separação tem estado fortemente enraizada na história da teoria linguística e, particularmente, na história das concepções antropológicas de mundo. Segundo ela, essa ruptura se intensificou pelo cientificismo linguístico marcado de atitudes logofonocêntricas em relação às línguas de sinais, pelos resultados de modelos médicos e os de reabilitação da surdez, dentre outros, os quais, contribuíram para que, ao longo dos anos, os programas de formação de intérpretes de línguas de sinais não estivessem conectados com escolas de interpretação e de tradução.

1.2.2 – Os estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais no Brasil

Na sequência do rastreamento da presença da língua de sinais nos estudos da tradução, chega-se ao Brasil. Assim, tenta-se propor um esboço de mapeamento dos estudos da tradução e interpretação de língua

de sinais no contexto brasileiro, o qual, será chamado aqui de estudos da tradução e interpretação da Libras – ETILSB. Esse último está filiado aos Estudos da Tradução no contexto brasileiro tanto quanto os Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais estão internacionalmente.

Conforme as categorias encontradas por Grbic (2007) e, mediante o entrecruzamento obtido com a consulta ao banco de teses e dissertações do Banco de Teses e Dissertações da Capes, que funcionou como fonte de pesquisa⁴ – obteve-se resultados conectáveis com a realidade internacional dos ETILS. Outro fundamento considerado foram algumas orientações trazidas por Pagano e Vasconcellos (2003, 2004) quanto à filiação e localização teórica, no contexto científico brasileiro, dos estudos da tradução enquanto disciplina acadêmica.

Segundo essas autoras, entende-se ser importante atentar para a natureza e abrangência do levantamento proposto aqui com foco no contexto brasileiro, porque, esse mapeamento, por exemplo, necessariamente, será (i) *influenciado pelo construto a partir do qual é feito* e (ii) *limitado pela cobertura não exaustiva do território* (Pagano e Vasconcellos, 2003: 02). Com relação ao item (i), o construto utilizado é o esboço gráfico de campos de pesquisa com base em Grbic (2007). Com relação ao item (ii), inicialmente, buscou-se mapear resumos de teses e dissertações de pesquisadores brasileiros, defendidas em diversos programas de pós-graduação nas IES Brasileiras, de dependência administrativa pública e privada, que tiveram seus resumos publicados no Banco de Teses e Dissertações da Capes e, logo após, propôs-se um esboço gráfico ilustrativo dos ETILSB. Por fim, algumas das limitações de análise a partir do banco de dados consultado foram enumeradas e a relação das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais dentro dos campos disciplinares adjacentes relacionados foram discutidas.

Assim, um conjunto de palavras-chave foi escolhido para serem utilizados como descritores de busca no campo *assunto*. Foram eles: *Língua de Sinais, Língua Brasileira de Sinais, Língua de Sinais Brasileira, Tradução de Língua de Sinais, LSB, Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais* e, por último, *Tradução e Interpretação de Língua de Sinais*. Vale ressaltar que, ainda que existam várias limitações em nível de precisão das informações publicadas, dentre outros aspectos, entende-se

4 - serviço disponível no seguinte sítio: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses/>. Tem acesso público e gratuito, e tem o objetivo de “facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país” (CAPES – sítio).

que o Banco de Teses e Dissertações da Capes se trata de uma fonte de consulta de caráter oficial, uma vez que, a Capes constitui uma das instituições brasileiras de nível federal reguladora, por exemplo, da qualidade da educação de nível superior do País.

1.2.2.1 – Pesquisas sobre tradução e interpretação de língua de sinais no Banco da Capes

Diante do recorte de tempo de 1987 a 2007 e, com base na consulta segundo o descritor *língua brasileira de sinais* no campo assunto, o Banco de Teses e Dissertações da Capes traz os seguintes resultados:

- 155 pesquisas entre teses e dissertações, quando escolhida a opção de refinamento “*todas as palavras*”.
- 79 pesquisas entre teses e dissertações, quando escolhida a opção de refinamento “*expressão exata*”⁵.

Assim, para consultas a partir de outros descritores afins a esse utilizado acima e considerando-se a escolha da opção de refinamento “*expressão exata*”, foram obtidos - salvo 02 exceções - os seguintes resultados (ilustrados no gráfico 06, logo em seguida):

- 25 pesquisas divididas entre teses e dissertações quando se considerou o descritor: *Língua de Sinais Brasileira*.
- 18 pesquisas divididas entre teses e dissertações quando se considerou o descritor *LSB*.
- 168 pesquisas divididas entre teses e dissertações quando se considerou o descritor *Língua de Sinais*.
- 19 pesquisas divididas entre teses e dissertações quando considerado o descritor *Tradução de língua de sinais*.
- 02 pesquisas (teses e dissertações) se o descritor é *Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais*.

5 - Não consideramos a opção “qualquer uma das palavras” porque, se for feito isso, a amostra de retorno se torna grande demais para o esboço inicial de análise bibliométrica proposto neste estudo.

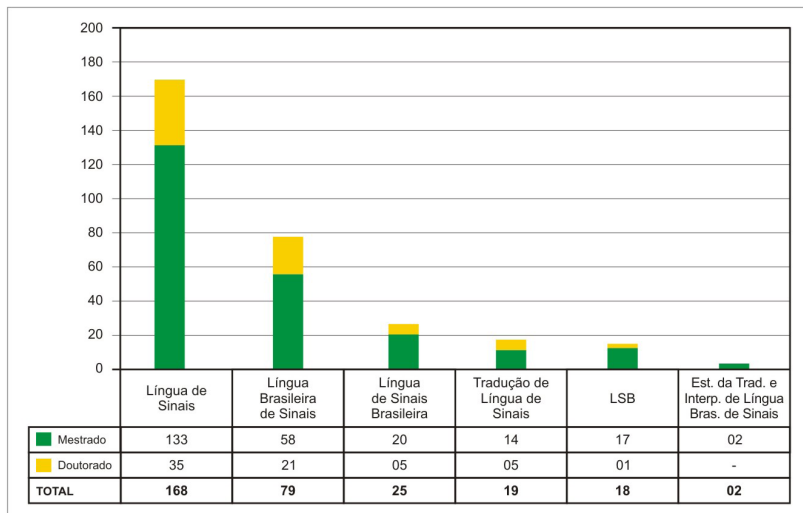


Gráfico 06: distribuição quantitativa de pesquisas em torno da Libras com base no Banco de Teses da CAPES.

Quantitativamente falando, o gráfico 06 traz as subdivisões entre teses de doutorado e dissertações de mestrado para cada um dos descritores. Assim, para o descritor *Língua de Sinais*, que, no gráfico, aparece com 168 resultados, tem-se que, ao se marcar a *expressão exata* como opção de refino, há 133 dissertações de mestrado, 35 teses de doutorado e nenhuma produção de nível profissionalizante. Além disso, ao se marcar *todas as palavras* como opção de refino, não há nenhum retorno obtido.

Por outro lado, quando se utiliza *Língua Brasileira de Sinais* como descritor, surgem 79 resultados, os quais, ao marcar expressão exata como refino, revelam 58 dissertações de mestrado, 21 teses de doutorado e nenhum retorno de nível profissionalizante. Quando selecionada a opção de refino *todas as palavras*, não houve nenhuma ocorrência registrada.

Para o descritor *Língua de Sinais Brasileira*, há 25 resultados, de forma que, há um retorno de 20 dissertações de mestrado, 05 teses de doutorado, nenhuma produção de nível profissionalizante quando foi selecionada *expressão exata* como opção de refino. Ao se marcar *todas as palavras* como opção de refino, não houve nenhum retorno.

Ao se considerar o descritor *tradução de língua de sinais*, notaram-se 19 resultados. No entanto, não foi considerada a opção *todas as*

palavras justamente para se contabilizar itens mais refinados à proposta de esboço de mapeamento dos ETILSB. Com isso, tem-se 01 dissertação de mestrado, 01 tese de doutorado e nenhuma de nível profissionalizante, quando foi escolhida expressão exata como opção de refino. Quando se refinou a consulta a partir da opção todas as palavras, houve 14 dissertações de mestrado e 05 teses de doutorado.

No caso do uso do descritor LSB, conforme o gráfico 06, há 18 resultados. Desses, tem-se, ao selecionar *expressão exata* como opção de refino de consulta, 17 dissertações de mestrado, 01 tese de doutorado e nenhum trabalho de nível profissionalizante. Por outro lado, ao se selecionar *todas as palavras* como opção de refino, encontraram-se 17 dissertações de mestrado, 01 tese de doutorado e nenhum texto de nível profissionalizante.

Semelhantemente ao que aconteceu com a *Tradução de Língua de Sinais*, no caso do descritor *Estudos da Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais*, ao se selecionar *todas as palavras* para se obter resultados mais refinados em meio aos outros dados obtidos, encontraram-se 02 dissertações de mestrado, nenhuma tese de doutorado e nenhuma produção em nível profissionalizante.

Como parte do processo de afinilamento da abordagem, entende-se que é necessário considerar, tanto o descritor *tradução e interpretação de língua de sinais* quanto o *tradução de língua de sinais*, apresentando-os segundo a mesma análise descritiva com base no Banco de Teses e Dissertações da Capes.

Logo, com base no descritor *tradução e interpretação de língua de sinais* no campo assunto, não se obteve nenhum retorno em nenhum dos níveis de formação no Banco da Capes. Assim, já que se obteve apenas resultados negativos para a opção de busca por *expressão exata*, escolheu-se a opção de refino *todas as palavras*, tendo o **assunto** como critério de cotejamento. Logo, houve 07 pesquisas de mestrado, 01 tese de doutorado e nenhum retorno trazendo pesquisas de nível profissionalizante.

A título de otimização, tem-se os retornos de busca a partir do descritor *tradução de língua de sinais* no campo assunto. Esses, por sua vez, somam 01 dissertação de mestrado, 01 tese de doutorado e nenhuma pesquisa de nível profissionalizante, quando selecionada a opção de refino *expressão exata*. Mas, ao escolher a opção *todas as palavras*, obteve-se 14 dissertações de mestrado, 05 teses de doutorado e 01 pesquisa de nível profissionalizante.

Por fim, para se visualizar a interdisciplinaridade dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais, a partir das **58** dissertações de

mestrado encontradas como possíveis retornos de pesquisa com base no descritor *Língua Brasileira de Sinais*, tem-se que 26 estão enquadradas na área de Educação, 16 na Linguística, Letras e Artes, 07 na Psicologia, 06 na Ciência da Computação e 03 na área de Saúde. Agora, quanto às teses de doutorado, houve **21** retornos, sendo 12 da área de Linguística, Letras e Artes, 07 da Educação, 01 da área de Psicologia e 01 da área de Educação Física.

1.2.2.2 – Esboço de mapa dos Estudos da Tradução e Interpretação da Libras

Ao se considerar os registros de nível de doutorado e mestrado em relação aos descritores tradução e interpretação de língua de sinais e tradução de língua de sinais e ao se trazer contribuições a partir do descritor Língua Brasileira de Sinais, tem-se abaixo a relação das pesquisas que irão compor o gráfico que esboça campos de pesquisa do mapa dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais no contexto brasileiro:

- 1) *Ana Maria Matos Rodrigues. Desconstrução na psicogênese da língua escrita. 01/06/2002.*
- 2) *André Ribeiro Reichert. Mídia televisiva sem som. 01/01/2006.*
- 3) *Andréa da Silva Rosa. Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete. 01/01/2005.*
- 4) *Cleidi Lovatto Pires. Questões de fidelidade na interpretação em língua de sinais. 01/11/1999.*
- 5) *Clélia Regina Ramos. Língua de sinais e literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural. 01/09/1995*
- 6) *Clélia Regina Ramos. Uma Leitura da Tradução de Alice no País das Maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais. 01/10/2000.*
- 7) *Germana Fontora Holanda Hortêncio. Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de Libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová. 01/09/2005.*
- 8) *Gislene Marengo Cusin. Desenvolvimento de um ambiente virtual intérprete de sentenças em português para linguagem de sinais brasileira. 01/09/2004.*
- 9) *Lenita Ceccone Cechinel. Inclusão do aluno surdo no ensino superior: um estudo do uso de língua brasileira de sinais (Libras) como meio de acesso ao conhecimento científico. 01/10/2005.*
- 10) *Mara Lúcia Masutti. Tradução cultural: Desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes. 01/06/2007.*
- 11) *Margot Latt Marinho. O Ensino da Biologia: o intérprete e a geração de sinais. 01/07/2007.*
- 12) *Maria Helena Figueira Glass. Por uma abordagem performativa das línguas de sinais. 01/08/1996.*

13) Silvana Aguiar dos Santos. *Intérpretes de língua brasileira de sinais: um estudo sobre as identidades*. 21/12/2006.

Diante disso, percebe-se que, ainda que vinculadas a programas de pós-graduação concentrados em áreas “vizinhas” dos Estudos da Tradução, como a Linguística Aplicada, a Educação e as Ciências da Computação, por exemplo, todas possuem objetos que enfatizam algum detalhe passível de ser considerado como afim tanto aos Estudos da Tradução como um todo, quanto as suas subáreas como a dos Estudos da Interpretação, Estudos da Interpretação de Línguas de Sinais e dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais⁶.

Logo, cada um desses registros foi analisado da seguinte forma: segundo Pagano e Vasconcellos (2003), quando forem objetos de investigação mais próximos dos Estudos da Tradução como um todo; e conforme Grbic (2007), quando os objetos forem mais conectáveis a subáreas como a dos Estudos da Interpretação de Língua de Sinais, por exemplo.

Com esses esclarecimentos, percebe-se que Rodrigues (2002) trabalha uma investigação sobre a desconstrução textual à luz de Derrida, um teórico conhecido da área de tradução literária. Logo, conforme Pagano e Vasconcellos (2003), comenta-se que Rodrigues (2002) se trata de uma pesquisa de caráter interlingual, ramificação pura, vertente teórica e geral, como também, orientada sob um marco teórico interdisciplinar - da desconstrução. Assim, nomeou-se de *desconstrução* a esfera de Rodrigues (2002) no esboço referente aos ETILSB.

Reichert (2006) investiga, com base nos Estudos Surdos, Estudos Culturais e Estudos de Recepção, como que surdos apreendem o que assistem na TV com e sem acesso a ferramentas de inclusão audiovisual, as quais, por exemplo, são chamadas por ele de tipo de *tradução para surdos*. Mediante tais informações e conforme Pagano e Vasconcellos (2003), considera-se essa pesquisa como de caráter interlingual, ramificação pura, vertente teórica, parcial e voltada ao estudo do meio. Assim, foi dado *meio* para situar Reichert (2006).

No trabalho de Rosa (2005), por ser discutida a *prática do intérprete de língua de sinais, examinado segundo os Estudos da Tradução*, em que se questiona a visibilidade da tradução da Libras e a invisibilidade do profissional intérprete que a traduz, entende-se que esse trabalho pode ser enquadrado tanto na subárea dos estudos de interpretação de língua de sinais quanto dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais, e ainda, no campo dos Estudos da Tradução como um todo. Assim, preferiu-se analisá-la segundo Pagano e Vasconcellos (2003). Logo, Rosa

(2005) assume um caráter interlingual, de ramificação pura, vertente teórica, geral e orientada sob um marco teórico interdisciplinar – da *desconstrução* – e intradisciplinar – (*in*)visibilidade do tradutor. Assim, usou-se o termo **geral** para descrever Rosa (2005) em nível de esfera do mapa dos ETILSB.

A partir da pesquisa de Pires (1999) sobre *Questões de fidelidade na interpretação em língua de sinais*, acredita-se que essa pode ser analisada conforme as categorias da subárea dos estudos da interpretação de língua de sinais propostas por Grbic (2007). Nesse sentido, enquadraram-se Pires (1999) como investigação do campo da *qualidade da interpretação de língua de sinais*. Assim, conferiu-se o termo qualidade na esfera do mapa dos ETILSB.

Aproveitando essa mesma categoria temática, comenta-se que as pesquisas de Marinho (2007) e Cechinel (2005) também versam sobre a *qualidade da interpretação de língua de sinais* e, por isso, podem se enquadrar na mesma esfera em que está Pires (1999) na proposta gráfica de esboço de mapeamento dos Estudos da Tradução e Interpretação da Libras.

A seguir, chega-se às duas pesquisas de Ramos (1995, 2000). Considerando que se tratam de trabalhos complementares em termos de investigação acadêmica, sendo o de 1995 de nível de mestrado e o de 2000 de nível de doutorado, resolveu-se enquadrá-los em uma mesma categoria temática dentro do mapa dos ETILSB. Então, segundo Pagano e Vasconcellos (2003), entende-se que Ramos (1995, 2000) constituem um conjunto de pesquisas de natureza interlingual, ramificação pura, vertente descritiva e orientada ao produto, já que, no mestrado, Ramos (1995) traz uma *proposta de trabalho de tradução cultural na interface Língua de sinais e literatura*. No doutorado, Ramos (2000) traz a apresentação de uma *leitura da tradução de 'Alice no País das Maravilhas' para a Língua Brasileira de Sinais*. Por fim, concedeu-se os termos **descritivos – produto** para identificar essas duas pesquisas de Ramos (1995, 2000) em termos de esboço de mapa dos ETILSB.

A título de reflexão e comparação, mas salvo as devidas diferenças entre objetos, esta pesquisa poderia ser enquadrada nessa mesma categoria em que foram enquadrados os trabalhos de Ramos (1995, 2000), uma vez que, segundo Pagano e Vasconcellos (2003), possui uma natureza interlingual - partindo do português para a Libras; tem ramificação pura - por não estar direcionado nem à avaliação de tradução, nem às relações entre a tradução e o computador, nem ainda ao ensino de tradução; segue

uma vertente descritiva - pela apresentação de observações descritivas de performances de tradução e é orientada ao produto que, particularmente, são textos publicados no AVEA do Letras-Libras.

Uma vez que Hortêncio (2005) consiste numa pesquisa do ramo da Linguística Aplicada com forte aproximação com os Estudos da Tradução e suas subáreas como a dos estudos da interpretação de língua de sinais e estudos da tradução e interpretação de língua de sinais, por exemplo. Logo, menciona-se que, conforme Pagano e Vasconcellos (2003), Hortêncio (2005), embora investigue sobre a interpretação de Língua Brasileira de Sinais de um modo geral em Fortaleza-CE e, especificamente, no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová, trata-se de uma pesquisa de natureza interlingual, ramificação pura, vertente descritiva e direcionada à função, reescritura, recepção e dimensão política, já que essa pesquisadora conduziu uma *análise descritiva do papel dos intérpretes de língua de sinais*, revelando preocupações tanto com a função quanto com a recepção e a dimensão política desses. Por isso, nomeou-se **descritivos – dimensão** para Hortêncio (2005) em relação às esferas do esboço de mapa dos Estudos da Tradução e Interpretação da Libras.

A partir da análise de Cusin (2004), já que se trata de uma pesquisa que estabelece a criação de um *ambiente virtual interpretador de sentenças em português para linguagem de sinais brasileira*, entende-se que há uma proximidade tanto com os estudos da tradução e interpretação de língua de sinais à luz de Grbic (2007) quanto com os estudos da tradução como um todo, com base em Pagano e Vasconcellos (2003). Assim, essa poderia ser considerada de natureza interlingual, ramificação aplicada, com direcionamentos à tradução e computador. Logo, escolheu-se considerá-la como mais direcionada aos Estudos da Tradução e, assim, conferiu-se **aplicado – computador** como esfera no esboço de mapa dos ETILSB.

No caso da pesquisa de Masutti (2007) sobre *desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes*, entende-se que se trata de uma investigação mais próxima das categorias de interpretação de língua de sinais encontradas por Grbic (2007), de modo que o campo de *contextos e modalidades* se configura como opção de enquadramento da mesma na interface dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais. Logo, concedeu-se o termo **contextos e modalidades** para localizá-la no esboço de mapeamento.

Por outro lado, percebeu-se que a pesquisa de Glass (1996), sobre *uma abordagem performativa das línguas de sinais*, pode se aproximar

mais de categorias segundo o esboço de Grbic (2007). Assim, o trabalho de Glass (1996) consiste numa investigação interlingual que sugere que as línguas de sinais devem ser lidas *enquanto atos ilocucionários* segundo *uma abordagem performativa da linguagem*. Logo, conferiu-se o termo **linguístico: abordagem performativa** para localizar Glass (1996) no esboço de mapa dos ETILSB.

Ao final, tem-se a pesquisa de Santos (2006), que *foca os profissionais intérpretes de língua brasileira de sinais* pela questão cultural, partindo de temas como as identidades, tensões, rupturas teóricas a respeito da educação de surdos, assim como as representações que a sociedade faz dos profissionais intérpretes de língua de sinais. Por isso, comenta-se que há uma proximidade maior dessa investigação com a categoria de *campos profissionais e subcategoria de profissionalização dos intérpretes de língua de sinais (ILS)*, segundo Grbic (2007). Logo, **profissionais – ILS** é o conjunto de palavras que podem localizar Santos (2006) no esboço de mapa dos Estudos da Tradução e Interpretação da Libras.

Outra fonte relevante para o esboço de mapeamento dos ETILSB está no banco de teses e dissertações defendidas no programa de pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC. Menciona-se essa fonte de pesquisa, dentre outras razões, porque se trata do primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* em Estudos da Tradução criado no Brasil e um dos únicos a oferecer o curso de doutorado acadêmico em Tradução. Dessa forma, entende-se que a PGET vem exercendo um importante papel em prol da legitimação dos Estudos da Tradução como um campo acadêmico autônomo, de forma que, o ano de 2008 constitui um marco histórico para esse programa, por conta da oferta das primeiras vagas de mestrado para pesquisadores interessados em investigar objetos voltados a relações tradutórias envolvendo a Libras. Nesse sentido, 2010 tem sido um ano igualmente histórico, por causa das defesas dessas primeiras pesquisas tradutórias sobre a Libras.

Logo, como o banco da CAPES, durante o período que fora consultado para o levantamento de dados para o esboço de mapa dos ETILSB, não oferecia a opção “2010” no espaço reservado ao ano no formulário on-line de consulta, resolveu-se considerar a relação de pesquisas já defendidas na PGET, para não deixar de fora do esboço de mapeamento dos ETILSB essas pesquisas pioneiras no cenário nacional de investigação acadêmica em torno dos Estudos da Tradução. Assim, escolheu-se mencionar essas pesquisas, considerando seus respectivos resumos na

subárea da tradução e interpretação de língua de sinais e analisando-as conforme Grbic (2007) e Pagano e Vasconcellos (2003) tal como aplicado às outras pesquisas.

Com isso, tem-se os seguintes resultados após consulta ao banco de dados da PGET:

1) *Rimar Ramalho Segala. Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. 29/03/2010.*

2) *Silvana Nicoloso. Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira. 15/03/2010.*

3) *Thaís Fleury Avelar. A questão da padronização de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC: um estudo descritivo e lexicográfico do sinal 'cultura'. 26/03/2010.*

No caso do trabalho de Segala (2010), por ser trabalhada a tradução intermodal, intersemiótica/interlingual, do português brasileiro escrito para a Língua Brasileira de Sinais, entende-se que pode ser enquadrado tanto no campo dos Estudos da Tradução como um todo conforme o mapeamento proposto por Pagano e Vasconcellos (2003) quanto na subárea dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, segundo o esboço de Grbic (2007). Assim, Segala (2010) pode ser compreendido tanto como um estudo de caráter interlingual, ramificação puro, teórico, vertente geral, orientada sob um marco teórico interdisciplinar - do *pós-colonialismo* - quanto como uma pesquisa conectada à categoria de contextos e modalidades, uma vez que, além de trazer o conceito de tradução, esse autor também investiga os efeitos de modalidade que envolvem os procedimentos de tradução do português para a Libras dentro do contexto do curso de Letras-Libras. Assim, conecta-se Segala (2010) ao termo *modalidades – pós-colonialismo* para situá-lo em nível de esfera do esboço de mapeamento dos ETILSB.

Nicoloso (2010), sustentando-se em subsídios teóricos dos Estudos da Tradução, Estudos de Gênero, Estudos Culturais, Estudos Surdos e da Análise Crítica do Discurso, investiga decisões tradutórias tomadas por profissionais intérpretes de língua de sinais homens e mulheres, selecionando trechos do texto que apresentaram marcas distintivas entre as interpretações femininas e masculinas, para analisar se essas acontecem de maneiras diferentes. Mediante essas informações, nota-se que há uma proximidade dessa investigação tanto com o esboço de Grbic (2007) quanto de Pagano e Vasconcellos (2003). Logo, conforme Grbic (2007),

essa pesquisa poderia se enquadrar categoria de campos profissionais e subcategoria de *disciplinas adjacentes dos Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação*. Agora, segundo Pagano e Vasconcellos (2003), percebe-se que essa se trata de uma pesquisa interlingual, do ramo puro, de concentração teórica, geral e fundamentada em um marco teórico dentro da disciplina, pois, utiliza-se do modelo de Aubert como ferramenta de análise. Assim, *profissionais – modelo* é a expressão que localiza Nicoloso (2006) no esboço dos Estudos da Tradução e Interpretação da Libras.

Por fim, na pesquisa de Avelar (2010), a questão da padronização linguística de sinais nos atores tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC é discutida com um enfoque específico em um estudo descritivo e lexicográfico do sinal ‘cultura’. Ao se considerar o mapeamento de Grbic (2007), entende-se que esse estudo poderia ser conectado ao campo de pesquisa que abrange estudos linguísticos. Por outro lado, no caso do mapa proposto por Pagano e Vasconcellos (2003), nota-se que essa seria uma pesquisa interlingual, de ramificação pura, vertente teórica, parcial, em nível da palavra, abrangendo colocações e Terminologia, por exemplo. Assim, percebe-se que *linguístico - palavra* é o que pode melhor localizar Avelar (2010) no esboço de mapeamento proposto para os ETILSB.

Então, diante da análise dos resultados obtidos com a consulta ao Banco da Cape, e ainda, no banco de teses e dissertações defendidas na PGET da UFSC, deixa-se abaixo uma forma gráfica em nível de proposta de esboço inicial de mapa da subárea dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais no contexto Brasileiro, os ETILSB:

Estudos da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais

Esboço com base em Grbic (2007), Pagano e Vasconcellos (2003) e
Banco de Teses e Dissertações da CAPES

Campos de Pesquisa	Geral	Marco Teórico: Interdisciplinar	Desconstrução: intradisciplinar
Profissionais: Modelo	Contextos e Modalidades	Profissionais: Intérpretes de LS	Meio
Aplicado: Computador	Modalidades: pós-colonialismo	Desconstrução	Descritivos: Produto
Linguístico: Palavra	Linguístico: Abordagem Performativa	Descritivo: Dimensão	Qualidade

Gráfico 07: esboço de mapa de campos de pesquisa nos Estudos da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais - ETILSB, com base em Grbic (2007), Pagano e Vasconcellos (2003) e Banco da CAPES.

Ao final desse levantamento em prol do esclarecimento da filiação e localização teórica dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais dentro dos estudos da tradução, há fatos concretos, como os seguintes: tem-se experimentado um novo tempo em plena fase de amadurecimento e, ainda que, se em meio aos 908 textos sobre ILS no cenário internacional da SLI, apenas **09** tratavam sobre assuntos ligados à **tradução** (Grbic,

2007: 35), ter, no contexto brasileiro, **13** resultados nessa área, já é um indicador de que o contexto nacional está coerente com o percurso histórico geral das pesquisas envolvendo surdos e as línguas de sinais que normalmente abrangiam as áreas educacionais, linguísticas e psicológicas.

Afinal, nos últimos 50 anos, os movimentos de defesa do *status* lingüístico, político e educacional das comunidades surdas e das línguas de sinais foram bastante expressivos e prosseguem até hoje. Além disso, ao longo dessa história, falava-se comumente sobre pesquisas a respeito da interpretação de língua de sinais e pouco se mencionava sobre a tradução para essas línguas.

Logo, isso reitera que a Libras tem passado a ser objeto de investigação segundo uma perspectiva tradutória e não meramente interpretativa. Nesse sentido, como objeto de pesquisa conectado a aplicabilidades concernentes aos Estudos da Tradução, a tradução para a língua de sinais, além de se apresentar como um fato recente, configura-se como um lugar de contato e de outras negociações para a formação de si mesma, pois, não só transmite significados linguísticos, mas serve para refletir e criar valores sociais e culturais (GRBIC, 2007: 15)⁷.

Portanto, esboçar um mapeamento desse campo emergente de pesquisas acadêmicas dentro do contexto dos estudos da tradução logo após as reflexões conceituais acerca do que se é traduzir, interpretar e da naturalidade das línguas de sinais, constitui uma ferramenta importante para a localização e afiliação teórica de pesquisas permeadas pelo ineditismo, além de colaborar com a retomada de investigações descritivas e orientadas ao produto, as quais, pessoalmente, conferem informações prementes e enriquecedoras para o amadurecimento da tradução para a Libras como objeto legítimo de investigação nos Estudos da Tradução.

Corroborando com isso, entende-se que foi necessário esboçar um mapeamento teórico de campo acadêmico para deixar claro que, uma pesquisa com vários lugares de partida tais como esta, caminha por interfaces, coloca-se afiliada à subárea dos ETILS disciplinarmente dentro dos Estudos da Tradução, mas se beneficia do contato com áreas disciplinares como a linguística, por exemplo, e com subáreas como a linguística aplicada e a linguística de línguas de sinais, para trazer contribuições teóricas e práticas que colaborem com o amadurecimento de novos campos como os ETILS e com a diversificação de abordagens em outros.

7 - Todas as citações referentes à Grbic (2007) estão sendo mencionadas neste trabalho a partir de traduções e paráfrases pessoais do autor.

2 – PRIMEIROS PASSOS

A proposta pedagógica deste Curso de Licenciatura em Letras – LIBRAS ancora-se em três importantes princípios para a formação na modalidade à distância: a interação, a cooperação e a autonomia.(...) Além de nortear a organização, o desenvolvimento e a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, é o referencial básico para toda a equipe multidisciplinar, envolvida na construção dos materiais didáticos (UFSC, PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS, 2006: 15).

2.1 – Demandas de tradução no curso de Letras-Libras da UFSC

Escolheu-se “entrar” este segundo capítulo citando o projeto pedagógico do curso para esclarecer que o referencial de toda a equipe multidisciplinar produtora dos materiais didáticos está centrado na interação, cooperação e autonomia. A partir disso, entende-se que a ação conjunta desses três princípios, cada um conforme seu potencial, é o que confere êxito ao trabalho multiprofissional e multidisciplinar que se transcorre nos “bastidores” do curso.

Assim, como versa o projeto pedagógico, a modalidade à distância requer ação conjunta de equipes multiprofissionais e, por sua natureza, só se faz com base nos princípios de interação e autonomia. Daí, no caso da cooperação, essa requer uma coordenação específica e constante de ações dirigidas pelo propósito do projeto (UFSC, PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS, 2006: 16).

Dessa forma, neste segundo capítulo, mencionam-se as etapas pelas quais perpassam os textos que constituem os conteúdos de ensino. Para isso, as demandas de tradução na equipe pedagógica, na equipe de vídeo e na equipe hipermídia são apresentadas, sendo que, é nessa última, que procedimentos tradutórios do português para a Libras foram observados.

2.1.1 – A tradução na equipe pedagógica

Antecipadamente, menciona-se que, em 2007, a coordenação geral do curso nos fez um convite para observar e analisar os procedimentos de trabalho para então re-estruturar a equipe de produção de materiais de ensino – constituída pelos surdos tradutores-atores – concentrando os esforços no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), uma vez que, segundo a própria coordenação, havia queixas de que os textos produzidos pela equipe pedagógica chegavam ao AVEA com diferenças em relação aos conteúdos-fonte. Segundo esclarecimentos da própria co-

ordenação, esse fato resultava de problemas ocorridos durante o procedimento de tradução.

Logo, sabendo que já havia um problema a ser investigado, havendo o apoio da coordenação geral do curso, e ainda, dispondo da experiência profissional pessoal já adquirida enquanto tradutor e intérprete de Libras, foi dado início às observações das instâncias em que a tradução acontece nas equipes do curso.

Iniciou-se esse procedimento pelo Centro de Educação da UFSC. Lá, deparamo-nos com a estrutura multiprofissional da equipe pedagógica do Letras-Libras, que, segundo Quadros, Cenry e Pereira (2008: 42) é responsável pelos processos de formação, desenvolvimento de materiais e avaliação do curso, sendo constituída por especialistas em educação à distância e pelos designers instrucionais, que são mais conhecidos como DI's. Assim, começou-se a conhecer o trabalho dos DI's e percebeu-se que eles são as pessoas que atuam como colaboradores na definição das estratégias de aprendizado, criando uma metodologia de ensino baseada no aprendizado visual, participando da preparação dos materiais *on-line*, digitais e impressos, ou seja, todos os conteúdos passam por essa equipe.

Além disso, os DI's trabalham em colaboração com os professores autores e com as equipes de produção (hipermídia, vídeo e produção gráfica), no planejamento e execução das ações didáticas do curso e na preparação de materiais (elaboração de hipertextos, planejamento das atividades de avaliação, aprovação dos roteiros do DVD/vídeo, elaboração dos cadernos de estudo) e, por fim, na produção de materiais – desde a chegada dos textos-base até a implantação desses no AVEA (Quadros, Cenry e Pereira, 2008: 42-43). Com base nisso, entendeu-se que as demandas de tradução na equipe pedagógica estão mais ligadas ao trabalho dos DI's, pois, todos os conteúdos passam por eles.

Dessa forma, pode-se dizer que tipos de tradução como a intralingual e a interlingual permeiam o trabalho dessa equipe. Por tradução intralingual temos, conforme Jakobson (2000: 114 - tradução nossa), que se trata de “uma interpretação⁸ de signos verbais a partir de outros signos da mesma língua”. Logo, infere-se pessoalmente que, quando os especialistas em EaD estão aprovando os roteiros dos DVDs, eles estão fazendo

8 - O termo interpretação aparece aqui com significado diferente do que temos adotado nessa pesquisa, estando mais direcionado à compreensão textual que à instantaneidade

uma tradução intralingual, por se tratar de um texto marcado de adaptações de linguagem fundamentadas no texto-base de cada disciplina, mas concentrado nas exigências que um texto para TV, por exemplo, dispõe. Ou seja, a linguagem acadêmica do texto que concebeu o caderno de estudos de uma determinada disciplina do curso de Letras-Libras, vivenciou um procedimento de tradução intralingual para gerar os roteiros de gravação dos DVDs e dos hipertextos dos hiperlivros.

Ainda com base em Quadros, Cenry e Pereira (2008), entende-se que, dentro da equipe pedagógica do Letras-Libras, porque os DI's atuam colaborativamente com os professores-autores e com as equipes de produção, há ainda procedimentos de tradução interlingual permeando o trabalho deles quando, empenhados na criação de uma metodologia de ensino baseada no aprendizado visual, por exemplo, eles fazem re-textualizações em Libras dos textos-fonte produzidos pelos professores-autores como elemento fundamental às adaptações intralinguais que vão gerar os textos dos roteiros e dos conteúdos hipertextuais. Isto é, por serem em sua maioria surdos e por terem fluência tanto no português quanto na Libras, os DI's desempenham um papel essencial durante os procedimentos de re-textualização em Libras e colaboram fundamentalmente na produção dos materiais de ensino.

Portanto, percebe-se que os procedimentos de tradução “transitam” entre os especialistas em EaD, bem como, entre a equipe de DI's, tanto nas esferas de idealização e planejamento, quanto na de consultoria em relação aos conteúdos de ensino. No entanto, a equipe pedagógica está mais dedicada a fazer com que os materiais produzidos não se desviem dos seus propósitos de estimular o aprendizado visual que aos detalhes envolvendo os procedimentos de tradução de outras equipes, como as de vídeo e de hipermídia, por exemplo.

2.1.2 – Percursos tradutórios na equipe de vídeo

Conforme Quadros, Cenry e Pereira (2008: 44) tem-se que a equipe de vídeo é do Curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC e é responsável, dentre outras coisas pela produção dos DVD's do Letras-Libras. Além disso, essas autoras comentam que os roteiros dos DVD's se baseiam no material encaminhado pelo professor autor, passam pela aprovação dos DI's e dos professores das disciplinas, e depois, todas as filmagens são feitas com atores surdos usuários e por tradutores da Libras. Todo esse trabalho envolve vários procedimentos de tradução da Língua Portuguesa para a Libras a fim de garantir o acesso ao conhecimento na sua própria língua. Ao final, os vídeos são editados e o DVD é gravado e produzido para os 500 discentes do curso (QUADROS, CENRY e PEREIRA, 2008: 44).

Nesses termos, comenta-se que demandas de tradução do tipo intralingual, interlingual e intersemiótica permeiam o trabalho da equipe de vídeo. Assim, o tipo intralingual emerge nas adaptações de linguagem feitas nos textos-base das disciplinas durante o procedimento de produção dos roteiros de gravação. O tipo interlingual, por exemplo, aparece quando o texto do roteiro é repassado àqueles que Quadros, Cenry e Pereira (2008) chamam de “atores surdos usuários da Língua de Sinais e por tradutores da Língua de Sinais”, os quais, encaminham suas traduções em Libras a partir do conteúdo-fonte em português. Além dessas, a tradução intersemiótica é outro tipo que se faz presente no trabalho da equipe de vídeo.

Para Jakobson (2002: 114), a tradução intersemiótica ou transmutação, “é um tipo de tradução em que acontece uma interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas não-verbais”. Nesse sentido, Diniz (2001: 09-10) reitera que a tradução intersemiótica incluiria também a procura por equivalentes, ou seja, a busca, em um determinado sistema semiótico, de elementos cuja função se assemelhe à função de elementos de outro sistema de signos. No entanto, ela comenta que mesmo que se estabeleçam equivalentes semânticos para os elementos de dois sistemas de signos diferentes, não se pode abranger todas as nuances de cada um dos sistemas. Além disso, revela que o procedimento tradutório intersemiótico considera a existência de um sentido no texto, que deve ser transportado (ou traduzido) para outro texto (ou sistema) e ainda que irá, portanto, oferecer sempre algo além ou aquém do chamado original (DINIZ, 2001: 09-10).

Logo, quando se observou na equipe de vídeo o uso de trechos selecionados de filmes, fotografias, entre outros, ora para explicar, ora para exemplificar conteúdos que foram re-textualizadas pelo surdo (ou surda) tradutor-ator diante das câmeras, pode-se dizer que há a ocorrência da tradução do tipo intersemiótica. Assim, nota-se que há vários procedimentos de tradução na equipe de vídeo do curso (QUADROS, CENRY e PEREIRA, 2008).

No entanto, o foco desse percurso de observação se concentrou mais na realidade de trabalho da equipe de hipermídia. Justifica-se tal direcionamento com base tanto no convite feito pela coordenação geral do curso para gerenciar a equipe de tradução mais conectada ao AVEA que à equipe de vídeo (já que, nessa última, estava em funcionamento à época desse convite, toda uma coordenação dos procedimentos de trabalho envolvendo demandas tradutórias na produção dos DVD's junto com o apoio dos DI's da equipe pedagógica) quanto pela própria natureza do objeto dessa pesquisa, ou seja, foram razões profissionais e pessoais que orientaram a escolha de abordar a equipe de hipermídia.

2.1.3 – Demandas de tradução na equipe hipermídia

A equipe de hipermídia do curso de Letras-Libras é composta por professores do Curso de Design do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, e trabalha com o AVEA, customizando-o e adaptando-o para ser um reflexo da Cultura Surda. Além disso, essa equipe também desenvolve hipertextos, animações e ilustrações para compor os materiais didáticos digitais disponibilizados on-line, de acordo com o que fora antes preparado pela equipe pedagógica. Ademais, essa equipe incorpora os vídeos em sinais produzidos pela equipe de vídeo, procura implementar o curso na perspectiva visual, incluindo a possibilidade de gravar no AVEA em Libras as atividades dos alunos (QUADROS, CENRY e PEREIRA, 2008).

Assim, comenta-se que, à época em que fizemos as observações entre as equipes interdisciplinares, dos percursos tradutórios pelos quais passam o texto-base de cada disciplina até ser disponibilizado on-line aos discentes no AVEA, a equipe de hipermídia era aquela em que havia um grande número de procedimentos tradutórios em curso. Ou seja, uma vez que a modalidade de ensino do curso é a de educação à distância, todos os materiais didáticos, materiais de apoio, enfim, tudo passava pelas “mãos” da equipe hipermídia. Como os princípios fundamentais para o bom fun-

cionamento das equipes do Letras-Libras eram respeitados e seguidos por essa equipe em meio às suas atividades, isso significava que, quando era chegado o momento de entrar em ação a equipe hipermídia, as demais já haviam cumprido suas respectivas etapas de trabalho.

No entanto, o problema identificado pela coordenação geral do curso revelava que, entre as atividades da equipe hipermídia havia um “hiato” tal que o texto-base das disciplinas do curso, por exemplo, depois de ter passado por todas as etapas de tradução intralingual e interlingual na equipe de DI’s e especialistas em EaD, quando chegava à equipe hipermídia, a fim de gerar os hiperlivros re-textualizados em Libras, não dispunha de alguém local (além do representante da equipe de DI’s) para acompanhar, analisar e aprovar as traduções interlinguais antes de encaminhá-las para a edição final e consequente publicação on-line no AVEA. Por isso, toda a observação das demandas de tradução dentro das atividades desenvolvidas pela equipe de hipermídia foi transcorrida tendo em mente esse cenário apresentado pela coordenação geral do curso.

Assim sendo, pode-se enunciar demandas de tradução que acontecem nessa equipe, ou seja, uma vez que essa equipe desenvolve hipertexto, compreende-se que, nessa instância, acontece o tipo de tradução intralingual, visto que, são feitas adaptações de linguagem no conteúdo-fonte em português para que seja disponibilizado on-line no AVEA. Além disso, como essa equipe é responsável pela produção de animações e ilustrações que irão compor os materiais didáticos digitais disponibilizados no AVEA, é possível entender que, nesse instante, está presente a tradução intersemiótica, visto que, signos verbais são traduzidos a partir de signos ou sistemas não-verbais (animados ou ilustrativos). Por fim, como essa equipe trabalha ainda com a incorporação on-line dos vídeos em sinais produzidos pela equipe de vídeo, concluímos que, durante essa etapa do trabalho, está presente a tradução interlingual, pois, nesses vídeos constam as re-textualizações em Libras dos conteúdos-fonte presentes nos textos-base de cada disciplina (QUADROS, CENRY e PEREIRA, 2008).

Em meio a esses exemplos, nesta pesquisa, as descrições se concentram na instância de tradução interlingual conectada à incorporação on-line no AVEA dos vídeos em sinais produzidos pela equipe de vídeo. Assim, descreveremos performances de tradução observadas durante a produção de um desses vídeos referentes a uma unidade de uma das disciplinas do curso. Porém, ressalta-se que esses vídeos são diferentes dos DVD’s, pois, são materiais didáticos do curso e não material de apoio à aprendizagem dos estudantes.

2.2 – Montagem do cenário de estudo: métodos e procedimentos de trabalho

Esclarecidos os lugares onde há tradução dentro das atividades desenvolvidas pelas equipes interdisciplinares do curso de Letras-Libras, é chegado o momento de esclarecer mais informações a respeito da montagem do cenário investigativo no qual se ampara este estudo, revelando métodos e procedimentos de trabalho adotados, e comentando, desde a escolha do objeto, delimitações de abordagem até as estratégias metodológicas.

2.2.1 – A escolha do objeto

Inicialmente, quando se escolheu desenvolver uma pesquisa acerca da tradução de um texto em português para a Libras dentro do contexto de ensino do curso de Letras-Libras, várias opções de objeto surgiram. Havia a possibilidade de se investigar os procedimentos de tradução interlingual envolvidos na produção dos DVD's do curso, de se trabalhar em torno dos tipos de traduções que se transcorriam no trabalho desenvolvido pelos DI's e especialistas em EaD da equipe pedagógica, como também, existia a opção de se trabalhar investigando os procedimentos de tradução em trabalhos conectados à equipe hiperídia do curso. Nesse sentido, utilizou-se alguns critérios de refinamento para a escolha definitiva do objeto.

O primeiro critério pessoal de refinamento adotado foi o elemento motivador para a pesquisa. Isto é, uma vez que, em nível de graduação, já se havia investigado percepções surdas acerca de notícias telejornalísticas com e sem alternativas de inclusão em língua de sinais, em que se problematizou a interpretação em Libras em contextos audiovisuais, não havia mais um anseio de investigar na pós-graduação, discussões acerca de conteúdos audiovisuais. Ou seja, aplicar testes perceptuais para comprovar o grau de percepção que telespectadores surdos dispõem de conteúdos audiovisuais exibidos com e sem interpretação simultânea em Libras não era mais um interesse pessoal de pesquisa. Assim, descartava-se a possibilidade de se trabalhar com os DVD's do curso de Letras-Libras.

O segundo critério pessoal de refinamento utilizado foi o da área de atuação profissional, ou seja, por não se dispor de uma formação profissional pessoal na área acadêmica de Educação, entendeu-se que, investigar procedimentos de tradução dentro da equipe pedagógica exigiria uma

competência que, particularmente, não havia de início: a competência pedagógica. Logo, ainda que já houvesse alguma experiência no âmbito da interpretação educacional, essa alternativa também fora descartada.

Portanto, chegou-se à opção de se investigar demandas de tradução dentro da equipe hipermídia. Assim, um critério muito importante corroborou para a aceitação pessoal dessa: a proficiência em tradução para a Libras. Logo, por haver competência linguística em Libras o suficiente para entender plenamente o discorrer de procedimentos tradutórios, pela experiência pessoal com a tradução de textos acadêmicos na interface de línguas orais e por causa ainda do convite proposto pela coordenação geral do Letras-Libras para ser formalizada a Equipe de Tradução desse, escolheu-se investigar um objeto sobre procedimentos de tradução em trabalhos conectados à equipe hipermídia.

2.2.2 – Delimitação da abordagem do objeto

Os critérios utilizados para a delimitação da abordagem do objeto, dentre outros, foram os tipos de tradução recorrentes na equipe de hipermídia e ainda o convite da coordenação geral do curso sobre a criação e gerenciamento da equipe de tradução.

Assim, como afirmam Quadros e Souza (2008: 177-78), “essa equipe de trabalho foi formada recentemente dentro do curso de Letras Libras, pois, inicialmente não se tinha consciência de que os textos em Língua de Sinais resultantes das ‘filmagens’ (como era considerado inicialmente) consistiam em textos traduzidos”. Nesse sentido, com o encorajamento da coordenação para investigar os problemas encontrados nas re-textualizações, bem como, com a complexidade encontrada para se conseguir chegar a um bom texto, percebe-se que a abordagem do objeto, dentro da equipe de hipermídia, foi se delimitando aos espaços hipertextuais no AVEA do curso (QUADROS e SOUZA, 2008).

Na sequência, há os tipos de tradução recorrentes na equipe hipermídia. Como essa equipe desenvolve hipertextos com adaptações de linguagem feitas no conteúdo-fonte em português, isso constitui um tipo de tradução intralingual que está fora dos limites de abordagem de nosso objeto. Além disso, as traduções intersemióticas mediante a produção de animações e ilustrações, também não se conectam com a abordagem do objeto. Logo, nossa abordagem se limitou aos conteúdos hipertextuais publicados no AVEA.

Por fim, comenta-se sobre o AVEA, o qual, consiste num ambiente

que está sendo ajustado especialmente por equipes técnicas de informática da UFSC para atender o curso de Letras-Libras (UFSC, Projeto pedagógico do curso de licenciatura em Letras Libras, 2006: 27). Dessa forma, como afirmam Quadros, Cenry e Pereira (2008: 49), foi desenvolvida a ferramenta denominada “*hiperlivro*” para garantir o desenvolvimento e a edição de hiper mídias de conteúdo didático, possibilitando a criação, em formato hiper mídia, de várias páginas, links, glossários e listas de referências bibliográficas, além de vários caminhos de visualização do conteúdo on-line no AVEA, como vemos ilustrativamente na Fig. 01 abaixo (citada como Fig. 5 em Quadros, Cenry e Pereira, 2008: 51):



The screenshot displays a web browser window with the address bar showing 'http://www.ead.ufsc.br - Mozilla Firefox'. The page content includes a navigation menu with 'Apresentação', 'conteúdos', and 'Atividades'. The main content area is titled 'As identidades surdas multifacetadas' and contains a list of items: '6.1 Atividade 5' and '6.4 Texto'. To the right of the text is a video player showing a woman in a black top signing. The video player has a play button and a close button.

Fig. 01 - Visualização do conteúdo on-line no AVEA do Letras-Libras.

Com isso, tem-se que a abordagem do objeto de pesquisa ficou delimitada aos conteúdos publicados no hiperlivro, a saber: o conteúdo textual na língua de partida (na versão gráfico-visual do Português); a performance da surda tradutora-atriz e o conteúdo textual na língua de chegada (que são os hipervídeos na versão “oral” da Libras). Todos esses três recursos estão ilustrados acima. Basta observar que, do lado esquerdo

da imagem, inclusive da pequena janela em que está disponível a janela com o hipervídeo, estão os conteúdos hipertextuais em Português (os quais, neste estudo, são considerados como textos-base, textos-fonte, de partida ou conteúdos textualizados). Agora, do lado direito, tem-se a janela de vídeo com a re-textualização em Libras, que é o conteúdo textual traduzido na língua de chegada (o qual, nesta pesquisa, constitui o objeto de análise). Por fim, nas “entrelinhas” desse espaço que abrange esses conteúdos hipertextuais de modalidades diferentes, estão as performances geradas pela equipe de surdos tradutores-atores.

2.2.3 – Critérios para a escolha do produto e da personagem de análise

Mesmo depois dos refinamentos, ainda havia um corpus para análise muito extenso, pois, como o curso de Letras-Libras dispõe de 37 disciplinas (somando-se os eixos de formação básica, específica e pedagógica), foi necessário se refinar ainda mais para se chegar ao produto final de análise.

Um desses outros critérios de refino foi o assunto da disciplina que se escolheu para observar os procedimentos de tradução. Isto é, das 37 disciplinas ofertadas no curso, escolheu-se aquela cujo assunto se encontrava também na área de trabalho da professora orientadora dessa pesquisa, visto que, isso facilitaria quaisquer eventuais consultas para esclarecimentos acerca do conteúdo do texto-base, entre outras. Logo, optou-se por abordar os conteúdos da disciplina de Aquisição da Linguagem, do terceiro período da turma iniciada em 2006 do curso de licenciatura em Letras-Libras.

Escolhida a disciplina, percebeu-se que ainda havia uma grande quantidade de hipervídeos. No caso da disciplina de Aquisição da Linguagem, existem 06 desses conteúdos publicados no AVEA, chamados de unidades. Então, utilizou-se o critério tamanho para chegar ao produto final de análise, sendo que, no caso do hipertexto, era medido pela quantidade de palavras e, no hipervídeo, pelo seu tempo de duração.

Assim, com base nesse critério, tem-se que a Unidade 01 possui um hipertexto com 106 palavras e um hipervídeo com 1 minuto e 04 segundos de duração (1'04"). Na Unidade 02, há um hipertexto com 47 palavras e um hipervídeo com 35 segundos de duração (35"). Na Unidade 03, o hipertexto possui 76 palavras e conta com um hipervídeo de 1 minuto e 07 segundos (1'07"). Por sua vez, na Unidade 04, encontra-se um

hipertexto com 68 palavras, mas com um hipervídeo apresentando problemas de acesso⁹. Na Unidade 05, há um hipertexto com 54 palavras e um hipervídeo com 51 segundos (51'') e, na Unidade 06, o hipertexto conta com 101 palavras e o hipervídeo com 01 minuto e 23 segundos (1'23'').

Diante desses materiais, escolheu-se trabalhar com o hipertexto de apresentação da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem, por ser o de menor tamanho (47 palavras) e cujo hipervídeo em Libras tem menor tempo de duração (que é de 35 segundos).

Quando se escolheu esse material para a análise, ainda era preciso fazer outra etapa de refinamento, visto que, ao se considerar a disposição do conteúdo no AVEA, notou-se que a Unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem está subdividida em outros espaços como hiperímídia e atividades, todos com seus devidos hipervídeos, e mais o fórum de discussão, a vídeo-aula e mais 10 links que levam a espaços de bate-papo (chat) sobre a atividade 03 relativa ao conteúdo da unidade (conforme ilustram as figuras 02 e 03 abaixo).



Fig. 02 - Disposição geral do conteúdo da Unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA.

9 - O termo interpretação aparece aqui com significado diferente do que temos adotado nessa pesquisa, estando mais direcionado à compreensão textual que à instantaneidade



Saulo Xavier



Mensagens

Não há mensagens pendentes

Próximos Eventos

Não há nenhum evento próximo



- [Hipermidia](#)
- [Atividade 3](#)
- [Fórum de Discussão](#)
- [video-aula unidade 2](#)
- [Chat atividade 3 - UFAM](#)
- [Chat da atividade 3 - UFBA](#)
- [Chat da atividade 3 - UFSC](#)
- [Chat da atividade 3 - UFC](#)
- [Chat da atividade 3 - UFESM](#)
- [Chat da atividade 3 - UNB](#)
- [Chat da atividade 3 - USP](#)
- [Chat da atividade 3 - CEFET GO](#)
- [Chat da atividade 3 - JNES](#)
- [chat 2 CEFET GO](#)

Fig. 03 - Detalhe da disposição do conteúdo da Unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA.

Nesses termos, mesmo já delimitada a abordagem do objeto, ainda havia várias opções de trabalho dentro do espaço no qual ela está publicada no AVEA. Então, aplicou-se outro critério de refinamento ainda mais preciso: o *gênero textual*, pois, conforme Heidermann (2009) “qualquer tradução e a tradução-interpretação começam justamente com a definição do gênero textual” (HEIDERMAN, 2009: 13)¹⁰.

Nesse sentido, fazendo uma aplicação pessoal prática, pode-se dizer que, foram escolhidos os conteúdos do hiperlivro ao invés dos conteúdos das atividades, tanto por conta do gênero textual quanto porque o objeto de estudo trata da tradução de textos do português escrito para a Libras. Ou seja, em termos pessoais, o conteúdo do hiperlivro se trata de um material de gênero textual mais formal e eminentemente escrito, por se tratar de um tipo de “manual escolar” (Heidermann, 2009: 13a).

10 - Mais detalhes a respeito das configurações textuais dos conteúdos de ensino do Letras-Libras escolhidos para análise, bem como, dos gêneros textuais dos conteúdos-fonte, são infomados no capítulo 03.

Agora, o conteúdo das atividades pode ser entendido como permeado de oralidade, pois, trata-se de um tipo de “instrução” (Heidermann, 2009: 12). Por se constituir de enunciados de questões referentes a uma tarefa proposta, tornando-se mais informal, esse se encontra fora do escopo escolhido para essa pesquisa. Abaixo, as figuras 04 e 05 ilustram a interface virtual do AVEA em que está o hipervídeo referente às atividades sobre a unidade 02 da disciplina de *Aquisição da Linguagem*.



Fig. 04 - Disposição do hipervídeo na interface virtual referente às atividades da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA do Letras-Libras (barra de tarefas em fundo verde e topo, em fundo azul).

Atividade 3



[AQL_1A3](#)

[Download](#)

[voltar](#)

Dê sua opinião sobre cada uma das teorias apresentadas nesta unidade. Você concorda que elas não são capazes de dar conta da aquisição da linguagem?

Verifique aspectos positivos e negativos de cada uma. Na sua opinião, qual delas poderia explicar melhor a questão da aquisição da linguagem?

[Enviar:](#)

no AVEA em LP ou em LIBRAS

[voltar](#)

Fig. 05 - Detalhes adicionais da disposição do hipervídeo na interface virtual referente às atividades da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA do Letras-Libras.

Somado a isso, foi necessário ainda selecionar a personagem de análise para esta pesquisa, pois, à época em que estávamos atuando na coordenação da equipe de tradução do Letras-Libras, havia um profissional para cada tipo de hipervídeo em Libras, isto é, uma pessoa com foco concentrado na re-textualização dos conteúdos de ensino a partir dos textos-base de cada disciplina, outra pessoa com o trabalho voltado para as atividades relacionadas a cada disciplina e ainda outra cujo trabalho estava concentrado na tradução das questões das provas (avaliações parciais) de cada disciplina.

Porém, no caso da disciplina de Aquisição da Linguagem, tem-se a mesma surda tradutora-atriz re-textualizando a hipermídia e as atividades. Diante disso, aplicou-se o critério da formalidade e do gênero dos textos outrora mencionados como fator de seleção, tanto do produto quanto da personagem de análise. Nesse sentido, escolheu-se o hipervídeo em que a surda tradutora-atriz faz a re-textualização do conteúdo de ensino funda-

mentado no texto-base da disciplina e publicado on-line no hiperlivro do AVEA. Abaixo, na figura 06, confere-se disposição no AVEA do hiperlivro e seu respectivo vídeo escolhido.

HIPERMÍDIA
AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Conteúdo | **Atividades** | **Créditos**

Conteúdo > **Teorias sobre aquisição da linguagem**

.....

Uma teoria sobre a aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados no tópico anterior. Algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas, mas depois de examinadas mais detalhadamente, veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente.

[Tentativa e erro](#)
[Correção dos adultos](#)
[Imitação dos adultos](#)
[Simplificação da linguagem pelo adulto](#)

[Download](#)

AQL 2V0



▶ 00:00 | 00:35 | 🔊 | 📺

Ir para página Vai

Fig. 06 - Hiperlivro e hipervídeo da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem no AVEA.

Assim, concluída a escolha da personagem de análise, reitera-se que essa não contou apenas com razões pessoais. Ao contrário, a partir de critérios mais voltados à apresentação cênica diante das câmeras e ainda à clareza da sinalização em língua de sinais a partir do bom uso dos elementos básicos da Libras, justifica-se a escolha da personagem de análise, a qual, dentro da equipe de tradutores do curso, é alguém com boa presença de vídeo e forte potencial de interação com a câmera¹¹.

11 - A partir de Avelar (2009: 382), tem-se que essa personagem é “surda, natural do Rio de Janeiro, graduada em pedagogia e mestranda em linguística pela UFSC”. Além disso, Avelar (2009) também menciona que essa personagem tem uma experiência de 09 anos como tradutora-atriz no Rio de Janeiro e ainda que começou a atuar no Letras-Libras no início do ano de 2008.

Além desse aspecto, comentamos que ela foi escolhida também por conta do uso profícuo e proficiente de elementos básicos da Libras durante sua re-textualização em sinais, o que confere clareza ao seu texto traduzido em língua de sinais¹².

2.2.4 – Método: estudo observacional com análise descritiva interdisciplinar

As estratégias metodológicas foram fundamentadas a partir de Williams e Chesterman (2002), os quais, introduzem distinções entre os tipos de pesquisa em Tradução. Assim, a seguir, apresenta-se com base nesses pesquisadores da área de Estudos da Tradução, o método que norteou essa pesquisa, revelando suas características, dentre outros aspectos.

2.2.4.1 - O estudo de caso observacional, descritivo e exploratório

Segundo a definição que Williams e Chesterman (2002) adotam para pesquisa empírica, qual seja, aquela investigação que “procura por novos dados, novas informações derivadas da observação de dados e do trabalho experimental; e ainda que procura evidências que dêem suporte ou não confirmem hipóteses, ou gerem outras”; entende-se que este estudo se trata de uma pesquisa mais empírica que conceitual ou teórica, visto que, o objetivo maior não é “definir ou esclarecer conceitos, nem interpretar ou re-interpretar idéias, nem referir conceitos em sistemas maiores, nem tampouco introduzir novos conceitos ou metáforas ou estruturas que permitam um entendimento melhor do objeto de pesquisa” (WILLIAMS e CHESTERMAN, 2002: 58)¹³.

Porém, esclarece-se que, mesmo sendo de caráter empírico, no decorrer desse estudo, há a preocupação com a legitimidade e a relevância de estratégias mais teóricas por se entender que, a aplicação das mesmas em algumas das etapas dessa pesquisa, fundamenta o objeto, que está conectado a um campo recente dos Estudos da Tradução.

12 - Esses elementos básicos da Libras estão minuciosamente descritos em Quadros e Karnopp (2004). Nós não os pormenorizaremos aqui na metodologia, mas, faremos uma abordagem geral dos mesmos no terceiro capítulo.

13 - Assim como as demais citações de Williams e Chesterman (2002), essa se trata de nossa tradução pessoal.

Então, dando continuidade à caracterização, tem-se, segundo Williams e Chesterman (2002: 61-62, nossa tradução), que os princípios-chave acerca de uma pesquisa empírica são: (i) “*particular e geral*”, (ii) “*descrição e exploração*”, (iii) *previsão*, (iv) *hipótese*.

Quanto ao primeiro princípio, nota-se que “alguns teóricos dos Estudos da Tradução estão interessados em observar o que tornam únicas algumas traduções em particular, outros procuram por generalizações, padrões e regularidades, até mesmo por ‘universais’, elementos que talvez sejam compartilhados por todas as traduções” (Williams e Chesterman, 2002: 61a - nossa tradução). Diante desse princípio, ressalta-se que essa pesquisa se preocupa com a observação do que pode tornar singular a tradução de conteúdos textuais em português para a Libras, que acontece no AVEA do curso de Letras-Libras da UFSC. Logo, não se buscam universais, mas sim, detalhes que ressaltam a singularidade dos procedimentos tradutórios envolvendo línguas de modalidades diferentes.

Em relação ao segundo princípio, os autores mencionaram que “toda ciência objetiva descrever sim, mas explicar é algo mais complexo (...) Em outras palavras, pode-se explicar um fenômeno se houver a compreensão de suas causas ou os fatores que transparecem influenciá-lo (...)” (Williams e Chesterman, 2002: 61b - nossa tradução). Nesses termos, uma pesquisa tal como essa, estaria, segundo esse segundo princípio, concentrada mais em descrever o “fenômeno”, no caso, o procedimento de tradução em Libras, que em explicar nos seus mínimos detalhes. Porém, há explanações neste estudo que se concentram mais nos esclarecimentos de fatores ou causas que influenciam o procedimento tradutório em Libras no Letras-Libras; como também, no funcionamento da dinâmica de trabalho e na função de tais traduções dentro do AVEA do curso, sendo tudo isso feito à luz de contribuições como as de Quadros e Souza (2008), por exemplo.

Quanto ao princípio da previsão, Williams e Chesterman (2002: 61c, nossa tradução) revelam que “nas ciências naturais, se soubermos as causas de algo, nós normalmente poderemos prever quando ele irá ocorrer (...) No entanto, as explicações nem sempre significam uma completa previsibilidade”. A seguir, reiteram que “nas ciências humanas, incluindo os Estudos da Tradução, previsões são probabilísticas (...)”. Assim, aplicando isso na abordagem do objeto desse estudo, percebe-se que, a partir do entendimento das performances de tradução observadas, pode-se prever quando elas aparecerão com maior ou menor frequência em conteúdos do AVEA. No entanto, tais previsões não se-

ção extensamente analisadas, pois, tal procedimento vai além do escopo descritivo dessa pesquisa.

Por fim, no que tange ao princípio da hipótese, os autores relatam que ela se trata de “uma tentativa de enunciar, generalizar, e capturar um padrão ou regularidade observado” (Williams e Chesterman, 2002: 62 - nossa tradução). Nesse sentido, comenta-se que, nesta pesquisa, não há pretensões de generalizar padrões registrados, pois, a amostra de abordagem é limitada propositalmente para conferir mais destaque às observações descritivas de performances de tradução entre o português e a Libras. Portanto, diante desses princípios apresentados conforme Williams e Chesterman (2002: 61-62), tem-se que a natureza dessa pesquisa é empírica e marcada pelos princípios da particularidade, descrição e explicação.

Com a natureza da pesquisa reiterada, existe agora a possibilidade de se apresentar mais informações sobre o tipo de investigação empírica conduzida. Ou seja, ainda com base em Williams e Chesterman (2002), entende-se que essa investigação é do tipo naturalista (ou observacional). Conforme esses autores, esse tipo de pesquisa empírica é aquele em que “é investigado um fenômeno ou processo na medida em que ele acontece na vida real e em seu cenário natural” (Williams e Chesterman, 2002: 62a, nossa tradução). Natural aqui entendido como o que está acontecendo realmente e não eliciado, ou testado. Segundo eles, nesse tipo, “o observador tenta não interferir no processo (ou o mínimo possível), mas, simplesmente observa e percebe certos elementos no mesmo” (WILLIAMS e CHESTERMAN, 2002).

A seguir, esses autores ressaltam que tal procedimento deve acontecer a fim de obter um panorama geral do que está acontecendo, ou investigar uma questão específica. Ao final, comentam que os estudos empíricos observacionais podem ser de natureza exploratória, em que são analisadas situações ou traduções sem que haja hipóteses específicas ou enfoques prévios, podendo resultar em propostas de novas abordagens de pesquisa, por exemplo; bem como, observacional mais focalizada, no qual, a partir de estudos fundamentados em questionários, consegue-se saber como tradutores lidam com seus clientes; e ainda, há aqueles em que já se chega com uma hipótese a ser testada pelo investigador (WILLIAMS e CHESTERMAN, 2002: 62-63, nossa tradução).

Portanto, fundamentando-se nesses esclarecimentos, entende-se que esse estudo se configura como observacional exploratório, já que, ao se abordar as re-textualizações em Libras da unidade 02 da disciplina

de *Aquisição da Linguagem* no AVEA do Letras-Libras, pretende-se descrever performances identificadas para, por exemplo, oferecer dados a novas abordagens de pesquisa envolvendo traduções de línguas orais para línguas de sinais.

Para isso, tecem-se alguns esclarecimentos em relação a métodos de pesquisa aplicáveis a pesquisas empíricas com base em Williams e Chesterman (2002), uma vez que, segundo esses autores, “temos vários métodos de pesquisa utilizados em pesquisas empíricas”. Logo, eles reforçam que há alguns relevantes para a pesquisa em tradução e começam a discorrer sobre eles. Assim, há, por exemplo, os estudos de caso, os estudos de corpus (ou de corpora), os estudos investigativos (ou survey studies, no original), e os que aplicam métodos histórico-documentais (ou archival methods) (WILLIAMS E CHESTERMAN, 2002 - nossa tradução).

Nesses termos, comentamos que essa pesquisa adota o método de estudo de caso, já que, além da natureza experimental (ou empírica) e observacional, ela dispõe de um caráter mais qualitativo que quantitativo, ou seja, está mais voltada a descrever de forma esclarecedora a qualidade de algo e a investigar o que é possível, pode acontecer ou o que pode acontecer às vezes, sem buscar concluir o que é provável, geral ou universal (WILLIAMS e CHESTERMAN, 2002: 64 - nossa tradução).

Agora, por estudo de caso, entende-se mediante Williams e Chesterman (2002: 65), que se trata de um método de pesquisa cujo foco está limitado a situações em um contexto natural e não experimental, como também, cujo material de pesquisa pode consistir de uma única unidade a ser analisada, isto é, uma única tradução, um único tradutor, as instâncias de tradução em uma única edição de um único jornal impresso, etc. Nesse sentido, estudos de caso mais complexos concentram o foco de análise em várias unidades, utilizando, por exemplo, formatos comparativos, comparando e contrastando diferentes casos, observando as diferenças e semelhanças, bem como, fazendo uso de mais variáveis que os estudos experimentais (WILLIAMS e CHESTERMAN, 2002: 65a - nossa tradução).

Assim, conforme esses autores, o estudo de caso se configura como um método potencialmente complexo, visto que, é difícil dar conta de todas as variáveis relevantes de um contexto natural. Além disso, os estudos de caso podem ser exploratórios ou descritivos. Nos tipos exploratórios, existem questões de pesquisa tais como “*o que podemos encontrar sobre X?*”, por exemplo. Nos descritivos, temos “*qual é a natureza de X?*”, dentre outras (WILLIAMS e CHESTERMAN, 2002: 65b - nossa tradução).

Em seguida, Williams e Chesterman (2002) apresentam usos do método de estudo de caso, comentando que, um caso pode ser estudado por ser de interesse especial, por ser único, pela legitimidade de render comparações relevantes, por se tratar de algo inteiramente novo e por isso interessante; ou por ser um caso crítico ou típico em que uma assertiva teórica pode ser testada. Nesse último, eles funcionam como experimentos, constituindo boas ferramentas de verificação e geração de hipóteses. Por fim, um estudo de caso pode ainda buscar a replicação de outro estudo de caso a fim de verificar se esse é forte o bastante para dar suporte a uma determinada afirmação teórica e ser utilizado como *estudo piloto* para, por exemplo, verificar o uso de uma determinada metodologia (WILLIAMS e CHESTERMAN, 2002: 65c-66, nossa tradução).

Mediante esse cenário, menciona-se que essa pesquisa se configura como um estudo de caso observacional, descritivo e exploratório em tradução, com a intenção de descrever o trabalho de um único tradutor (isto é, o *single translator* mencionado no original em inglês de Williams e Chesterman, 2002). Nesse caso, trata-se de uma surda tradutora-atriz. Dessa forma, traz-se um estudo de caso também por conta da realidade inovadora do Letras-Libras e pela própria delimitação do nosso objeto de estudo, ou, em outras palavras, com base em Quadros e Souza (2008: 177), “a partir dos problemas encontrados nos textos produzidos, bem como, na complexidade para se chegar a um bom texto” é que foram percebidos que há procedimentos tradutórios em curso no AVEA do Letras-Libras. Assim, entende-se que se trata de um caso tradutório voltado a uma única tradução e com base na atividade desenvolvida por uma única tradutora.

Além desses aspectos, este estudo se constitui como observacional por se estar trazendo o conhecimento de como se transcorre a atividade tradutória de um texto escrito em português na modalidade gráfico-visual para um texto oral em Libras na modalidade espaço-visual, mediante a identificação de performances desenvolvidas por uma surda tradutora-atriz da equipe de tradução do curso de Letras-Libras. Da mesma forma, trata-se de uma investigação descritiva e exploratória por estar concentrada na natureza da tradução do objeto e ainda no modo como esse objeto pode ser analisado segundo os Estudos da Tradução.

Portanto, ao final dos esclarecimentos da nossa estratégia de abordagem do nosso objeto de estudo, faz-se necessário tecer mais detalhes acerca da estrutura de análise dos dados coletados, mencionando mais informações acerca do procedimento observacional descritivo-exploratório.

2.2.4.2 – Estrutura de análise interdisciplinar a partir de procedimentos descritivos

A estrutura de análise desse estudo está fundamentada a partir de procedimentos descritivos com base em contribuições como as de Mossop (2000) e Munday (2001), os quais informam sobre a interdisciplinaridade presente nos Estudos da Tradução, bem como, sobre as etapas de pesquisa que devem ser seguidas no caso de uma pesquisa de natureza experimental em tradução.

Nesse sentido, de acordo com Mossop (2000), “a produção de uma tradução pode ser descrita conforme 03 fases e 05 atividades”. Logo, ele prossegue comentando que, nas três fases da produção de uma tradução, tem-se: (1) o pré-esboço - que acontece antes que o esboço de palavra-por-palavra comece, (2) esboço e (3) pós-esboço - que se transcorre depois que o esboço de palavra-por-palavra está completo. Além disso, ele comenta que a produção de uma tradução pode ser descrita a partir de 05 atividades a serem executadas, tais como: (1) interpretação do texto fonte, (2) composição da tradução; (3) condução da pesquisa necessária para o cumprimento das tarefas 1 e 2; (4) checagem do rascunho da tradução à procura de erros e para correção se necessário e (5) decisão das implicações do encargo: como os usuários idealizados e os usuários do produto final são afetados pelas atividades 1 a 4? (MOSSOP, 2000: 40 - nossa tradução).

Nesses termos, ao se considerar o objeto dessa pesquisa com base nas fases da produção de uma tradução e nas 05 atividades a serem executadas já descritas, percebe-se comparativamente que, nessa abordagem, descrevem-se os procedimentos transcorridos antes da atividade tradutória e durante a atividade de re-textualização em Libras. No entanto, não se consideram as atividades desenvolvidas após a atividade tradutória, visto que, o objetivo maior é a descrição de performances observadas durante o trabalho desenvolvido. Agora, quanto às atividades trazidas por Mossop (2000), que descrevem a produção de uma tradução, compreende-se a partir de Quadros e Souza (2008), que no trabalho desenvolvido pela equipe de tradução do curso de Letras-Libras, há etapas semelhantes às atividades apresentadas por Mossop (2000), sendo que, a segunda - (2) *composição da tradução* - é a que mais se conecta com a abordagem descritiva do objeto de pesquisa, ainda que a primeira - (1) *interpretação do texto fonte* - também possa ser considerada, uma vez que, partindo do entendimento de interpretação como apreensão, tem-se que, antes de traduzirem os conteúdos para a Libras, é necessário que

os tradutores-atores surdos entendam completamente sobre o que tratam os textos-base, fato esse, que vai contribuir com todo o procedimento tradutório em LS.

Posto isso, a partir de Munday (2001), nota-se que, algumas mudanças acontecidas nos últimos anos têm estabelecido links através das disciplinas. Segundo ele, tais abordagens interdisciplinares quebram barreiras e refletem as rápidas trocas de conhecimento em uma sociedade cada vez mais globalizada e informatizada. Assim, os Estudos da Tradução são, por excelência, um exemplo de campo científico que pode trazer consigo abordagens de um variado *ranking* de estudos linguísticos e culturais, modificando-os por si mesmos para uso próprio e desenvolvendo novos modelos específicos para atender suas próprias demandas (MUNDAY, 2001: 182, nossa tradução).

Com base nesse cenário, entende-se que os Estudos da Tradução podem ser considerados como uma “*interdisciplina*”, e ainda que, por conta disso, podem “desafiar o modo convencional de pensar, pela promoção de novas conexões entre diferentes tipos de conhecimento e tecnologias, respondendo a elas propriamente” (Munday, 2001: 182a, nossa tradução). No entanto, é importante apontar ainda que, conforme esse autor, o relacionamento dos Estudos da Tradução com outras disciplinas não é fixo. Na realidade, isso explica as mudanças ao longo dos anos, de uma ligação forte com a linguística contrastiva, nos anos 1960 à presença marcante dos estudos culturais atualmente (MUNDAY, 2001: 183, nossa tradução).

Mencionou-se essas considerações de Munday (2001) acerca da interdisciplinaridade dos Estudos da Tradução a fim de se esclarecer que, em nível de estrutura de análise, escolheu-se montar um cenário interdisciplinar com base no esboço proposto por Hatim e Munday (2004). Destarte, convém ressaltar que foi considerada a interdisciplinaridade dos Estudos da Tradução com base em Munday (2001) também por se concordar com a idéia que ele traz que não há isolamento disciplinar nos campos científicos, ou seja, esse campo não está sozinho nas ciências humanas e, por sua vez, nem os estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais. Ao contrário, conforme a ressalva de Turner (2007), os ETILS se configuram como um novo campo de investigações vinculado aos Estudos da Tradução e às suas subáreas como a dos Estudos da Interpretação, por exemplo, que é marcado pela presença de profissionais cujas “origens acadêmicas” estão enraizadas em campos científico-acadêmicos diversos tais como a linguística, a educação e outros.

Ainda segundo Turner (2007), compreende-se que essa natureza interdisciplinar dos ETILS favorece várias abordagens sob óticas que, trabalhadas em consonância, podem contribuir para fazer dessa subárea um campo de pesquisa relevante, legítimo e autêntico.

Logo, iniciamos a construção da estrutura de análise a partir de contribuições da linguística, tanto em termos de línguas orais quanto de sinais, com base nas contribuições de Santos (1994), Silva (2009), além de Ong (1998), Koch e Travaglia (2000), como também, Quadros e Karnopp (2004). Esses autores corroboram com a descrição das configurações textuais de um texto em Libras e de um texto em português. Ao apresentar isso por meio de suas contribuições, além de se revelar a fundamentação linguística, pretende-se evidenciar que os produtos envolvidos nos procedimentos tradutórios do Letras-Libras se constituem como textos de modalidades diferentes.

Ao se descrever o que faz um texto ser considerado texto em português e em Libras, bem como, sobre o gênero dos textos envolvidos diretamente com o objeto de pesquisa, passa-se a descrever sobre a fidelidade na tradução e na interpretação com base em Gile (1995), a fim de, por exemplo, apresentar-se um modelo de texto-alvo e não de declarar que é a fidelidade que se constitui uma de nossas categorias de análise. Escolheu-se esse referencial de Gile com base tanto na própria dinâmica de trabalho da equipe de tradução quanto nas próprias preocupações dos surdos tradutores-atores em relação ao trabalho que desenvolvem na equipe.

Conforme Quadros e Souza (2008), percebeu-se que a busca por um modelo de texto traduzido a ser seguido por parte da equipe de tradução se configurou como uma possível solução às problemáticas evidenciadas pela coordenação geral do curso. Por isso, ao se apresentar o modelo de Gile (1995), foi possível viabilizar outro elemento da análise descritiva interdisciplinar do objeto e, tal descrição é conduzida com base nos próprios textos envolvidos no procedimento tradutório.

Na sequência à descrição do conteúdo teórico de Gile (1995), partiu-se para o procedimento descritivo de normas de tradução com base em Stone (2009), para se ter uma fundamentação teórica a partir da qual se pretende tecer comparações e diferenciações em relação ao que é desenvolvido na equipe de tradução do Letras-Libras. Assim, munidos de contribuições linguísticas, além de outras de áreas e subáreas dos estudos da tradução, parte-se para o procedimento descritivo quanto à noção de performance em língua de sinais conforme o semioticista Novak (2005). Conforme esse autor, tem-se a informação que justifica o uso do termo

“*tradutor-ator*” como item para descrever a atividade desenvolvida pelos surdos da equipe de tradução do Letras-Libras. Conduziu-se essa descrição também com base em Quadros e Souza (2008), os quais, apresentam mais informações sobre os próprios profissionais que corroboram com o entendimento do uso do termo “*tradutor-ator*” para esse caso das retextualizações em Libras publicadas no AVEA do Letras-Libras.

Por fim, o último elemento integrante da abordagem interdisciplinar está embasado em Quadros (2006) e Quadros e Souza (2008), os quais, ao comentarem sobre efeitos de modalidade de línguas em contato (no caso, Libras e português) revelam influências dos Estudos Linguísticos de Línguas de Sinais nos procedimentos tradutórios. Toma-se por base essa escolha para conferir à nossa análise uma interdisciplinaridade com a linguística de línguas de sinais a fim de, por exemplo, fundamentar as afirmações descritivas de que os procedimentos tradutórios no curso de Letras-Libras são tipos interlinguais de tradução. Portanto, compreende-se que essa interdisciplinaridade em torno do objeto é fruto de procedimentos descritivos linguísticos e tradutórios.

Encerra-se esse capítulo que traz os primeiros passos da pesquisa, deixando reveladas as demandas de tradução no Letras-Libras, como também, a montagem do cenário investigativo do estudo; bem como, corroborando com as contribuições metodológicas de Gerzymisch-Arbogast (2001) acerca das pesquisas em tradução, que trazem que a apresentação do estado da arte se constitui um fundamento importante para o bom resultado de uma pesquisa com objeto pertinente às abrangências dos estudos da tradução. Posto isso, percebe-se que ter iniciado com esclarecimentos conceituais e ainda com uma breve tentativa de descrição do estado da arte da língua de sinais nos estudos da tradução, favoreceu a análise interdisciplinar das performances de tradução.

Em acréscimo, pontua-se também que houve o cuidado de atentar para as limitações de abordagem da análise interdisciplinar em pesquisas filiadas aos estudos da tradução mencionadas por Munday (2001) e Malmkjaer (2000), os quais enxergam que há tanto possibilidades de “preenchimento de espaços anteriormente vazios entre os estudos linguísticos e culturais” (Munday, 2001: 190, nossa tradução) quanto de compreensão superficial ou pouco grau de conhecimento dos problemas abordados quando conduzimos pesquisas interdisciplinares no campo dos Estudos da Tradução. Mas, Munday (2001) ainda comenta que, ao invés de nos preocuparmos com possíveis resultados negativos das pesquisas interdisciplinares, é necessário considerar o quanto é preciso especializar as

abordagens (Munday, 2001: 190a, nossa tradução). Por isso, ao escolher essa estratégia de análise, notou-se que há limitações em termos de profundidade teórica. No entanto, acredita-se que, pode haver contribuições para, dentre outras coisas, o estabelecimento da tradução para línguas de sinais como objeto legítimo de pesquisa nos estudos da tradução.

A seguir, são conduzidas as descrições acerca das configurações e gêneros textuais presentes em nosso objeto.

3 – FUNDAMENTOS DA CAMINHADA DE PESQUISA

“Língua apenas aparece em textos. – Cada texto segue um gênero textual. – O conhecimento a respeito de gêneros textuais guia a recepção bem como a produção de textos. Gêneros textuais são culturalmente estampados; divergências no nível textual podem levar a graves interferências comunicativas” (Kirsten Adamzik, 2005 apud HEIDERMANN, 2009: 12).

3.1 – A configuração textual no português e na Libras

Esclarecimentos a respeito da configuração textual de conteúdos em português e em Libras são necessários justamente por se estar trabalhando com um conceito de tradução como re-textualização e lidando com textos de modalidades diferentes. Logo, entender o que faz um texto ser considerado texto, tanto no português quanto em Libras, constituiu-se como algo fundamental às descrições das performances de tradução observadas.

Para isso, começa-se essa pormenorização a partir do que forma um texto em português, abordando noções de coesão, coerência, dentre outras e exemplificando tudo a partir do texto-base da disciplina escolhida para análise. Ou seja, exemplificamos a configuração textual em português a partir do trecho da Unidade 02 da disciplina de Aquisição de Linguagem publicado on-line no AVEA do curso de Letras-Libras.

Em seguida, descrevem-se detalhes acerca da configuração de textos em Libras. Nesse sentido, abordam-se também noções de oralidade, escrita, coesão, entre outras, com base em autores da linguística de línguas de sinais e dos estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais. Pautou-se ainda na diferença de modalidades entre as línguas em contato nos procedimentos tradutórios observados, para “somar força” à fundamentação de que é legítimo, em termos de língua de sinais, considerar um conteúdo re-textualizado como sendo texto.

Somado a isso, mencionam-se mais informações quanto ao tipo de texto que passa por procedimentos de tradução na interface português-Libras. Assim, considerações acerca do gênero textual dos textos-base que servem de fonte para os surdos tradutores-atores são tecidas, bem como, apresentam-se outras características desses textos.

Portanto, ao se encaminhar tais esclarecimentos, consegue-se conferir relevância e legitimidade às questões em torno das performances de tradução em Libras observadas a partir do trabalho de uma surda tradutora-atriz. Por isso, fez-use uso de Adamzik (*apud* Heidermann, 2009)

como epígrafe, pois, acredita-se que a língua aparece em textos, que cada texto segue um gênero textual, e ainda, que o conhecimento a respeito de gêneros textuais pode guiar a recepção e a produção de textos (HEIDER-MANN, 2009: 12).

3.1.1 – A configuração de um texto em português

As descrições acerca da configuração de um texto em português são apresentadas a partir da citação do conceito de texto considerado mais afim ao objeto de pesquisa. Nesses termos, mediante Koch e Travaglia (2000: 08), tem-se que um texto é

uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor, ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.

Perante essa definição, ao se considerar o objeto desse estudo, pode-se entender que os conteúdos das disciplinas publicados no AVEA são unidades linguísticas concretas, as quais, tanto na língua-fonte (português) quanto na língua alvo (Libras) são perceptíveis pela visão e tomadas em uma situação de interação comunicativa específica - no caso, a de modalidade à distância - como uma unidade de sentido passível de preencher uma função comunicativa reconhecível e reconhecida independentemente de sua extensão, que é a de gerar aprendizagem, por exemplo. Por isso, podem-se reconhecer tais conteúdos como textos.

Ainda com base nesses autores, apresenta-se o conceito de textualidade para complementar o entendimento do que faz um texto ser considerado texto. Logo, a textualidade ou textura é o que faz de uma sequência linguística um texto e não um amontoado aleatório de frases ou palavras. Essa sequência é percebida como texto quando quem a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa. Assim, eles defendem que é a coerência que dá origem a essa textualidade, fazendo a sequência linguística se tornar um texto (KOCH e TRAVAGLIA, 2000: 26-27).

Diante disso, menciona-se um dos conceitos para coerência e para a coesão, que é aquela à qual a coerência está intimamente ligada no pro-

cesso de produção e compreensão do texto. Dessa forma, a coerência seria, por exemplo, a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação. Paralelamente a esse conceito de coerência, há o conceito de coesão, a qual é explicitamente revelada a partir de marcas linguísticas, bem como, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, sendo, portanto, de caráter linear, manifestando-se na organização sequencial do texto, além de nitidamente sintática, gramatical e semântica (KOCH e TRAVAGLIA, 2000: 11-13).

Por outro lado, conforme Santos (1994: 31), encontra-se uma contribuição de Fávero (1991) que versa que não é possível definirmos intuitivamente o que faz um texto ser texto. Assim, Santos (1994: 31a), conforme Beaugrande & Dressler (1981), acrescenta que há uma classificação na qual estão descritos vários fatores envolvidos com a textualidade, tais como a coesão, a coerência, a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade (SANTOS, 1994).

Assim, entende-se que mesmo que não seja tão fácil definir o que faz um texto ser considerado um texto, a partir da coerência enquanto elemento da textualidade é possível se considerar um texto como um texto. Afinal, é possível não ter coesão e ter ainda um texto, pois, uma vez havendo sentido, há coerência e, logo, há texto (KOCH e TRAVAGLIA, 2000).

No caso desse estudo, por exemplo, descreve-se mais acerca da coerência no trecho escolhido, para se tecer comentários descritivos sobre o conteúdo traduzido em Libras. Desse modo, a partir da proposta de Charolles (1978) (in: Koch e Travaglia, 2000: 50), tem-se que há, por exemplo, quatro meta-regras de coerência, a saber: repetição, progressão, não-contradição e relação. Logo, segundo a meta-regra da repetição, um texto é coerente quando, em seu desenvolvimento linear, constam elementos de recorrência estrita, mediante mecanismos de coesão referencial. Nesse sentido, conforme a meta-regra da progressão, tem-se que, para um texto ser coerente, é necessário que, no seu desenvolvimento, haja uma contribuição semântica renovada de modo constante e com base em mecanismos de coesão sequencial. Agora, de acordo com a meta-regra da não-contradição, percebe-se que um texto é coerente quando, em seu desenvolvimento, não há introdução de nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por ocorrências anteriores, ou dedutíveis dessa por influências. Por fim, pela meta-regra de relação, um texto só é coerente quando os fatos denotados no mundo por ele representado estiverem relacionados (Charolles, 1976 in: KOCH e TRAVAGLIA, 2000).

Então, é possível inferir que, em todo texto, deve haver a retomada de elementos já enunciados e, ao mesmo tempo, o acréscimo de informação. Além disso, seria possível acrescentar uma meta-regra de “superestrutura”, a qual, por sua vez, estaria ligada à estrutura de cada tipo de texto, seja descritivo, narrativo ou dissertativo, etc. (KOCH e TRAVAGLIA, 2000: 50-51).

Nesse contexto, reconhece-se que o entendimento dos conceitos, regras e outros detalhes acerca da coesão e da coerência são relevantes para os procedimentos de tradução, pois, segundo Blum-Kulka (1986), “a tradução é um processo que opera em textos (ao invés de palavras ou sentenças)(...)” (Blum-Kulka, 1986: 32 - nossa tradução).

Assim, cita-se abaixo o conteúdo-fonte da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem, que trata das “Teorias sobre Aquisição da Linguagem” e está publicado no AVEA do Letras-Libras, como exemplo do conteúdo escolhido como objeto de análise:

“Uma teoria sobre a aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados no tópico anterior. Algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas, mas depois de examinadas mais detalhadamente, veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente” (UFSC, CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS, AVEA, HIPERLIVRO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, UNIDADE 02, 2008: sem página).

Em paralelo, apresenta-se o conteúdo-fonte dentro do mesmo tema, que está publicado no terceiro tópico do texto-base da mesma disciplina do curso:

“Uma teoria sobre a aquisição da linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados acima. Algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas, mas depois de examinadas mais detalhadamente, veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos acima” (GROLLA, 2009: 10).

Ao se observar esses dois excertos, já de início, pode-se questionar se há diferenças entre eles. Assim sendo, ao se tecer uma análise comparativa entre os dois, percebe-se, por exemplo, que: (i) ambos possuem quatro orações; (ii) ambos possuem diferenças quanto à coesão e à coerência, (iii) um deles pode ser entendido como conteúdo-fonte que passou por um procedimento de tradução intralingual, enquanto o outro não, e por fim, (iv) a textualidade de um é diferente da que está presente no outro, fato esse, que, segundo um entendimento pessoal, influenciou a fundamentação dos procedimentos tradutórios em Libras.

Com isso, comenta-se, quanto à primeira constatação, que estas são as quatro orações:

- 1) Primeira oração: *uma teoria sobre aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados no tópico anterior.*
- 2) Segunda oração: *algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas,*
- 3) Terceira oração: *,mas depois de examinadas mais detalhadamente,*
- 4) Quarta oração: *veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente.*

Agora, quanto à segunda constatação (ii), que trata acerca das diferenças quanto à coesão e à coerência, tem-se, por exemplo, que o primeiro texto - que faz parte do hiperlivro do AVEA - possui, em sua primeira oração, três palavras diferentes daquelas usadas na primeira oração do segundo texto - que corresponde ao texto-base da disciplina. Além disso, há uma palavra na quarta oração do primeiro excerto que difere da utilizada na mesma quarta oração do trecho do texto-base. Ou seja, ao final da primeira oração do fragmento do hiperlivro, há o aparecimento das palavras **no tópico anterior** e, na mesma posição da segunda oração, usa-se a palavra **acima**. Apesar de terem a mesma intenção em termos de coerência textual - de completar o sentido de estabelecimento de uma relação com algo tratado anteriormente no texto - elas possuem diferenças em termos de coesão, pois, embora apareçam ao final da frase **“Uma teoria sobre a aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados”**, as três palavras da primeira oração sugerem uma coesão remetente a algo tratado em um tópico antecedente àquele em que o excerto está presente. Isto é, em se tratando de AVEA do Letras-Libras - em que a distribuição se dá em hipertextos, dispostos em hiperlivros que apresentam subdivisões em unidades, também chamadas de tópicos - quando se vai mencionar algo apresentado em uma unidade anterior àquela em que está

presente o conteúdo sobre o que se está falando, é necessário usar palavras como “*no tópico anterior*” ou “*anteriormente*” (como aparece no final da quarta oração acima). Isso porque, por conta da própria disposição visual do conteúdo no ambiente e do design da informação, trata-se de algo que, para ser lido de novo, é preciso se pressionar o botão de “voltar” (seta indicativa “*para a esquerda*”) na barra de tarefas disposta no cabeçalho do hiperlivro da disciplina no AVEA.

Porém, todo esse procedimento não acontece no caso do texto-base da disciplina, porquanto que, ao ser utilizada ao final da mesma oração, a palavra acima sugere um indicativo de coesão que remete o leitor, caso ele opte por conferir os fatos apresentados, a um espaço de leitura diferente daquele em que ele já está lendo. Ou seja, como o texto-base é disponibilizado em formato de documento portátil digitalizado (PDF) visando a praticidade de acesso e armazenamento por parte dos discentes do curso, a disponibilização do seu conteúdo para a leitura é pensada na interface digital mediante os programas de computador que permitem a abertura de textos no formato em que o mesmo vem sendo disponibilizado. Assim, normalmente, se o leitor quiser fazer a conferência dos fatos apresentados anteriormente, ele vai precisar subir o texto no ambiente computacional de leitura, por exemplo. Logo, o uso da palavra *acima* como referência aos mesmos constitui algo coerente com o texto-base, mas de coesão diferenciada em relação à apresentada pelo hiperlivro.

Outra diferença marcante entre esses dois textos, com base na terceira constatação, é que o texto presente no hiperlivro poder ser entendido como conteúdo que sofreu um procedimento tradutório intralingual, enquanto que o outro (texto-base), serve de referência ao trabalho dos surdos tradutores-atores, por exemplo. Em outras palavras, a partir da tabela abaixo, ao se observar as mudanças de coesão que interferem na coerência dos excertos em relação ao meio em que estão inseridos, tem-se:

14 - tal disposição já está ilustrada no capítulo segundo, na Figura 02.

15 - tradução para “Portable Document Format” com base no texto disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Portable_Document_Format. Acesso em 11 de Março de 2009.

Texto-base da disciplina em português	Hipertexto do hiperlivro em português
<p>Uma teoria sobre a aquisição da linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados acima. Algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas, mas depois de examinadas mais detalhadamente, veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos acima.</p>	<p>Uma teoria sobre a aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados <i>no tópico anterior</i>. Algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas, mas depois de examinadas mais detalhadamente, veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos <i>anteriormente</i>.</p>

Tabela 01 - disposição das diferenças de coesão e coerência entre o texto-base e o hipertexto do hiperlivro.

No caso da disposição do texto-base, pode-se considerá-lo como texto-fonte que serve de referência tanto aos surdos tradutores-atores quanto aos próprios discentes do curso, por tratar do conteúdo preparado pelos professores-autores de cada disciplina e também por chegar às equipes multidisciplinares de trabalho do Letras-Libras sem sofrer alterações prévias. Além disso, realçou-se a palavra que se apresentou diferente do trecho do hipertexto do hiperlivro, bem como, informou-se que se trata ainda de um conteúdo em PDF.

Por outro lado, destaca-se que, na coluna ao lado, consta o hipertexto do hiperlivro da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem. Em seu conteúdo, realçaram-se as palavras diferentes do texto-base. Por haver palavras cujas relações de coerência e coesão estão diretamente relacionadas ao meio virtual em que está inserido o hiperlivro, pode-se dizer que esse excerto se trata de uma tradução do tipo intralingual do texto-base da disciplina, pois, “*no tópico anterior*” pode ser entendido como uma tradução intralingual para “*acima*”.

Por fim, o quarto e último aspecto diferencial está ligado à textualidade desses dois textos, a partir da qual, pode-se dizer que um é diferente do outro justamente por conta dos elementos de coesão e coerência utilizados nos mesmos. Ou seja, por conta do trecho do hipertexto dispor de palavras que sugerem uma relação espacial de antes e depois no sentido de ir e vir da esquerda para a direita e o trecho do texto-base dispor de palavras que sugerem uma relação espacial cuja sequência de antes e depois tem sentido acima e abaixo de localização, pode-se declarar que aquilo

que faz da sequência linguística on-line um texto e não um amontoado aleatório de frases ou palavras é diferente da preconizada no texto-base.

Nesses termos, a tradução intralingual dessas palavras no hipertexto influi na coerência e na coesão que o rege, e ainda, fundamenta o procedimento tradutório do mesmo para a Libras. Então, observar esses detalhes e entender as especificidades da configuração textual que os envolvem, constitui um procedimento relevante para se conseguir perceber as re-textualizações em Libras providas pelos surdos tradutores-atores enquanto textos visuais, pois, segundo Blum-Kulka (1986: 24), para o leitor, o texto se torna coerente se nele for possível aplicar esquemas relevantes como os baseados no conhecimento de mundo, na familiaridade com o gênero convencionado, entre outros, para se desenhar as inferências necessárias ao entendimento, tanto dos caracteres quanto do espírito do texto (BLUM-KULKA, 1986: 24).

3.1.2 – A configuração de um texto em Libras

Para apresentar as configurações de um texto em Libras, revelando quais elementos fazem com que o mesmo seja considerado um texto em língua de sinais, é necessário comentar sobre a estrutura da frase em Libras, conforme Quadros e Karnopp (2004) e sobre os elementos utilizados para comunicar um evento em língua de sinais segundo Meir et al (2008). Além disso, entende-se que é preciso tratar dos elementos de coesão e coerência textual em relação a um texto disponibilizado em uma língua espaço-visual como a Libras segundo Anater e Passos (2009), Pizzuto et al (2008) e Stone (2009) e exemplificar as considerações tomando por base, por exemplo, a glosa de nossa personagem surda tradutora-atriz cujas performances de tradução foram escolhidas para análise neste estudo, também é relevante. Seguimos essa ordem de distribuição de informações para apresentar, ainda que brevemente, mais detalhes a respeito da complexidade da configuração textual em língua de sinais.

Assim, a partir de Quadros e Karnopp (2004: 156), tem-se que a ordem básica da frase na Língua Brasileira de Sinais traz primeiramente o Sujeito (S), seguido do Verbo (V), e então, do objeto ou complemento (O). Logo, SVO é o que se refere a essa ordem. Além dessa, as autoras apresentam OSV, SOV, VOS como possibilidades de ordem da frase em Libras, sendo que, essas últimas, são derivadas da ordem básica SVO e resultantes de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo

de marca como, por exemplo, a concordância e as marcas não-manuais. Isso é tanto que, segundo elas, há uma assimetria entre as construções com verbos sem concordância e as com verbos com concordância (QUADROS e KARNOPP, 2004: 155-156).

Ressalta-se, então, que a ordem SVO é a mais básica nas frases em Libras, pois, com base no trecho do hipervídeo escolhido para análise nessa pesquisa, por exemplo, percebe-se que, em todas as orações que o compõe, a ordem constituinte é a SVO. Assim, ao se reconhecer a SVO como ordem presente tanto no texto-fonte em língua portuguesa quanto na re-textualização em língua de sinais, já se começa a comprovar que é possível ter sim um texto em Libras como tradução de um texto em português.

Nesse contexto, convém mencionar que, no caso da Libras, segundo Silva (2009: 65), a coerência e a coesão também estão associadas ao estudo do texto, sendo que, a coerência está mais ligada à interpretação e compreensão textual e, por outro lado, a coesão acontece a partir de movimentos, estando ligada também à transcrição dos sinais. Além disso, segundo esse autor, a coesão se constitui como um item fundamental na língua de sinais, ocorrendo diferentemente da versão gráfico-visual da língua falada e tendo como um dos recursos que lhe são peculiares, por exemplo, a marcação de referentes no espaço de sinalização, fato esse que se apresenta como elemento fundamental de coesão para que haja coerência em um texto em Libras (SILVA, 2009).

Dessa forma, a textualidade é marcada, não só pelo uso de sinais coerentes com o contexto do conteúdo enunciado, mas também, pelo manejo satisfatório de elementos e unidades básicas da língua de sinais, como o espaço de sinalização, a apontação, entre outros recursos tanto dêiticos quanto anafóricos. Isso se transcorre, dentre outras razões, devido à própria quadridimensionalidade da Libras e ainda porque o corpo do sinalizador faz parte do próprio evento de sinalização, segundo defendem Quadros e Souza (2008). Ou seja, mediante o uso de recursos linguísticos próprios das línguas de sinais (Quadros e Karnopp, 2004 e Meir, 2008), os surdos tradutores-atores tecem performances tradutórias em língua de sinais que evidenciam conteúdos coesos e coerentemente fundamentados nos textos-fonte.

Assim sendo, podemos mencionar que aquilo defendido por Koch e Travaglia (2000) em relação à coerência - que é possível que um texto não disponha de coesão e permaneça coerente - também acontece na Libras, uma vez que, ainda que um texto não seja sinalizado segundo a ordem básica SVO em suas frases e não apresente uma coesão devidamente

empregada, é possível que ele permaneça coerente e compreensível pelo seu leitor-espectador. A título de exemplo, seguem as figuras 07 e 08 abaixo, conforme Silva (2009: 66):

Texto com coesão:

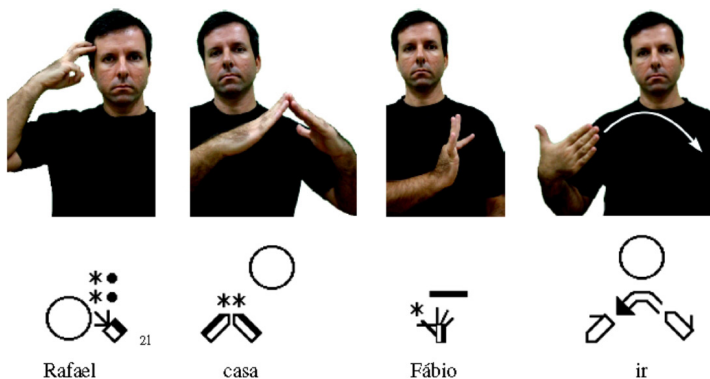


Fig. 07 - Exemplo ilustrativo de um texto em LS com coesão.

Texto sem coesão:

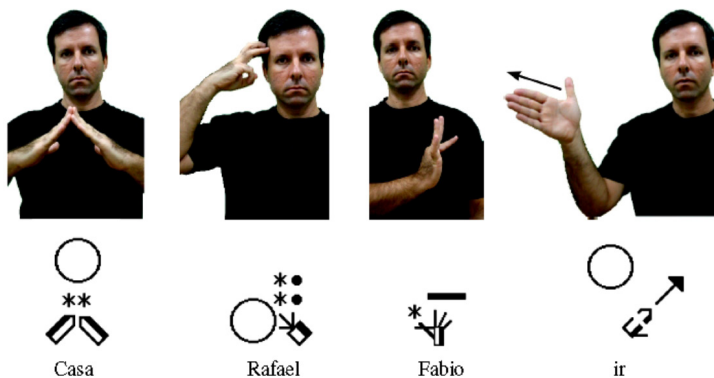


Fig. 08 - Outro exemplo ilustrativo de um texto em LS.

Ao se considerar a frase da Fig. 07, tem-se que, em meio ao espaço de sinalização, o sujeito da ação - no caso, o *Rafael* - está indicado à esquerda mediante o uso do sinal referente à própria pessoa que está para executar a ação. Isso diz respeito à primeira figura da esquerda para a direita. Em seguida, há a marcação do objeto da frase - a *casa* - no lado direito do espaço de sinalização, revelada na segunda figura da esquerda para a direita. Logo após, há a marcação, também no lado direito do espaço de sinalização, de uma outra pessoa que, na frase, pode ser compreendida como possuidora da já referida casa. Trata-se da terceira figura da esquerda para a direita. Por fim, há a indicação do verbo executor da ação - *ir* - dentro do lado esquerdo do espaço de sinalização, de forma que, na última figura da esquerda para a direita, tem-se a conclusão do indicativo da ação dessa frase em Libras. Ou seja, por extenso, teríamos: RAFAEL - CASA FÁBIO - IR, sendo que, *Rafael* aparece como sujeito do lado esquerdo, *casa* e *Fábio* surgem como objeto no lado direito e *ir* desponta como verbo indicativo de movimento da esquerda para a direita. Em português, a frase poderia ser lida como: “*Rafael vai à casa de Fábio*”. Assim, a ordem da frase seria a ordem padrão SVO em português, mas, na Libras, não, pois, teríamos RAFAEL como sujeito, CASA como objeto direto, “de Fábio” como objeto indireto e IR como verbo, o que, por fim, evidencia a ordem SOV para esse mesmo trecho em Libras.

Agora, na Fig. 08, em termos espaciais, há uma ordem diferente daquela apresentada na figura anterior. Ou seja, a frase presente nessa figura apresenta a ordem OSV, pois, tem-se o objeto (*casa*) sinalizado ao centro, o sujeito (*Rafael*) sinalizado à esquerda, o restante do objeto (*Fábio*) sinalizado à direita e o verbo com início de sinalização à direita indicando movimento da direita para a esquerda. Nesses termos, por extenso, haveria a seguinte possibilidade de leitura em Libras: CASA RAFAEL - FÁBIO - IR, sendo que, em português, seria: “*À casa de Rafael, o Fábio vai*”. Assim, na Libras, a coesão textual pode ser marcada, então, pela ordem da frase, seja ela a ordem padrão SVO, ou as outras ordenações possíveis devidamente marcadas com suas respectivas marcações não-manuais (Quadros e Karnopp, 2004), assim como, pela marcação precisa e consistente dos pontos e dos referentes no espaço de sinalização. Isto é, uma vez que as apontações estejam devidamente estabelecidas e sejam retomadas durante a textualização em Libras, isso indica que aquele conteúdo textual-visual dispõe tanto de coerência quanto de coesão. Logo, por conta desse estabelecimento impreciso dos referentes no espaço de sinalização, o texto da Fig. 08 não estaria coeso em termos de textos em língua de sinais (SILVA, 2009).

Assim, a partir de Anater e Passos (2009: 51-52), reitera-se que, na sinalização de textos narrativos, por exemplo, a realização de sinais dêitico-anafóricos na coesão textual visual das ideias, ocorre de maneiras diferentes e de forma simultânea, ou seja, os referentes podem ser introduzidos no discurso a partir da dêixis¹⁶ e retomados depois de maneira anafórica, por meio de sinais manuais acompanhados da direção do olhar e dos movimentos do corpo. Além disso, uma apontação para o referente também pode ser realizada e, na retomada desse, é possível utilizar o olhar como recurso anafórico, ao mesmo tempo em que um segundo referente é introduzido (ANATER e PASSOS, 2009).

Nesse sentido, pode-se exemplificar tal assertiva a partir do hipervídeo escolhido para a análise nessa pesquisa, demonstrando que, no caso desse, além da utilização satisfatória do espaço de sinalização por parte da surda tradutora-atriz, há em sua re-textualização o uso de recursos dêiticos e anafóricos. Ou seja, com base na própria glosa concebida pela tradutora-atriz, bem como, nos trechos do hipervídeo quadro a quadro (ou em *frames*), pode-se comprovar elementos visuais de coesão e coerência textual que corroboram para o entendimento da re-textualização em Libras como sendo um texto. Abaixo, seguem a figura 09 como ilustração gráfica interlingual desses elementos:

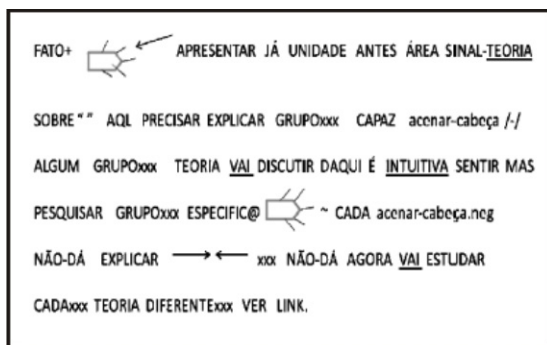


Fig. 09 - Glosa referente ao texto escolhido da disciplina de Aquisição da Linguagem para análise.

16 - Segundo Quadros e Karnopp (2004: 112), “a função dêitica em línguas de sinais, como na língua de sinais brasileira e na ASL, é marcada através da apontação propriamente dita. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, através da apontação em diferentes locais”.

Com base na Fig. 09, ao se notar a presença de palavras como “ANTES”, “JÁ”, “AGORA”, “DAQUI” e “VAI”, por exemplo, compreende-se que, ao optar pelo uso dessas palavras em sua glosa - a qual esboça graficamente o que foi re-textualizado em Libras - a surda tradutora-atriz revela dispor de conhecimentos acerca do uso de regras de coesão e coerência, indicando fluência na língua portuguesa. Ou seja, quando ela empregou “JÁ” e “ANTES” na primeira oração de sua glosa, ela está se referindo a um conteúdo mencionado em outra unidade do hipertexto da mesma disciplina de *Aquisição da Linguagem* do AVEA do curso de Letras-Libras. Logo, ao escolher não repetir algo mencionado antes, infere-se que isso constitui um indício de preocupação com a coesão do texto traduzido.


Uma vez que há esses indícios, pode-se declarar que a surda tradutora-atriz também revelou uma organização das orações de forma coerente com a disposição das idéias presentes, tanto no hipertexto quanto no texto-base da disciplina. Isso porque, ao fazer uso de partículas conectoras como “AGORA” e “VAI” na quarta oração, é demonstrada uma preocupação com a coerência textual e uma compreensão textual satisfatória e favorável ao êxito da textualidade do produto re-textualizado em Libras, como também, ao cumprimento do objetivo de seu procedimento tradutório de gerar aprendizagem perante os discentes do curso a partir do texto em Libras.

Depois da descrição desses indícios que comprovam a coesão e a coerência textuais segundo a glosa, evidencia-se, com base nos “*frames*” apresentados na Figura 10 - que segue logo abaixo - esses mesmos elementos de coesão e coerência, sendo que, agora, por conta do uso de recursos dêiticos e anafóricos, além do fator da quadridimensionalidade, é possível se apresentar com clareza as situações de coesão e coerência textual visual:



Fig. 10 - Disposição dos frames que ilustram os sinais de “AGORA” e “VAI” na quarta oração.

Os frames 148 até 151 representam a correspondência re-textualizada em sinais da quarta oração do texto-fonte em português. Nesse sentido, ao usar o sinal “*AGORA*”, a surda tradutora-atriz pontua especialmente o fim de uma oração (a terceira) e o início de outra oração do seu texto visual em Libras, revelando a presença de coesão e, por conseguinte, de coerência textual visual.

Nesse contexto, reitera-se que, conforme Anater e Passos (2009), o espaço é um dos elementos que favorece a coesão e a coerência dos textos enunciados em língua de sinais. Além disso, o uso da anáfora, como no sinal “*ANTES*” - descrito anteriormente com base na glosa - e de sinais dêiticos como este  na primeira e na quarta oração em referência às cinco teorias de *Aquisição da Linguagem* disponíveis no espaço visual on-line do AVEA devidamente sublinhadas como links, compreende-se que há coesão e coerência textuais presentes na re-textualização em Libras performatizada pela surda tradutora-atriz.

Ademais, o uso do corpo como anteparo visual (Quadros e Souza, 2008) para conferir desinência modo-temporal ao verbo “*DISCUTIR*” quando ele aparece entre as palavras “*VAI*” e “*DAQUI*”, entre a segunda e a terceira oração do texto, por exemplo, em que a mão da sinalizadora se desloca para frente de seu corpo no espaço exato entre a região abdomi-

nal e a torácica, revela o uso satisfatório de elementos básicos da Libras, conferindo assim, tanto coesão quanto coerência ao texto sinalizado.

Esclarecidos minimamente, com base nos estudos existentes, os elementos que conferem coesão e coerência a um texto em língua de sinais, faz-se ainda relevante apresentar informações acerca da modalidade do texto traduzido e disponibilizado no hipervídeo do AVEA. Além de ser de caráter espaço-visual ou cinético-visual (conforme Correa, 2007), de acordo com Quadros e Souza (2008) tem-se que, no caso do Letras-Libras, os textos são traduzidos de um texto escrito em português para um texto oral em sinais, sendo que, o oral, nesse caso, surge em oposição à escrita na perspectiva também do movimento enquanto elemento da própria língua de sinais.

Assim, convém enunciar as características de culturas orais (Ong, 1998: 47-70) para entendermos que as línguas de sinais são línguas não-escritas. Dessa forma, segundo Stone (2009: 46 - nossa tradução), as línguas “orais” ou não-escritas apresentam características diferentes que influenciam a organização do discurso e no qual as diferentes partes de um texto estão relacionadas uma às outras. Logo, traz-se o que Ong (1998: 47) denomina de “características do pensamento e da expressão fundados na oralidade”, de forma que, para ele, em uma cultura oral, o pensamento e a expressão tendem a ser:

- 1) *Mais aditivos que subordinativos*
- 2) *Mais agregativos do que analíticos*
- 3) *Redundantes ou “copiosos”*
- 4) *Conservadores ou tradicionalistas*
- 5) *Próximos ao cotidiano da vida humana*
- 6) *De tom agonístico*
- 7) *Mais empáticos e participativos que objetivamente distanciados*
- 8) *Homeostáticos*
- 9) *Mais situacionais que abstratos*

Com base nessa listagem, é possível afirmar, conforme Stone (2009: 47 - nossa tradução), que, faz sentido que as diferentes relações sentenciais ocorrem por conta da primeira e da terceira características citadas acima, por exemplo. Isto é, a informação não é construída com orações subordinadas, ao contrário, utilizam-se nessa construção, sentenças adicionais para acrescentar orações relativas e, algumas dessas irão dispor de uma repetição da informação que poderia ser (ou seria) vista como redundantes em termos de língua escrita.

Assim, ao se considerar a realidade do curso de Letras-Libras, comenta-se que os textos re-textualizados em língua de sinais pelos surdos tradutores-atores também são marcados por esse acréscimo de sentenças a fim de incluir orações relativas, chegando até à possibilidade de entendimento como algo redundante. Tal evento acontece, no caso do excerto escolhido para a análise, quando, por exemplo, a surda tradutora-atriz re-textualiza em Libras o conteúdo da quarta oração “veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente”, em que ela usa um recurso dêitico indicativo às cinco teorias de aquisição da linguagem a partir da mão aberta com os cinco dedos bem esticados e intensifica, por meio da repetição sequenciada do sinal “de cada uma”, a questão da incapacidade que essas mesmas cinco teorias tem de dar conta dos fatos discutidos antes. A figura 11 abaixo ilustra isso:

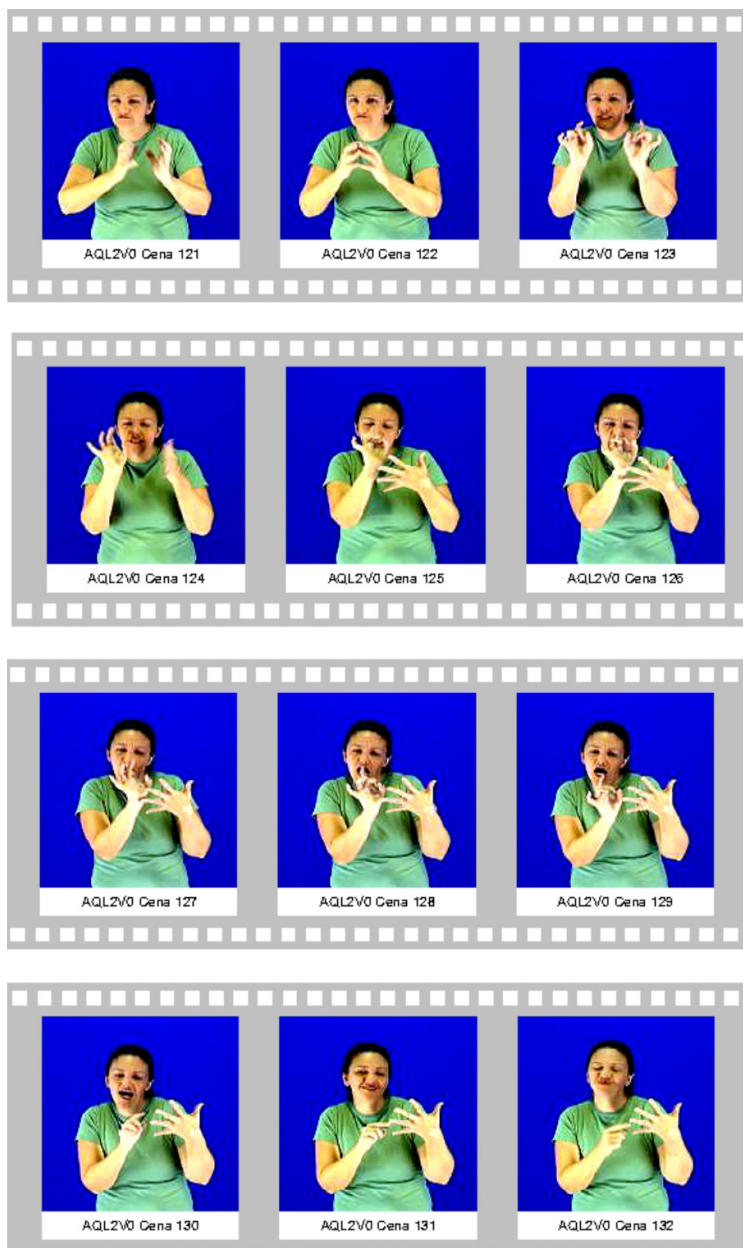


Fig. 11 - frames 125 a 132 que indicam marcações de oralidade na re-textualização da surda tradutora-atriz.

o gênero textual define a identidade de um texto. Vale a pena então conhecer alguns gêneros textuais! O que é uma crônica, um relatório, uma carta, um aviso, um cartaz, uma propaganda, uma lista, uma bula de remédio, o que é um comentário, um ensaio, uma dissertação, uma ata. Ou queremos definir alguns tipos discursivos como, por exemplo, a palestra, a conversa, a exposição, a explicação, a comunicação, o sermão. Na hora de definir um gênero textual ou um tipo discursivo fica óbvia a urgência de uma grande precisão. Esta precisão terminológica é igualmente necessária na tradução e na tradução-interpretação.

Perante essa afirmação, pode-se declarar então que o gênero textual que define a identidade dos textos que permeiam as relações de ensino e aprendizagem dentro do AVEA do Letras-Libras é o hipertexto. Ao mesmo tempo, por se tratarem de conteúdos acadêmicos, também é possível enquadrá-los como sendo textos do gênero dissertativo.

Agora, ao se considerar que gêneros textuais com características parecidas constituem uma classe ou categoria chamada de tipo de texto (Heidermann, 2009: 14a), tem-se que, os textos das disciplinas do conteúdo programático do curso de Letras-Libras podem ser considerados representativos ou informativos, pois, são formados de unidades de sentido em que há a predominância da função representativa do signo linguístico, o qual aparece simbolizando os objetos e os fenômenos da realidade extralinguística e, além disso, são unidades marcadas pela invariância no nível de conteúdo (HEIDERMANN, 2009: 14b).

Então, para se compreender melhor o procedimento tradutório, discorre-se a seguir sobre algumas características do gênero hipertexto, que engloba textos do tipo representativos ou informativos, com base em contribuições de Koch (2007).

3.2.2 – O hipertexto como gênero textual dos hiperlivros do Letras-Libras

Com base em Koch (2007), tem-se que o hipertexto se constitui como um gênero textual peculiar e, até certo ponto, complexo de ser abordado, pois, desde a sua criação enquanto termo até hoje, há várias vertentes, tanto em nível de conceituação quanto de abordagem em torno dele,

como também, há um fato que complica tudo isso que é o tomar o texto impresso como parâmetro de conceituação do hipertexto.

Assim, propõe-se uma revisão conceitual do hipertexto¹⁷ de forma que, segundo essa autora, a definição clássica do hipertexto versa que, nos idos de 1965, o hipertexto era considerado um conceito unificado de idéias e dados interconectados, de tal modo que pudessem ser editados em um computador. Dessa forma, haveria uma instância que põe em evidência, não só um sistema de organização de dados, como também, um modo de pensar, tornando comum a partir disso, a conceituação do hipertexto como metáfora do pensamento (KOCH, 2007: 23).

Outro conceito trazido por Koch (2007: 24) para hipertexto é o de que ele se refere a uma coleção de textos, imagens e sons - ou nós - ligados por atalhos eletrônicos para formar um sistema cuja existência depende do computador, em que, o usuário-leitor caminha de um nó para outro seguindo atalhos estabelecidos ou criando outros (KOCH, 2007: 24).

Na sequência, a autora cita uma definição de hipertexto a qual revela que esse se trata de um texto estruturado em rede, que, como uma matriz de textos potenciais, faz com que cada texto em particular consista em uma leitura realizada a partir dessa matriz. A seguir, ela apresenta duas definições que revelam que o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões e também que o mesmo, por ser configurado em redes digitais, desterritorializa o texto, deixando-o sem fronteiras nitidamente perceptíveis e sem interioridade claramente definível (KOCH, 2007: 24a).

Há ainda outros dois conceitos de hipertexto, de forma que, um traz o hipertexto como um texto, aberto ou múltiplo, caracterizado por princípios de não-linearidade, interatividade, multicentramento e virtualidade; e outro, diz que se trata de um meio de informação que existe apenas on-line, num computador, sendo uma estrutura composta de blocos de texto conectados por nexos (links) eletrônicos que oferecem diferentes caminhos para os usuários e que providencia um meio de arranjar a informação de

17 - Essa revisão conceitual está baseada nos autores consultados e citados por Koch (2007), como: Theodor Nelson (1992), Berk e Devlin (1991), Bairon (1995), Levy (1993, 1996), Bolter (1991), Xavier (2002), Snyder (1997) e, por fim, numa definição dela própria. Como nosso objetivo não é aprofundar as peculiaridades desse gênero textual, mas apenas deixar claro que, para traduzir um texto - seja ele qual for - entender o gênero dele é fundamental para o êxito do seu projeto tradutório, nós estamos abordando o hipertexto nessa seção desse terceiro capítulo para evidenciar que, no caso do nosso objeto de pesquisa, o texto-base foi “intralingualmente” traduzido, gerando o hipertexto, o qual, por sua vez, fora “interlingualmente” traduzido, gerando o texto em Libras cujo formato de publicação é o hipervídeo.

maneira não-linear, tendo o computador como automatizador das ligações de uma peça de informação com outra (KOCH, 2007: 24b).

Por fim, tem-se o conceito pessoal de Koch (2007: 25), que descreve o hipertexto como sendo um termo que designa uma escritura não-sequencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que se procedem as escolhas locais e sucessivas em tempo real; e ainda, o de Xavier (2002, 28-29 in: Koch, 2007: 28), o qual concebe o hipertexto como sendo um espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e de construir sentido.

Com base nessa revisão conceitual e considerando também a própria estrutura de funcionamento do curso de Letras-Libras, compreende-se que os conceitos de hipertexto que mais se aproximam da realidade do curso são esses dois últimos, pois, os hipertextos publicados no AVEA podem ser entendidos como espaços virtuais inéditos e exclusivos, em que há um modo digital de enunciar e construir sentidos em língua de sinais, objetivando a aprendizagem de discentes surdos. Logo, ainda que se tenha uma escritura não-sequencial e não-linear, os hipertextos presentes nos hiperlivros das disciplinas do AVEA do Letras-Libras permitem que os surdos-leitores tenham acesso a outros textos também disponíveis nesse mesmo ambiente virtual, de forma que, podem “caminhar” de uma unidade para outra livremente a partir de um clique.

Posto isso, comenta-se acerca das características do hipertexto, a fim de se encontrar as que mais se aproximam da realidade de textualização presente no AVEA do Letras-Libras. Assim, ainda com base em Koch (2007: 25a), tem-se a seguir as principais características do hipertexto enquanto gênero textual:

- 1) *não-linearidade ou não-sequencialidade (característica central)*
- 2) *volatilidade*
- 3) *espacialidade topográfica*
- 4) *fragmentariedade*
- 5) *multissemiose*
- 6) *descentração ou multicentramento*
- 7) *interatividade*
- 8) *intertextualidade*
- 9) *conectividade*
- 10) *virtualidade*

Tabela 02 - Principais características do hipertexto conforme Koch (2007: 25b).

Diante dessa listagem, e ao se considerar o curso de Letras-Libras, pode-se mencionar que, os hipertextos publicados no AVEA, além de disporem da característica central da não-linearidade ou não-sequencialidade - que diz que o hipertexto se estrutura reticularmente sem a pressuposição de uma leitura sequenciada com começo e fim previamente definidos, rompendo com a ordem de construção ao propiciar um conjunto de possibilidade de constituição textual plurilinearizada, condicionada por interesses e conhecimentos do leitor - também possuem as características 05, 07, 08, 09 e 10 como sendo as mais afins em termos de textualização on-line. Ou seja, por viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos e sensoriais - a saber: palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais, etc. - numa mesma superfície de leituras, os textos publicados no AVEA do Letras-Libras se constituem hipertextos marcados pela multissemiose (KOCH, 2007: 25c).

Além disso, como o usuário pode interagir com a máquina, recebendo retroações dela em troca, o hipertexto do Letras-Libras é caracterizado pela interatividade, pois, por exemplo, na seção das atividades do AVEA, a “máquina” do sistema, na pessoa de um surdo tradutor-ator, informa ao aluno as instruções e esse mesmo re-envia suas respostas. No entanto, quando surgem dúvidas, a interatividade com a máquina acontece na pessoa de um(a) tutor(a), que é responsável exatamente pelo atendimento aos estudantes, dentre outras atribuições. Outra característica marcante nos hipertextos do curso é a de número 08, pois, por fundirem e sobreporem inúmeros textos que se tornam simultaneamente acessíveis a um simples

clique do mouse, esses hipertextos são múltiplos e, logo, permeados de intertextualidade. Isso acontece quando, por exemplo, no caso da unidade 02 de Aquisição da Linguagem, houve 05 teorias enumeradas e dispostas num formato sublinhado dentro do hipertexto (KOCH, 2007: 25d).

Por fim, tem-se a conectividade e a virtualidade como sendo outras características evidentes nos hipertextos do Letras-Libras. No caso da número nove (conectividade), pode-se, por exemplo, dizer que os hipertextos do Letras-Libras dispõem dela justo por apresentarem conexões múltiplas entre os blocos de significado presentes no texto, tanto pelos links que levam a outros textos quanto pelos que levam ao glossário terminológico disponível no ambiente virtual. Agora, no caso da décima e última característica, entende-se que os hipertextos do Letras-Libras a dispõem porque os mesmos funcionam também como matrizes de textos potenciais, isto é, como base para outros textos diretamente relacionados que se conectam entre si a partir dos hiperlinks (KOCH, 2007: 25e).

Observadas essas características e ao se analisar o que Koch (2007: 26) traz acerca dos links e dos nós, discorre-se brevemente sobre as funções desse elos de ligação no hipertexto, exemplificando isso segundo a disposição do conteúdo no AVEA. Ou seja, mediante Koch (2007: 26-27), entendem-se mais claramente as informações sobre o formato do hiperlivro da unidade 02 da disciplina de Aquisição de Linguagem. Então, com base na própria Figura 06 já mencionada, nota-se que essas informações auxiliam no entendimento das performances de tradução evidenciadas no hipervídeo vinculado a esse mesmo conteúdo hipertextual.


Nesses termos, a partir de Koch (2007: 26a), tem-se que o autor de um hipertexto faz a distribuição de seus dados entre módulos que se interconectam por meio de referências computadorizadas chamadas de *hyperlinks*. Esses, por sua vez, quanto à disposição on-line, podem ser classificados como fixos ou móveis. Os fixos são os que ocupam um espaço estável e constante no sítio (ou site) e os móveis são os que variam a sua aparição conforme as conveniências do produtor-autor como que flutuando no espaço hipertextual. Dessa forma, com base na própria Figura 06 outrora apresentada no segundo capítulo, apreende-se que os hiperlinks do curso de Letras-Libras são do tipo fixo, justamente por estarem disponibilizados em um lugar estável, constante e estático dentro do espaço ocupado pelo hiperlivro no AVEA do curso.

Diante desse contexto, Xavier (2002 *in*: Koch, 2007: 26b) contribui comentando que uma das principais inovações do texto eletrônico está justamente nesses dispositivos técnico-informáticos que possibilitam

efetivar deslocamentos ágeis de navegação on-line, bem como, realizar re-emissões que permitam acessos virtuais do leitor a outros hipertextos de alguma forma correlacionados entre si. Logo, ainda segundo Koch (2007: 26c), tem-se o exemplo de 03 funções importantes desempenhadas pelos hiperlinks: a dêitica, a coesiva e a cognitiva.

Segundo a autora, os hiperlinks dêiticos funcionam como verdadeiros focalizadores de atenção, apontando para um lugar concreto e atualizável no espaço digital, de forma que, nesse caso, o site por eles indicados existe virtualmente e pode ser acessado a qualquer momento. Apresentam um caráter prospectivo e essencialmente catafórico, atuando como ejetores do leitor para fora do texto que está na tela, remetendo expectativas de completude para outros espaços. Isso é tanto que, para Xavier (2002 in: Koch, 2007: 26d), eles convidam o leitor a exercerem um movimento de projeção tal como uma espécie de êxodo não-definitivo dos limites do que está sendo lido, sugerindo-lhe insistentemente atalhos que o auxiliem na apreensão do sentido, ou seja, apresentando-lhe rotas alternativas que permitam ao leitor pormenorizar certos aspectos e preencher on-line as lacunas de interpretação.

Ou seja, para Koch (2007), os links exercem uma função dêitica por monitorarem a atenção do leitor em termos de seleção de focos de atenção, permitindo que ele não só produza uma leitura aprofundada e rica em pormenores sobre o tópico em curso, mas também, circunde um problema por vários ângulos, observando-o multilateralmente, já que, enquanto elos de ligação, remetem-se sempre a outros textos que tratam de um mesmo tópico, complementando-se, reafirmando-se, ou se contradizendo uns aos outros (KOCH, 2007).

No caso do Letras-Libras, pode-se dizer que essa função dêitica dos links está presente no conteúdo hipertextual escolhido para a análise, quando há as cinco teorias listadas, em sublinhado, uma após a outra, no canto inferior esquerdo do hiperlivro. Além disso, essa mesma função é mencionada na re-textualização em Libras do mesmo conteúdo do hipertexto quando a surda tradutora-atriz faz uso, tanto do recurso da apontação quanto deste sinal dêitico  o qual se remete à mesma listagem já disposta em língua portuguesa no hiperlivro. Com isso, percebe-se que, tanto em português quanto em Libras, o aspecto funcional dêitico dos links atua coerentemente em termos de textualização hipertextual.

Assim, é possível entender, no caso do curso de Letras-Libras, além do incremento à leitura visual dos hipervídeos em Libras, compreende-se que os links conduzem os leitores surdos a pormenorizações contextua-

lizadas com as informações re-textualizadas em sinais nos hipervídeos dispostos no hiperlivro.

Portanto, ainda a partir de Koch (2007: 30), sabe-se que o leitor de um texto constrói sua coerência ao ser capaz de estabelecer mentalmente uma continuidade de sentidos, por meio das teias intrincadas tecidas nele durante a progressão textual. Logo, no caso do Letras-Libras, tem-se que esses leitores, ainda que perfaçam alguns milhares de estudantes, constituem uma audiência pré-estabelecida, pois, mesmo apresentando níveis de conhecimento diferentes, pode-se dizer que se tratam de leitores que, em tese, possuem o mesmo objetivo maior de conseguir apreender o conteúdo programático ministrado a partir dos hipertextos e hipervídeos no AVEA do curso.

Dessa forma, encerra-se a apresentação descritiva de algumas das funções dos links no hipertexto comentando que, para a melhor compreensão das performances de tradução desses textos observados nessa pesquisa, convém se abordar os suportes de orientação que atuam como regentes da coerência hipertextual, como também, as mudanças de elementos de coesão e coerência passíveis de ocorrer durante os procedimentos tradutórios.

3.2.3 – Coerência hipertextual e os procedimentos de re-textualização

A coerência pode ser compreendida como o processo de incorporação de proposições ao texto-base, sendo que, para isso acontecer adequadamente, é imprescindível que haja uma integração conceitual e temática resultante da proposta de organização do produtor e da proposta de construção de sentido do leitor. Assim, do mesmo modo que no texto oral ou impresso, ou ainda, no caso do texto hipertextual ou em Libras, cabe ao leitor produzir inferências, não só para preencher lacunas, como também, para resolver enigmas ou desencontros, reformular hipóteses abortadas tomando como base, para tanto, os seus conhecimentos prévios, a presuposição de conhecimentos compartilhados, bem como, o seu modelo cognitivo de contexto, o qual inclui, necessariamente, o conhecimento de gêneros textuais e o de seu modo de constituição em suportes diversos (KOCH, 2007: 31).

Dessa forma, convém abordar descritivamente também o modo de constituição textual em diversos suportes, a fim de que se consiga, por exemplo, apresentar os que mais se aproximam à realidade tradutória presente no Letras-Libras. No entanto, é preciso ter cuidado, pois, no caso

desse gênero textual, não é possível antecipar todos os caminhos alternativos que podem ser tomados pelo leitor. Ou seja, para a construção da coerência hipertextual, segundo Koch (2007: 31a), não é prudente fazer uso da metáfora de que o produtor consegue conduzir o leitor do início ao fim. Na realidade, é mais plausível dizer que, no caso do hipertexto, há um diálogo entre o usuário e o sistema hipertextual, em que o percurso não pode ser gerenciado pelo produtor textual durante todo o tempo de processamento, mas, por outro lado, pode ser influenciado pelo modo de estruturação do próprio hipertexto, e ainda, pelo uso dos suportes de navegação e orientação (KOCH, 2007).

Nesse contexto, menciona-se, segundo Koch (2007: 31b), alguns suportes, os quais aparecem listados na tabela 03 abaixo:

Suporte de orientação
Suporte de contextualização global
Suporte de contextualização local

Tabela 03 - lista de suportes de orientação do modo de estruturação hipertextual.

Segundo a autora, os suportes de orientação são aqueles que apóiam o usuário na construção de um modelo mental da estrutura do documento hipertextual. Na sequência, os suportes de contextualização global são os que revelam o valor funcional e temático, facilitando a construção da coerência global. Por fim, tem-se que os suportes de contextualização local consistem naqueles que explicitam quais módulos-alvo são acessíveis a partir do módulo atual e quais as relações entre eles, auxiliando assim, o usuário no planejamento do caminho de recepção a ser percorrido e na construção da coerência local na troca entre esses dois módulos (KOCH, 2007).

Atrelada a essa relação de suportes, Koch (2007: 32) nos informa que o entendimento da distinção entre coerência estática e coerência dinâmica é fundamental para a compreensão das regras de coerência hipertextual. Logo, tem-se que, a coerência estática se refere às entidades pertencentes à estrutura dos fatos que permanecem constantes e que, por sua vez, dão forma ao quadro de vigência, o qual, pode ser entendido ainda como o pano de fundo sobre o qual as informações específicas serão dispostas. Agora, por coerência dinâmica, tem-se que essa se refere à disposição e ao entrelaçamento das informações no texto (KOCH, 2007). Com isso, nota-se que essa distinção entre esses dois tipos de coerência é relevante para a própria conceituação do hipertexto, pois, numa base hipertextual, sempre é possível, por conta da ativação via atalhos, transitar com facilidade entre módulos tematicamente afins de diferentes documentos hipertextuais. Porém, para que esse trânsito ocorra com fluidez, é necessário atentar para as mudanças no pano de fundo sobre o qual estão dispostas as informações específicas do conteúdo do texto, as quais, trazem consigo todo um conjunto de suportes que colaboram e regem a coerência hipertextual (KOCH, 2007: 32-33).

Assim, pode-se dizer que, por conta da tecnologia do hipertexto disponibilizar suportes especiais para a construção da coerência, os mesmos suportes de orientação, contextualização global e de contextualiza-

ção local, também facilitam a recepção coerentemente seletiva do conteúdo hipertextual, chegando a proporcionar isso até mais que na leitura parcial e seletiva de textos impressos (KOCH, 2007).

Dessa forma, compreende-se que os conteúdos on-line publicados no AVEA do Letras-Libras, além de serem do gênero hipertexto, estão passíveis das mesmas relações de estabelecimento de coerência hipertextual outrora apresentadas por Koch (2007), pois, conforme essa mesma autora, o hipertexto é um texto hipermodal em que os recursos que já se utilizam em textos impressos são ampliados e ressignificados. Isso é possível porque, as redes hipertextuais permitem uma conexão mais livre entre as informações veiculadas pelas unidades textuais construídas a partir de modalidades diferentes, o que pode contribuir inclusive para a construção de textos e materiais didáticos, na medida em que uma mesma informação é complementada, reiterada e sistematizada ao ser apresentada de forma multimodal (KOCH, 2007: 34).

Diante desse cenário, tem-se que o hipertexto altera o significado do ato de ler e dos conceitos de autor e leitor, transformando o primeiro, por exemplo, em construtor de dispersões de sentido e o segundo em autor de configurações de sentido conforme um sistema programado previamente. Dessa forma, em termos comparativos, tem-se que, em nível hipertextual do AVEA do Letras-Libras, os discentes surdos são informados acerca do conteúdo mediante a leitura do hiperlivro, a qual pode ser conduzida tanto à luz da língua portuguesa quanto conforme a tradução em Libras, uma vez que, esses dois formatos hipertextuais estão livremente acessíveis em grande parte das disciplinas (KOCH, 2007: 34a).

Por conta disso, enquanto leitores e estudantes, os surdos discentes do curso são participantes ativos, tanto quanto também o são os surdos tradutores-atores do conteúdo re-textualizado e disponível nos hipervídeos, e ainda os autores dos textos-base, pois, segundo Quadros e Souza (2008), por exemplo, em virtude dos próprios efeitos de modalidade que emergem das línguas em contato (português e Libras), há uma possível associação direta da figura do tradutor-ator com a do próprio autor do texto, pois o primeiro está visível durante os procedimentos de re-textualização. Isso, além de conferir ao processo de leitura hipertextual dos hiperlivros do AVEA uma autonomia passível de gerar leitores, autores e tradutores participativos, confere singularidade ao conteúdo bilíngue e bimodal do curso.

Nesse sentido, acredita-se que, tanto nos conteúdos hipertextuais em língua portuguesa quanto nos hiperlivros do Letras-Libras, é possível

identificar a seguinte limitação: o hiperleitor só conseguirá partir para novas ligações, desde que essas tenham sido previstas pelo autor e indicadas pelos links por ele criados para dar acesso aos nós assim interconectados. Ou seja, em termos comparativos e conforme o que já foi ilustrado pela Fig. 06, o discente surdo do Letras-Libras que ler o hiperlivro em sinais da unidade 02 da disciplina de aquisição de linguagem só partirá para as novas ligações referentes às 05 teorias mencionadas pela surda tradutora-atriz em meio à re-textualização em Libras do conteúdo-fonte, depois que perceber que, no hipervídeo, ela faz menção aos links disponíveis no canto inferior esquerdo da página do hiperlivro, conectando-os com as próprias enumerações que menciona durante sua re-textualização (KOCH, 2007: 35).

Por isso, convém que o estudante tenha toda a atenção à disposição do conteúdo no hiperlivro publicado no AVEA do curso tal como exemplificam Quadros, Cenry e Pereira (2008). Logo, corroboramos com Koch (2007: 35a), pois, o hipertexto, assim como o texto tradicional, constitui um evento interativo e, como todos os demais usos da linguagem, nele há sempre a consideração textual do outro (KOCH, 2007).

No caso do Letras-Libras, o hiperlivro é um hipertexto interativo na medida em que o leitor pode transitar por outras seções do mesmo a partir dos nós encadeados pelos links atrelados aos conteúdos teóricos disciplinares do curso. Por isso, reitera-se a importância de se ter acesso às características do gênero textual do texto a ser traduzido, bem como, às regras e mudanças de coesão e coerência diretamente conectadas às línguas de saída e de chegada dos conteúdos textuais envolvidos para que haja o êxito do procedimento tradutório.

Nesses termos, segundo Blum-Kulka (2002: 305), tem-se que, as mudanças de coesão e coerência em termos de conexão entre línguas e culturas, assim como sempre é o caso na tradução, são bem diferentes das mudanças primárias de audiência (mesmo se mudanças linguísticas estiverem envolvidas). Então, percebe-se que, para o caso das mudanças em textos embasadas no leitor, essas apontam originalmente para duas audiências e são escritas em duas línguas.

Nesse sentido, quando se considera a realidade contextual do curso de Letras-Libras, compreende-se que, no caso das re-textualizações em língua de sinais dos conteúdos de ensino e aprendizagem disponibilizados no AVEA, as mudanças de coesão e coerência que são pensadas, decididas e executadas pelos surdos tradutores-atores da equipe de tradução levam em consideração tanto as línguas quanto as modalidades das línguas

em contato, como também, os aspectos culturais diretamente ligados à audiência dos produtos traduzidos.

Por isso, entende-se ainda que há uma conexão direta entre as mudanças de coesão e coerência nas traduções em língua de sinais conduzidas pelos surdos tradutores-atores com os próprios modelos de tradução adotados por eles durante os procedimentos, tal como podemos conferir em Quadros e Souza (2008). Assim, diante das traduções em Libras, percebe-se que as performances tradutórias observadas não surgem isoladamente no procedimento tradutório, isto é, elas são pensadas e escolhidas conforme o objetivo da tradução e buscam reforçar o modelo de orientação tradutória que conduz o trabalho da equipe.

Além disso, o tradutor atua como um juiz, pois, é quem avalia o quanto é necessário ser explicado sobre a rede de referências do texto-fonte para a audiência usuária da língua-alvo. Seguindo esse raciocínio, corrobora-se com a idéia de que é necessário haver uma distinção entre as mudanças de *coesão focadas no leitor* e as *focadas no texto*, considerando-se que as primeiras são menos evitáveis que essas últimas (BLUM-KULKA, 1986; 2002).

No caso do Letras-Libras, pode-se apreender que as mudanças de coesão e coerência em meio aos procedimentos tradutórios consideram mais a realidade do leitor, justo por se tratar de um público formado por discentes, os quais, dependem do êxito do objetivo dos procedimentos tradutórios para ler, compreender e apreender o conteúdo dos textos-base. Porém, essa característica não impede que os surdos tradutores-atores tenham mudanças de coerência focadas no texto. Dessa forma, quando se encontra Blum-Kulka (1986: 29) afirmando que as mudanças de coerência na tradução focadas no leitor são, até certo ponto, inevitáveis, a não ser que o tradutor esteja normativamente livre para “transplantar” o texto de um ambiente cultural para outro, e observamos o cenário do AVEA do Letras-Libras, nota-se que, a política de funcionamento em equipes multidisciplinares confere uma autonomia própria aos surdos tradutores-atores, garantindo-lhes liberdade para “transplantar” o texto do ambiente cultural de partida para aquele em que está situada a audiência de chegada.

Porém, ainda que haja essa espécie de “transplante cultural”, segundo demonstram Quadros e Souza (2008), na própria equipe de tradução, acontecem reuniões para escolha de sinais novos (neologismo), debates mais terminológicos acerca de qual sinal descreveria essa ou aquela determinada palavra, fazendo isso o mais afim possível ao objetivo geral do procedimento tradutório, entre outras escolhas profissionais que, por

si, revelam a tentativa de conciliar essas mudanças de coesão e coerência recém-apresentadas.

Portanto, menciona-se que as mudanças de coerência e coesão no procedimento tradutório focadas no leitor geralmente são pensadas como fruto da leitura textual conduzida por diferentes audiências culturalmente diferentes. Por outro lado, as focadas no texto despontam como resultado natural dos procedimentos de tradução em si. Quando são analisadas à luz do contexto do AVEA do Letras-Libras, essas contribuem para se compreender, por exemplo, que podem surgir as performances tradutórias em Libras identificadas nos hipervídeos dos surdos tradutores-atores.

Nesse ínterim, consegue-se apreender que, quando nos deparamos com o cenário tradutório envolvendo textos em língua portuguesa e em Libras, precisamos conhecer mais detalhes a respeito dos elementos que fundamentam linguisticamente um texto, fazendo com que esse conjunto de idéias apresentadas seja compreendido como um todo coerente, coeso e, por fim, com sentido. Ou seja, estar familiarizado com as características que cercam a textualidade em uma língua oral como o português e em uma língua espaço-visual como a Libras, favorece o êxito tanto do procedimento de tradução quanto de identificação das performances tradutórias.

Perante isso, apresenta-se a seguir uma síntese das vertentes teóricas que orientaram a abordagem interdisciplinar do objeto investigado e constituem os fundamentos da caminhada de pesquisa. Na sequência, tem-se as descrições das performances observadas durante o procedimento de re-textualização em Libras, que fora conduzido por uma surda tradutora-atriz da equipe de tradução vinculada à equipe de hipermídia do curso de Letras-Libras.

3.3 – Síntese teórica: de modelos e normas aos efeitos de modalidade

Com o fim das considerações acerca do que faz um texto ser entendido enquanto texto na Libras e no português, bem como, acerca do gênero textual presente no conteúdo de ensino do Letras-Libras escolhido para a análise nesse estudo, apresentam-se os fundamentos teóricos dessa pesquisa em torno da tradução para língua de sinais.

De fato, são proposições teóricas afins aos Estudos da Tradução que nortearam as investigações e colaboraram para a constituição da estrutura descritiva de análise. Dessa forma, comenta-se que, esses fundamentos perpassam tanto por pesquisadores dos Estudos da Tradução

quanto dos Estudos da Interpretação, estudos da tradução e interpretação de língua de sinais, da semiótica, bem como, estudos linguísticos de línguas de sinais e ETILSB.

3.3.1 – Os Estudos da Tradução como *interdisciplina*

Com base em Munday (2001); Gambier (2009) e Snell-Hornby (2006), apresenta-se o referencial da interdisciplinaridade dos estudos da tradução como elemento fundacional dessa pesquisa. Em seguida, revela-se o gráfico que Hatim & Munday (2004: 08) citam para ilustrar esse entendimento interdisciplinar em torno dos Estudos da Tradução.

Nesse sentido, com base em Snell-Hornby (2006), tem-se a informação de que, ao longo dos anos 1990, até por causa dos eventos históricos e sociais que transcorreram no mundo, como o fim da Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim, dentre outros, houve uma época de apogeu dos Estudos da Tradução, com discussões sobre vários aspectos da disciplina, reforma curricular e ensino sobre tradução e interpretação, por exemplo. Além disso, a autora também comenta que, a transformação cultural (*cultural turn*, no original) por que passaram os Estudos da Tradução durante a década de 1980, que contribuiu consideravelmente para sua emancipação da linguística e da literatura comparada, como também, para sua emancipação enquanto disciplina independente, era natural que questões surgissem em torno do perfil disciplinar (SNELL-HORNBY, 2006: 70, nossa tradução).

Assim, ao final da década de 1980, registra-se a apresentação que Snell-Hornby (2006: 70a) fez dos Estudos da Tradução como disciplina independente e integrada dentro de uma estrutura prototípica que dá cobertura a todos os tipos de tradução, desde a literária até a técnica e incluindo também os estudos da interpretação, terminologia, e ainda, áreas relevantes de outras disciplinas vizinhas, não só dos estudos linguísticos ou literários, mas também, da semiótica, etnologia, sociologia e psicologia. Segundo a autora, a primeira pessoa que lhe apontou que um campo complexo como os estudos da tradução deveriam ser descritos não como uma disciplina, mas como uma “*interdisciplina*” foi o pesquisador Gideon Toury, o qual, por sua vez, é pioneiro da área de Estudos Descritivos da Tradução. (SNELL-HORNBY, 2006: 70b-71, nossa tradução).

Diante desse contexto, Snell-Hornby (2006: 72) traz seu próprio conceito de *interdisciplina* ao afirmar que, segundo seu ponto de vista, essa não se trata meramente de um tipo de “*terra de ninguém*” em meio

a outros territórios claramente definidos, mas sim, de um território que, a partir das múltiplas constelações de seus tópicos e métodos, desenvolve-se para se tornar algo qualitativamente diferente dos ingredientes do quais era originalmente constituído. Munida desse conceito, a autora defende que, para os Estudos da Tradução consolidarem sua posição enquanto um campo interdisciplinar de pesquisa é necessário que se vá além de meras *importações* de outras disciplinas e se busquem projetos baseados em operações *recíprocas* (SNELL-HORNBY, 2006: 72a, nossa tradução).

A autora apresenta os “três estágios sucessivos de desenvolvimento” nas pesquisas interdisciplinares, que são o *imperialista*, o de importação e o recíproco. Em primeiro lugar, no imperialista, uma disciplina simplesmente impõe seus conceitos, teorias e métodos sobre outra, como fez a linguística sobre a tradução durante os anos 1960 e 1970, por exemplo. Em seguida, no estágio de *importação*, uma disciplina simplesmente tinha o papel de supridora de ferramentas para a outra, sendo que, apenas uma das duas saía ganhando. Assim, no terceiro estágio, o da interdisciplinaridade recíproca, existe ganho para ambas as partes, pois, duas ou mais disciplinas cooperam em termos iguais, desenvolvendo, em parceria, métodos e conceitos que resultam no enriquecimento mútuo (SNELL-HORNBY, 2006: 72b, nossa tradução).

Portanto, acredita-se que compreender os Estudos da Tradução enquanto *interdisciplina* é fundamental ao referencial teórico desse estudo porque, ao se considerar a natureza descritiva do objeto de investigação, percebe-se que constatações como as da interdisciplinaridade recíproca, de importação e imperialista contribuem para a legitimação da tradução para línguas de sinais como algo relevante a ser investigado em termos de pesquisas afiliadas aos Estudos da Tradução.

Assim, no caso desse estudo, vinculado também aos estudos da tradução e interpretação da Libras, acredita-se que há uma interdisciplinaridade de importação, mas visando o estágio interdisciplinar recíproco, uma vez que, não se pretende apenas importar métodos e conceitos de outras disciplinas, fazendo os devidos ajustes por conta da especificidade de produto e contexto de tradução que cerca o objeto de pesquisa; mas também, promover um viés interdisciplinar recíproco. Busca-se isso de uma forma tal que, tanto os conceitos de autores dos vários campos pelos quais se caminhou para chegar a essa investigação quanto o próprio campo de pesquisa no qual se insere esse estudo sejam enriquecidos, ora pela especialização ou aplicação de suas teorias em contextos ainda não explorados, ora pela fundamentação teórica para um campo que, segundo

Vasconcellos (2008), ainda “não está no mapa”, como é o caso dos estudos da tradução e interpretação da Libras, por exemplo.

Logo, traz-se abaixo um esboço gráfico desse entendimento dos estudos da tradução como *interdisciplina* proposto por Hatim e Munday (2004: 08, nossa tradução). Segundo eles,

embora ainda estejamos para encontrar referências sobre essa norma disciplina ‘emergente’, desde o artigo de Holmes, os Estudos da Tradução tem se desenvolvido a uma extensão tal que ele são mesmo uma autêntica interdisciplina, apresentando interfaces com todo um emaranhado de outros campos. O objetivo pode ser ainda o de descrever o fenômeno tradutório e, em alguns casos, o de estabelecer princípios gerais, mas os métodos de análise são de várias origens e as características culturais e ideológicas da tradução tem se tornado tanto proeminentes quanto linguísticas (HATIM e MUNDAY, 2004: 08, nossa tradução).

Hatim e Munday (2004)



Gráfico 08 - mapa de disciplinas com fronteiras comuns aos estudos da tradução (Hatim e Munday, 2004: 08).

Nesses termos, segundo Hatim e Munday (2004), revela-se que essa pesquisa está justamente dentro da área de “*desenvolvimento da língua*” (ou *Language Engineering*, no original¹⁸), dividindo espaço com campos de pesquisa como a tradução automática, estudos da tradução com base em *corpora*, terminologia, lexicografia e multimídias (ou multimeios). Ou, em outras palavras, como esse estudo caminha em meio às performances tradutórias na interface Português – Libras em contextos virtuais de ensino e aprendizagem tais como os do AVEA do Letras-Libras, por exemplo, percebe-se que essa se trata de uma investigação do campo do “*desenvolvimento da língua*”, pois, pode contribuir para o empoderamento da Libras como língua participante de procedimentos tradutórios envolvendo línguas de modalidades diferentes, como o português, por exemplo.

Por fim, compreende-se colocações como as de Malmkjaer (2000) quanto a essa abordagem (inter)multidisciplinar de pesquisas em torno dos estudos da tradução que revelam que um dos problemas do uso de abordagens como essa é, por exemplo, deixar claro o “pouco conhecimento” do pesquisador, o qual teve de buscar saberes de outras disciplinas para poder discorrer de maneira proveitosa sobre seu objeto de pesquisa. No entanto, não se utilizou essa abordagem interdisciplinar nesse estudo de maneira aleatória, mas sim, por conta da própria natureza do curso de Letras-Libras, no qual, as próprias atividades de ensino e de produção de conteúdos de ensino-aprendizagem são de vertente multiprofissional e multidisciplinar. Dessa forma, tecer observações descritivas de performances de tradução na interface Libras-português segundo uma ótica interdisciplinar se constitui uma estratégia relevante, legítima e contextualizada com o próprio funcionamento do curso.

3.3.2 – O modelo de texto-alvo

Na sequência, tem-se a reflexão sobre o modelo do texto-alvo, conforme Gile (1995, 2009) e outras questões levantadas por Quadros e Souza (2008) em torno do trabalho desenvolvido pela equipe de tradução do Letras-Libras.

Chegou-se à escolha de Gile (1995, 2009) como modelo de texto traduzido depois de ter sido observado o desenvolvimento da atividade tradu-

18 - O termo “*Desenvolvimento da Língua*” é uma sugestão de tradução para o termo *Language Engineering*.

tória entre os tradutores-atores surdos do curso, conforme tanto as problemáticas que nos foram apresentadas pela própria coordenação geral quanto Quadros e Souza (2008: 178), os quais ressaltam, por exemplo, que “uma das demandas fortes que surgiu depois de consultas prévias aos tradutores/atores surdos foi a questão da fidelidade na tradução” (Quadros e Souza, 2008: 178). Diante disso, como havia sido feito um convite pessoal, por parte da coordenação do curso, para a implantação de novos procedimentos de trabalho na equipe de tradução do Letras-Libras a fim de erradicar os problemas envolvendo as traduções para o AVEA, depois de se observar o próprio dia-a-dia dos tradutores no curso, percebeu-se que uma grande preocupação entre eles era a questão da fidelidade em suas traduções.

Assim, em meio à tarefa de tradução de significados de textos oriundos da versão gráfico-visual de uma língua de modalidade oral-auditiva para a versão oral de uma língua de modalidade espaço-visual, buscou-se conectar o que Gile (1995) discute sobre “fidelidade” e “modelos básicos para formação de tradutores e intérpretes” com os anseios da equipe de tradução do AVEA do Letras-Libras, que, geralmente, manifestavam-se em questionamentos tais como os apresentados por Quadros e Souza (2008: 179): *“Como evitar o Português sinalizado? Como ter o Português “por perto” de nossa tradução em Libras sem deixar de lado o nosso objetivo de gerar ensino e aprendizagem com o que traduzimos?”*.

Dessa forma, com base em Gile (1995: 49-50 – tradução de Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 21), compreendeu-se que as mesmas constatações desse pesquisador quanto às idéias arraigadas de seus alunos no que tange ao conceito de fidelidade também ocorriam em meio à equipe de surdos tradutores-atores do Letras-Libras, uma vez que, eles também se concentravam bastante na concepção estática de fidelidade como “correspondência um a um”. A consequência disso é a tendência de “ser conservadores em seus procedimentos de tomada de decisão ao traduzir/interpretar” (GILE, 1995: 49-50, tradução de Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 21).

Nesse contexto, Gile comenta que a fidelidade é o conceito mais invocado para avaliar traduções e, segundo ele mesmo, isso revela que o problema mais claro nessa atitude está na ausência de isomorfismo das línguas, ou seja, não existe correspondência par-a-par entre os elementos constitutivos das línguas. Além disso, ele menciona que é inevitável que haja intervenção do tradutor/intérprete, como consequência de seu contexto histórico, social e cultural (GILE, 1995 – tradução de Vasconcellos e Bartholamei, 2008).

Mediante esse cenário e ao se considerar a complexidade e as implicações que envolvem a prática de trabalho da equipe de tradutores-atores surdos, notou-se outra preocupação bastante recorrente entre eles, a qual pode ser resumida neste questionamento: “agora que estamos cientes de todas essas implicações em torno da fidelidade em meio ao ato de traduzir os nossos textos, que tipo de modelo pode nortear a produção de nossas traduções?”. Logo, como tentativa de resposta a questões como essa e a outras mais direcionadas ao ato tradutório em língua de sinais, buscou-se o modelo de texto alvo proposto por Gile (1995: 61 – traduzido por Reginaldo Francisco – PGET/UFSC e citado em Vasconcellos e Bartholamei, 2008).

No entanto, para se apreender plenamente o modelo do texto-alvo, mencionou-se o conceito que Gile (1995, traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 22) aplica em relação à mensagem, de forma que, para ele, essa é constituída pela “informação que um falante queria comunicar a outro e ao redor da qual a declaração verbal – a ‘fala’ – é construída”. Diante desse conceito, traz-se uma conclusão de Gile (1995, traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 26) sobre as diferentes verbalizações de mensagem em situações de tradução interlingual, de forma que, para ele, essa “Mensagem – **M** na língua fonte pode gerar sentenças diferentes na língua alvo, que podem ser consideradas, com legitimidade, traduções” (GILE, 1995, traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 26).

Assim sendo, com base nessas idéias, Gile (*ibid*, p. 59 – traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 26), consegue estabelecer um “princípio de fidelidade mínima”, que direciona a reformulação da mensagem (**M**), de modo que, “a fidelidade mínima deveria, necessariamente, garantir a presença do núcleo informacional da **M**, de tal forma que, a re-formulação seja uma representação legítima de seu ‘conteúdo’”. Posto isso, comenta-se ainda segundo Gile (1995, traduzido por Reginaldo Francisco – PGET/UFSC e citado em Vasconcellos e Bartholamei, 2008) que “as diferenças na formulação da mensagem resultam também em diferenças na informação que as declarações carregam”, sendo que:

os seguintes tipos de informação podem ser encontrados: *informação contextualizada* – selecionada pelo emissor, consciente ou inconscientemente, de forma a ajustar a mensagem para o receptor; *informação induzida/motivada por questões lingüísticas* – derivada

de regras lingüísticas no idioma utilizado; *informação pessoal* – derivada de hábitos verbais, história pessoal e da personalidade do emissor, mas que não resulta diretamente de seu desejo de ajustar a Mensagem nem de escolhas lingüísticas obrigatórias (grifos nossos em itálico).

Destarte, traz-se essa relação que Gile (*ibid*, traduzido por traduzido por Reginaldo Francisco – PGET/UFSC e citado em Vasconcellos e Bartholamei, 2008) apresenta sobre a “tradução de textos informativos”. Segundo ele, nesse tipo de atividade tradutória, “a mensagem deve ser sempre reformulada fielmente na língua-alvo”. Agora, naquilo que diz respeito à Informação Secundária, informa-se que essa “deve estar apenas reformulada fielmente na língua-alvo sem nenhuma mudança se isso não afetar por demais o impacto do texto-alvo no receptor” (GILE, *ibid*).

No entanto, se for preciso haver intervenções, informa-se que, para Gile (*ibid*), isso deve ser feito de acordo com a seguinte ordem: (i) Informação Induzida/Motivada por Questões [LII] Lingüísticas - em que alterações geralmente são introduzidas para produzir um texto-alvo lingüisticamente aceitável; (ii) Informação Pessoal [PI] e (iii) Informação Contextualizadora [FI], somente se houver inadequação ao receptor do texto-alvo. Por fim, Gile (1995, traduzido por Reginaldo Francisco – PGET/UFSC e citado em Vasconcellos e Bartholamei, 2008) resume suas próprias constatações no seguinte modelo equacional:

$$\text{Texto Alvo} = \mathbf{M} + \mathbf{FI} + \mathbf{LII} + \mathbf{PI}$$

Assim, a título ilustrativo, apresenta-se abaixo um esboço gráfico dessa equação de Gile (1995), disponibilizado no formato de um átomo em cujo núcleo está inserido o texto-alvo, o qual, por sua vez, recebe de todas as direções, as cargas de interferência dos elementos M, FI, LII e PI, os quais, pessoalmente, entende-se que agem de maneira conjunta. Por isso, utiliza-se uma linha pontilhada para se transmitir a idéia de adição equacionada por Gile:

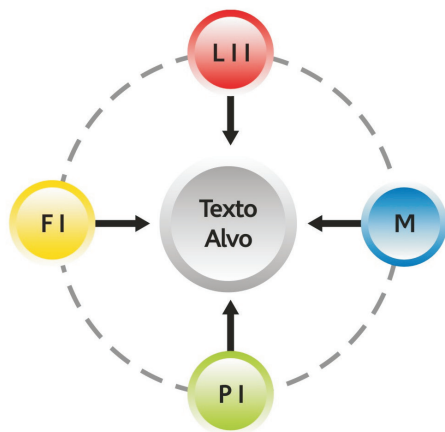


Gráfico 09 - ilustração do modelo de texto-alvo de Gile (1995, 2009).

Mediante os esclarecimentos do modelo de texto-alvo de Gile (1995), reitera-se que a escolha desse referencial para nortear os procedimentos tradutórios da equipe de tradução do Letras-Libras foi feita tanto com base nas informações que repassadas pela coordenação geral do curso quanto pelos próprios anseios dos profissionais tradutores, como também, por conta do próprio objetivo final da equipe de tradução do curso de prover conteúdos de ensino que gerem aprendizagem por parte dos seus usuários, que são os próprios discentes do curso.

3.3.3 – Norma Surda de Tradução

Outro referencial teórico dessa pesquisa versa sobre a norma surda de tradução (ou deaf translation norm, no original), o qual foi fundamentado na pesquisa conduzida por Stone (2009). Em seu trabalho, esse autor examina as diferenças entre os tradutores e intérpretes ouvintes e surdos

19 - Stone (2009) traz esse termo da norma Surda de tradução com base nos Estudos Surdos e também nos Estudos Culturais de modo que, para ele, os tradutores para língua de sinais investigados durante sua pesquisa, possuem identidade surda firmemente constituída e por isso trazem consigo uma normatividade Surda com “s” maiúsculo, isto é, uma prática normativa de trabalho influenciada por fortes marcações culturais da cultura Surda. Descrevemos mais sobre esse temas mais adiante ainda neste terceiro capítulo.

(chamados abreviadamente por ele em seu texto de T/Is) e faz sua análise se concentrando em duas categorias principais: (i) consideração da língua alvo (LA) como peça autônoma em relação aos dados linguísticos e (ii) comparação da língua fonte (LF) com a língua alvo (LA) em nível de dados traduzidos ou interpretados. Além disso, ele se fundamentou em uma literatura variada para afirmar esses pontos, explorando-os com base em perspectivas dos estudos da tradução, estudos da interpretação, teoria da relevância, linguística de língua de sinais, dentre outras vertentes (STONE, 2009: 01 - nossa tradução).

De início, Stone (2009) apresenta uma reflexão conceitual sobre tradução, interpretação, noção de normas e teoria da relevância até chegar à natureza do seu objeto de pesquisa. Logo, ele comenta que os termos interpretação e tradução “não são sinônimos dentro do campo da tradução e da interpretação” (Stone, 2009: 01a - nossa tradução). Com essa premissa, o autor estabelece distinções entre esses dois termos, diferenciando-os a partir da forma e das restrições de tempo, segundo teóricos como Frishberg (1990) e Pöchhacker (2004). Percebemos que o interesse dele nessa diferenciação enfatiza mais o procedimento em si que as modalidades das línguas envolvidas e, como resultado, compreendemos essas distinções a partir da instantaneidade e aplicamos isso na seção dos lugares de partida de nossa pesquisa.

Diante desse contexto, Stone (2009) deixa claro que ele fez uso de diferentes abordagens teóricas para poder entender como traduções e interpretações estão relacionadas entre si, identificando suas distinções, e ainda, como são compreendidas quando comparadas com os textos originais com os quais se relacionam. Além disso, ele menciona que diferentes normas de tradução foram discutidas para analisar o que é traduzido e como é traduzido, bem como, identificar as análises culturais e linguísticas específicas que são aplicáveis à atividade tradutória. Por fim, depois de prover sua síntese teórica, ele defende que a teoria da relevância lhe providencia um contexto propício para o entendimento de alguns dos temas levantados no decorrer de sua pesquisa (STONE, 2009: 24 - nossa tradução).

Assim, por meio de Toury (2001: 22)²⁰, reitera-se que:

20 - Traduzido para o Português por Alexandra Lopes e Maria Lin Moniz e disponível para consulta on-line em: <http://www.tau.ac.il/~toury/works/traducao2001.htm> - acesso em 10/06/2009.

as culturas recorrem à tradução como uma forma possível de preencherem as suas lacunas. (...) e o recurso à tradução não constitui a única maneira de preencher uma falha que tenha sido detectada: uma lacuna pode também ser preenchida com uma entidade estranha, não traduzida, sobretudo num grupo social multilíngue. (...) A decisão de recorrer à tradução também não é verdadeiramente individual. Pelo contrário, é sempre governada por normas, concebidas para satisfazer certas necessidades da cultura receptora e dos seus membros.(...) (TOURY, 2001: 22).

Perante esse comentário de Toury, pode-se mencionar que a abordagem de Stone (2009) da atividade tradutória e do ato de interpretar está permeada de uma forte influência de aspectos culturais e também políticos, principalmente, em relação à língua alvo, que por ser uma língua de sinais, é utilizada por uma comunidade Surda, a qual, segundo ele, por vários anos existiu enquanto entidade histórica às escondidas da comunidade convencional, mas, atualmente, tem se desenvolvido, ainda que à sombra de seus colonizadores. Isso é tanto que, Stone conclui claramente que, uma norma Surda de tradução nasce de uma comunidade coletiva e heterogênea, na qual os diferentes membros contribuem com habilidades para o coletivo e os tradutores e intérpretes ouvintes e surdos pertencem à mesma comunidade (STONE, 2009: 165, nossa tradução).

Diante disso, compreende-se o caminho de pesquisa percorrido por Stone (2009), isto é, primeiro, ele faz todo um resgate teórico acerca da tradução e da interpretação até encontrar na teoria da relevância os referenciais que dão cobertura às suas hipóteses normativas de que não se pode dissociar a atividade tradutória e de interpretação dos tradutores e intérpretes surdos e ouvintes dos aspectos culturais, ideológicos, políticos e identitários em relação à língua alvo. Em seguida, ele discorre sobre *língua e identidade*, mencionando que “questões acerca da identidade, fluência e língua são primordiais para o entendimento das diferentes características que os tradutores e intérpretes trazem para a tradução e para a interpretação” (Stone, 2009: 25). Logo após, Stone aborda noções de bilinguismo dentro da comunidade Surda, explorando conteúdos sobre tradução, poder e política no que tange às noções de equivalência, para favorecer a exploração de idéias sobre autoria, por exemplo; e, por fim,

aborda tópicos específicos da linguística textual e da coesão para favorecer o entendimento da língua da norma Surda de tradução.

No terceiro capítulo de sua pesquisa, Stone (2009) revela os aspectos metodológicos de seu estudo. Assim, ele revela que conduziu duas fases de entrevistas semi-estruturadas com cinco informantes tradutores e intérpretes Surdos, os quais foram entrevistados com o objetivo de tentar captar a perspectiva Surda quanto à tradução e à interpretação e de permitir um foco centrado nos Surdos durante a análise dos dados traduzidos e interpretados. Optou ainda por conduzir suas investigações conforme a “etnografia crítica”, estudando e representando culturas dentro dos próprios moldes de referência (STONE, 2009: 59, nossa tradução).

No capítulo quarto Stone (2009) traz os vários temas sobre o papel e a identidade dos tradutores e intérpretes, de forma que, os Surdos descreveram, dentre outras coisas, por exemplo, os tipos de decisão linguística que tomariam em uma situação ideal, bem como, os limites e restrições dentro das quais eles mesmos trabalharam. Por outro lado, as características linguísticas traduzidas/interpretadas na língua alvo são apresentadas, descritas e examinadas no quinto capítulo, em que elementos prosódicos ou de entonação são mencionados. Assim, as características prosódicas do texto na língua de sinais britânica são descritas e analisadas visando o melhor entendimento de uma possível norma Surda de tradução (STONE, *ibid*).

Então, no sexto capítulo, Stone apresenta o processo de tradução e interpretação, revelando semelhanças e diferenças na construção do texto alvo pelos tradutores e intérpretes Surdos e ouvintes, de forma que, ao final dessa parte, estão inclusos até os enriquecimentos e empobrecimentos linguísticos que acontecem para minimizar os esforços cognitivos da audiência-alvo (Stone, 2009: 165a - nossa tradução). Diante disso, Stone (2009) chega ao sétimo e último capítulo de sua pesquisa, interligando essas diferentes facetas utilizadas, e então, descreve a norma Surda de tradução. Dessa forma, ele comenta que algumas noções acerca dessa norma Surda estão preocupadas com políticas de identidade e com a continuidade dos valores comunitários em um contexto colonizado. Outras noções dessa mesma norma Surda estão concentradas na fluência e na relação da informação com a audiência construída (STONE, 2009: 165b - nossa tradução).

Nesse sentido, Stone se aprofunda nas características da norma Surda de tradução, começando pela trajetória histórica dessa, desde os tempos passados até os dias de hoje, de forma que, ele defende que os “Surdos bilíngues sempre contribuíram com sua comunidade ao contarem

para outros Surdos sobre a sociedade ao redor e ao traduzirem documentos em Inglês, socializados dentro de suas devidas normas” (Stone, 2009: 165c-166 - nossa tradução).

Logo no início dessa pormenorização da norma Surda de tradução, percebe-se a influência de campos teóricos como os Estudos Culturais e Estudos Surdos no trabalho de Stone. Isso é tanto que, essa norma de tradução ser *Surda* e não *surda*, ou seja, é um procedimento normativo de trabalho reconhecido cultural, política e identitariamente como conectado à comunidade de pessoas Surdas usuárias de uma língua de sinais enquanto língua materna, que se reconhecem social e culturalmente enquanto surdos, lutam pela garantia de seus direitos e na qual estão ativamente inseridos os respectivos tradutores investigados.

Além dessa influência dos Estudos Culturais e Estudos Surdos, compreende-se ainda que há uma presença marcante do referencial teórico da vertente dos Estudos Descritivos da Tradução conectada ao campo dos Estudos da Tradução, já que, por exemplo, Stone se vale de categorias normativas preconizadas por Toury (1995) como as normas preliminares e iniciais para poder descrever, pelo menos inicialmente, como se comporta a norma Surda de tradução.

Ao dissertar sobre o “*papel transformador da norma Surda de tradução*”, Stone comenta que, historicamente, os surdos bilíngues compartilhavam informações e asseguravam aos Surdos monolíngues o entendimento de informações relevantes diante do que estava acontecendo no mundo ao redor - essas eram escolhidas ora pelos Surdos monolíngues mesmo, ora pelos bilíngues (STONE, 2009: 166a - nossa tradução).

No entanto, ele comenta que no caso do cenário de sua pesquisa, que eram os estúdios de TV, os tradutores e intérpretes Surdos não tinham a opção de selecionar previamente os conteúdos que iriam traduzir e nem de selecionar aquilo que consideravam relevantes para a comunidade Surda. Daí, ele revela que, normalmente, mais informações eram requeridas que aquelas que já estavam nos textos-fonte em inglês para garantir uma tradução relevante por parte dos Surdos. Então, Stone afirma que eles se lançam sobre o conhecimento que têm da audiência Surda para refletir a língua que a mesma usa e acrescentam informações relevantes. Essa adição de informações que os tradutores intérpretes julgavam relevantes à audiência Surda, segundo apreendemos, é o que se configura como algo transformador (STONE, 2009: 166b - nossa tradução).

Além da influência dos Estudos Descritivos da Tradução, pode-se mencionar que Stone faz uso de teóricos dos Estudos da Tradução que,

conforme Snell-Hornby (2006) estão reunidos historicamente no grupo de produções marcadas pela mudança de rumo empírica dos Estudos da Tradução, que aconteceu exatamente na virada do milênio. Isso é fato porque, durante a descrição da norma Surda de tradução, Stone (2009: 166c - nossa tradução), valendo-se de Venuti (1998) enquanto teórico da tradução, menciona também que os tradutores e intérpretes Surdos produzem um texto alvo relevante e compreensivo na língua alvo domesticada. No entanto, se aprofundar tanto sobre aspectos descritivos quanto “colonialistas” da norma Surda de tradução vai além do escopo dessa pesquisa.

Por conseguinte, apresentam-se alguns comentários de Stone relevantes às características da norma Surda de tradução, os quais, versam a respeito da presença dessa norma; da audiência construída e do espaço cultural surdo, por exemplo. Quanto à questão da presença, Stone (2009: 166d) defende que essa norma Surda de tradução contrasta com a tendência de neutralidade durante o procedimento tradutório, porque, segundo ele, ela “incorpora uma presença muito maior durante a interpretação da informação na LA que em quaisquer outras normas de tradução convencionais” (STONE, 2009: 166d - nossa tradução).

No que tange à “audiência construída”, Stone revela que a norma Surda de tradução opera fora do contexto de partida da LF, visto que, os tradutores e intérpretes apresentam os conceitos da LF coerentemente e de forma coesa, chegando até a enriquecê-los. Ao apresentarem o conteúdo dessa forma na LA, os Surdos entenderão o texto-alvo fazendo um esforço cognitivo mínimo. Logo, a norma Surda de tradução parte da habilidade do tradutor e intérprete Surdo de pensar como outros Surdos pensam, contando com a própria experiência visual de mundo, e ainda, com a conceituação visual da informação, para construir o texto-alvo enquanto inseridos na cultura de chegada (STONE, 2009: 167 - nossa tradução).

Em relação ao “espaço cultural surdo”, Stone declara que “os tradutores e intérpretes Surdos expressaram a importância de se ter um espaço para permitir que seja desenvolvido um estilo Surdo de tradução a desenvolver, com o subsequente objetivo de tê-lo se tornando em uma norma”. Logo após, Stone menciona que se não houver espaço para reformulações como essas, os tradutores e intérpretes Surdos atuando nesses contextos televisivos seriam utilizados como meras marionetes pelas instituições ouvintes. Nesses termos, ele conclui a reflexão acerca desse espaço cultural surdo dizendo que, no caso do escopo de sua pesquisa acerca desses profissionais Surdos atuando na TV, é necessário que eles mantenham em mente a sensibilidade para com a audiência, mediando esse potencial espaço a

partir de valores tradicionais (STONE, 2009: 167a-168, nossa tradução).

Outro aspecto importante acerca da norma Surda de tradução mencionado por Stone (2009: 168) trata da língua dessa norma. Segundo esse autor, com base nas entrevistas transcorridas entre os tradutores e intérpretes Surdos, concluiu-se que “a escolha lexical não tem grandes mudanças entre os profissionais Surdos e ouvintes”. Isso porque, conforme Stone, “tanto os tradutores e intérpretes Surdos quanto os ouvintes são capazes de trabalhar rumo ao texto alvo e de aderir a uma norma Surda de tradução”. No entanto, ele começa a mencionar que as diferenças nesses procedimentos envolvendo a tradução do inglês para língua de sinais britânica estão mais conectadas, predominantemente com o uso da prosódia (STONE, 2009: 168 - nossa tradução).

Diante dessa assertiva, ressalta-se que mencionar mais detalhes acerca dos diferenciais do *controle prosódico* e da *coesão prosódica discursiva* vai além do escopo descritivo desse elemento do referencial teórico desse estudo justamente porque as línguas envolvidas são diferentes daquelas que compõem o objeto de pesquisa.

Por fim, Stone (2009: 169) aborda o processo da norma Surda de tradução. Nesse instante, ele comenta que a atividade tradutória de uma língua escrita para uma língua não-escrita permite compreender que o processo tomado por um profissional tradutor e intérprete Surdo é diferente daquele tomado pelos ouvintes. Logo, isso revela que “a norma Surda de tradução incorpora mais uma tradução performatizada que uma interpretação facilitada por diferentes processos” (STONE, 2009: 169 - nossa tradução).

Perante todos esses detalhes, uma das conclusões a que chega Stone (2009: 172) é a de que, “embora ainda inexplorada, dentro de uma comunidade Surda, existe sim uma norma de tradução”. Então, “futuras investigações deveriam prover o entendimento de quando um texto deve ser traduzido ao invés de interpretado, bem como, do processo a partir do qual esse procedimento pode ser alcançado”. Além disso, pontua que sua pesquisa promove uma “introdução a um modelo de tradução de uma comunidade Surda”, o qual, segundo ele, “não apenas permite que estudantes ouvintes sigam um modelo Surdo de tradução, mas também, pensem mais criticamente a respeito de quando usar o modo de interpretação consecutiva ao invés de simultânea”. Isso porque, para ele, “a interpretação consecutiva permite que os tradutores e intérpretes tenham mais espaço e tempo para preparar um texto-alvo compreensível pela audiência Surda construída, e ainda, aumentar a presença do tradutor e intérprete” (STONE, 2009: 172-173 - nossa tradução).

Por fim, pontuam-se possíveis aplicações desse referencial dentro do escopo do objeto dessa pesquisa, revelando que, assertivas quanto essas que comentam que a norma Surda de tradução é aplicável tanto para surdos quanto para ouvintes, por exemplo, podem ser consideradas válidas em relação ao contexto de trabalho dentro do curso de Letras-Libras. No entanto, acredita-se, assim como Stone (2009), que o estilo de tradução adotado por surdos é diferente dos ouvintes, uma vez que se trata de um procedimento mais performatizado que facilitado a partir da interpretação. Por isso, tomou-se por base uma pesquisa como a de Stone (2009), tanto para fundamentar a tradução Surda como sendo algo passível de acontecer entre uma língua escrita e uma língua espaço-visual quanto para ressaltar singularidades envolvidas nos procedimentos tradutórios no contexto do AVEA do curso de Letras-Libras da UFSC.

3.3.4 – A tradução em língua de sinais como *performance*

Outro referencial teórico que adotamos é o entendimento da tradução em língua de sinais como *performance*. Fundamenta-se a abordagem desse conteúdo teórico a partir de Quadros e Souza (2008), Novak (2005) e de alguns aspectos de Stone (2009).

Nesses termos, menciona-se que, na tradução para a Libras, o tempo verbal é encarnado no corpo. E, durante o procedimento tradutório, é no corpo do próprio sinalizador, ou seja, da pessoa que está traduzindo para a língua de sinais (NOVAK, 2005).

Mas, ao se discorrer sobre o tradutor-ator surdo e seu papel, segundo Quadros e Souza (2008), tem-se que os tradutores são atores que, depois de pensar sobre o texto na língua fonte (escrita) e elaborar o texto na língua alvo (espaço-visual) com seus pares, posicionam-se diante de uma câmera de vídeo e gravam a tradução. Nesse sentido, eles reiteram que fizeram uso do termo tradutor/ator para se referirem “à impossibilidade de separar o texto de sua expressão corporal em Sinais”, ou, como Novak (2005) menciona de modo ainda mais afim a essa identificação, que “não há como separar o texto de sua *performance*” (NOVAK, 2005).

Por outro lado, esclarece-se ainda acerca da figura do tradutor-ator, com base em Quadros e Souza (2008), comentando-se que, no texto em português, é desenvolvida uma relação espaço-tempo linear, enquanto que, os textos envolvendo línguas de sinais apresentam características quadridimensionais. Ou seja, esses últimos utilizam o espaço e o tempo “encarnado” no corpo e também expressam por meio do espaço e dos

movimentos, as relações temporais e espaciais, como performances cênicas em forma de língua que, diante das câmeras de vídeo, fazem de seus protagonistas surdos tradutores-atores.

Em outras palavras, isso quer dizer que, o discurso enunciado em um texto traduzido em Libras está completa e diretamente relacionado com a presença do corpo do surdo tradutor-ator durante o desenvolvimento de sua tarefa tradutória. Para Novak (2005), essa presença constitui um *corpo individual dentro de uma comunidade cultural, ideológica e linguisticamente específica*, revelando por fim, segundo Quadros e Souza (2008: 176b), efeitos discursivos.

De certa forma, esse aspecto reflete o que foi discutido anteriormente por Stone e, nesses termos, compreender a figura do surdo tradutor-ator é fundamental para o entendimento dos procedimentos tradutórios, pois, em suas traduções textuais para línguas de sinais tais como a Libras, as referências de tempo são manifestas a partir do eixo corporal desse profissional, da seguinte forma: para frente, tem-se o indicativo para o tempo futuro; para trás, o indicativo para o tempo passado e, no centro, a indicação, tanto para o tempo presente quanto para o espaço neutro (QUADROS e SOUZA, 2008: 176c).

3.3.5 – Efeitos de modalidade na interface português-Libras no AVEA

Como nessa pesquisa existem duas línguas em contato de modalidades diferentes, acredita-se que esse evento produz efeitos que implicam diretamente nas relações tradutórias de uma para a outra. Nesse âmbito, Quadros (2006: 169) apresenta que “as línguas de sinais que são visuais-espaciais oferecem um campo de análise que se refere aos possíveis efeitos que a diferença na modalidade pode implicar para as teorias linguísticas e para as análises discursivas”. Assim, esclarece-se de antemão que modalidade se refere à forma de articulação das línguas em contato que, nessa pesquisa, são o português como sendo a língua de saída e a Libras como sendo a língua do contexto de chegada. No caso da primeira, a modalidade é oral-auditiva e, na Libras, é a espaço-visual.

Dessa forma, conforme Quadros (2006: 171), comenta-se que as evidências encontradas nesse estudo puderam ser “identificadas como consequências das diferenças nos níveis de interface articulatório-perceptual”. Além disso, acrescenta-se a partir de Quadros (2006: 171-172) que existem pesquisas que têm ainda levantado hipóteses quanto às possíveis diferenças no nível da interface perceptual, implicando em uma

semântica enriquecida em função de propriedades visuais-espaciais. Tais implicações tornam, por um lado, os estudos das línguas de sinais relevantes e, por outro, as similaridades outrora encontradas entre as línguas sinalizadas e as faladas como indicadores de que existem propriedades do sistema linguístico que estão e vão além da modalidade das línguas (QUADROS, 2006).

Nesses termos, exemplifica-se, a partir das línguas em contato dentro do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem do Letras-Libras, os efeitos de modalidade identificados em meio às atividades tradutórias.

Os textos que servem de base para os conteúdos programáticos do curso, conforme Quadros e Souza (2008: 172) “estão na Língua Portuguesa, em sua versão gráfica visual-espacial. A língua fonte, portanto, é a Língua Portuguesa escrita e a língua alvo, é a Língua Brasileira de Sinais na sua versão ‘oral’”. Aqui, já se percebe um dos primeiros efeitos de modalidade das línguas de sinais, pois, entende-se que, nesse caso da Libras, quando se fala em “oral” – segundo ressaltam Quadros e Souza (2008: 173) – na verdade, é se referindo a essa “língua na sua forma de expressão oral, no caso específico das Línguas de Sinais, expressão em sinais”. Portanto, com base em Quadros e Souza (2008: 172-177), enumera-se abaixo, outros efeitos de modalidade presentes no objeto dessa pesquisa:

- *O tradutor é também ator e está com seu corpo presente durante a tradução.*
- *A língua de sinais é uma língua que acontece a partir do estabelecimento do olhar.*
- *A tradução em Libras precisa ser filmada.*
- *Na tradução, é possível usar sinais da Libras e palavras do português concomitantemente.*
- *No texto traduzido em língua de sinais, há características quadridimensionais.*

Nesse contexto, comenta-se que, Quadros e Souza (2008: 173) esclarecem mais informações sobre o tradutor também ser ator e estar com o corpo presente durante a tradução, ao revelarem, por exemplo, que “a co-autoria do tradutor, nesse caso, fica literalmente estampada diante dos olhos do leitor, pois, o texto está sendo visto na Língua Brasileira de Sinais no corpo do tradutor/ator” (QUADROS e SOUZA, 2008: 173).

Além disso, os autores reiteram informando que o tradutor é realmente visível, pois, o texto é traduzido por meio de uma língua corporal

de modalidade visual e espacial. Logo, eles informam que línguas de sinais como a Libras são línguas produzidas com as mãos, a face e o corpo. Portanto, trata-se de uma língua que se constitui de uma gramática que utiliza canais articulatório-perceptuais visuais e espaciais como, por exemplo, olho e corpo (QUADROS e SOUZA, 2008).

Estar ciente disso constitui um elemento primordial para a compreensão da tarefa de tradução no contexto do Letras-Libras, uma vez que, a partir disso, é possível compreender ainda o porquê dos tradutores da equipe se reconhecerem como atores, já que, a língua de sinais, segundo Novak (2005), é uma língua vista pelo outro, que usa as mãos, o corpo, as expressões faciais e que depende da presença material do corpo do tradutor em cena durante a atividade tradutória para que seja entendida e apreendida pelo seu público receptor, no caso, os discentes surdos.

Na sequência, tem-se a partir de Quadros e Souza (2008: 174-175) que um dos efeitos de modalidade mais marcantes é que a língua de sinais acontece a partir do estabelecimento do olhar. Os surdos estabelecem o olhar para conversarem uns com os outros. Quem está olhando para quem é determinante de quem está dizendo o quê e de quem são os interlocutores entre os surdos. Assim, no momento em que o tradutor olha para a câmera que ele tem diante de si durante sua atividade tradutória e que é o canal de estabelecimento do olhar com o seu interlocutor, os leitores o estão vendo como seu interlocutor e podem facilmente vê-lo também como autor.

Dessa forma, essa questão da autoria chega a causar “ruído” na comunicação, já que, o tradutor-ator pode estar traduzindo algo que não representa suas visões de mundo, o que pode exigir esclarecimentos quanto à autoria do texto, principalmente, quando a primeira pessoa do discurso é utilizada tanto na textualização presente no conteúdo-fonte quanto durante o procedimento de re-textualização.

Assim, menciona-se outra razão pela qual utilizamos o termo tradutor-ator: trata-se de uma referência também à impossibilidade de separarmos o texto de sua expressão corporal em sinais, ou, como defende Novak (2005), em se tratando de uma língua de sinais, não há como separar o texto de sua encenação (NOVAK, 2005).

Então, descreve-se o efeito de modalidade que trata da necessidade da tradução em Libras ser filmada. Assim, de acordo com Quadros e Souza (2008: 174), essa necessidade de capturar em vídeo a tradução em Libras dos textos-fonte tem sérias implicações no procedimento tradutório, uma vez que, os tradutores revisam o texto na língua alvo e, muitas vezes,

ao retornarem ao texto-fonte, ainda encontram algo a ser aperfeiçoado para chegar à versão final da tradução em sinais.

Além disso, comenta-se que outras etapas consideradas importantes para o êxito da tarefa tradutória não são fáceis de serem encaminhadas quando se trata da realidade em torno do curso de Letras-Libras, justamente por ser necessário gravar a tradução inteira diante de uma câmera, fato esse que requer várias adequações e, por sua vez, gera outras inúmeras limitações para ajustes do conteúdo traduzido, principalmente quando ocorrem erros de gravação, quer sejam cênicos ou linguísticos, já que se trata de uma tradução interlingual.

Como ressaltam Quadros e Souza (2008: 175):

no caso dos tradutores/atores de Línguas de Sinais, o texto, estando filmado, é editado e, após a sua devida configuração sob padrões de ambientes virtuais de ensino e aprendizagem, encontra-se finalizado. Ao revisá-lo, o tradutor/ator precisa refazê-lo na íntegra, ou pelo menos, em blocos. Não é possível corrigir um detalhe, pois o texto está editado. Como o texto está traduzido na sua versão oral (em sinais), fica muito difícil cortar pedaços para fazer correções sem comprometer o texto traduzido na íntegra (QUADROS e SOUZA, 2008: 175).

Nesse sentido, chega-se ao efeito de modalidade que versa que, no caso da tradução, é possível usar sinais da Libras e palavras do português concomitantemente. Como no caso do Letras-Libras os profissionais tradutores usam mão de línguas com canais articulatórios diferentes, durante a execução da tarefa tradutória, eles conseguem produzir palavras do português nos lábios que sejam relacionadas aos sinais enunciados por suas mãos.

Nesses termos, Quadros e Souza (2008: 175) observam que “o tradutor/ator articula a palavra em Português (mesmo sem produzir nenhum som) paralelamente à sua produção em sinais”. Além disso, esclarece-se que “isso só é possível porque as línguas apresentam modalidades distintas”, bem como, que essa possibilidade é interessante nos estudos de línguas em contato por conta de ser efetivamente utilizada durante a produção de textos na Língua de Sinais por sinalizantes e pelos próprios surdos tradutores-atores.

Porém, os autores alertam que, às vezes, isso compromete o texto na língua alvo, pois, pode ser usado em demasia, deixando o mesmo truncado, o que é referido pelos leitores como sendo um texto em sinais aporuguesado, os quais, apresentam, por exemplo, problemas afins aos observados em traduções literais (QUADROS e SOUZA, 2008).

Por fim, chega-se ao efeito de modalidade que trata das características quadridimensionais do texto traduzido em Libras. De acordo com esse efeito e com base em Novak (2005), tem-se que as línguas de sinais apresentam características quadridimensionais, pois, utilizam o espaço e o tempo “encarnado” no corpo do tradutor/ator e expressam, por meio do espaço e dos movimentos, relações temporais e espaciais quase como uma encenação, mas em forma de uma língua, enquanto que o texto em Português tem uma relação temporal, espacial e linearmente apresentada. Além disso, o discurso está diretamente relacionado com o corpo desse tradutor ser um corpo individual dentro de uma comunidade cultural, ideológica e linguisticamente específica (Novak, 2005).

Dessa forma, segundo Quadros e Souza (2008: 176-177), a presença visual do tradutor-ator revela efeitos discursivos na re-textualização em sinais do texto-fonte. Novak percebeu que o sinalizador sempre está no momento presente, visto que, o seu próprio corpo está presente. Assim, as referências temporais são feitas a partir do eixo do corpo, de forma que, para frente, indica o tempo futuro; para trás, refere-se ao passado; e, no centro, indica o momento presente, representando também o espaço neutro. No caso específico da tradução para a Libras gravada em vídeo, o tempo presente é o tempo do corpo presente do sinalizador no momento da sinalização, independente de quando é assistida pelo leitor (QUADROS e SOUZA, 2008).

Portanto, no próximo capítulo, os resultados obtidos nessa pesquisa são apresentados a partir das observações descritivas do procedimento tradutório. Assim, depois do contato com Snell-Hornby (2006), Munday (2001), Stone (2009), Quadros (2006) e Quadros e Souza (2008), entende-se que a abordagem interdisciplinar de um objeto referente a um curso construído sobre práticas multidisciplinares e autônomas, é uma tarefa legítima, relevante e capaz de gerar contribuições sólidas para futuras pesquisas em tradução para línguas de sinais.

4 – DESCRIÇÕES DO QUE FOI OBSERVADO NO PERCURSO

Por um lado, existe uma preocupação em relação aos efeitos das diferenças na modalidade de fazendo com que os estudos das línguas de sinais sejam extremamente relevantes. Por outro lado, as similaridades encontradas entre as línguas faladas e as línguas sinalizadas parecem indicar a existência de propriedades do sistema linguístico que transcendem a modalidade das línguas. Nesse sentido, o estudo das línguas de sinais tem apresentado elementos significativos para a confirmação dos princípios que regem as línguas humanas (QUADROS, 2006: 175).

4.1 – Performances de uma surda tradutora-atriz

Terminada a síntese do referencial teórico, apresentaremos alguns resultados observados durante o percurso investigativo, descrevendo performances observadas antes e durante os procedimentos tradutórios.

Assim, reiterando o conceito de performance de tradução, comenta-se a partir de Stone (2009: 90 - nossa tradução) que essa se trata de um tipo de tradução que, por exemplo, pode acontecer diante de câmeras de TV, e conta com a presença dos tradutores durante a execução da atividade tradutória. Além de se fazer presente, tem-se a partir de Novak (2005) e Quadros e Souza (2008), que o corpo do tradutor faz parte do “cenário” do procedimento tradutório. Afinal, por haver uma preocupação com o uso dos elementos básicos da Libras a fim de cumprir com o objetivo de gerar aprendizagem a partir dos conteúdos que traduzem, também se pode compreender que se tratam de tradutores-atores que re-textualizam os textos-fonte em língua de sinais via performances interlinguais que são capturadas, editadas e por fim publicadas on-line no AVEA (STONE, 2009).

Nesses termos, com base nas fases de trabalho do procedimento tradutório reveladas por Quadros (2008) e reforçadas por Quadros e Souza (2008), descreve-se uma performance anterior ao ato tradutório e outra que se transcorre durante os procedimentos de re-textualização. Por performance pré-tradutória, menciona-se que se tratam de iniciativas conduzidas, em termos de preparação, pelos surdos tradutores-atores da equipe de tradução depois do estudo dos textos-base, roteiros de gravação, entre outros itens que constituem os conteúdos-fonte. Assim, identifica-se o *uso de glosas* como o exemplo de performance pré-tradutória, descrevendo-o no primeiro subtópico e a *transliteração* como o exemplo de performance de tradução, descrevendo-a no segundo subtópico deste capítulo.

Nesse sentido, apresentamos mais informações sobre a personagem escolhida, isto é, a surda tradutora-atriz cujas performances escolhe-

mos observar. Dessa forma, indica-se que HG constituem as iniciais do nome da personagem e ainda que, conforme Avelar (2009), trata-se de uma pessoa surda, natural do Rio de Janeiro, graduada em Pedagogia, mestranda em Linguística pela UFSC, com experiência de nove anos como tradutora-atriz profissional e que começou a atuar no Letras-Libras, no início do ano de 2008 (AVELAR, 2009: 382).

Ressalta-se o caráter eminentemente descritivo dessas performances observadas a partir do trabalho desempenhado pela surda tradutora-atriz HG. Ou seja, não se pretendeu destacar aqui todos os exemplos de performances de tradução encontrados nas re-textualizações de HG e nem afirmar que esses procedimentos são necessariamente conduzidos por profissionais surdos. Isso porque, conforme Stone (2009), enquanto observadores do ato tradutório, foi compreendido que a tradução para línguas de sinais se constituem procedimentos condutíveis tanto por surdos quanto por ouvintes, mas apresenta diferenças metodológicas ligadas mais às modalidades em contato que à dicotomia ouvir/não-ouvir. Isto é, questões mais intrínsecas às línguas em contato de modalidades diferentes do que ao fator fisiológico da surdez, pois, não é porque uma pessoa ouve que ela se torna inapta a traduzir para uma língua de sinais e vice-versa.

Diante desse fato, reitera-se que não foi aprofundado esse debate acerca do “perfil” dos tradutores-atores, detalhando, por exemplo, por que são surdos ou por que são ouvintes, etc, pois, isso vai além do escopo da abordagem do objeto dessa pesquisa. Além disso, ratifica-se a escolha de Quadros (2006) como epígrafe deste capítulo por se entender que, quando se mencionam as performances de tradução para uma língua de sinais como a Libras, estão sendo criados espaços de diálogo acadêmico enriquecedores para ambas as línguas envolvidas nos procedimentos tradutórios, a partir da valorização de suas singularidades.

4.1.1 – Performance 01: USO DE GLOSAS

Segundo Quadros e Souza (2008: 186a), tem-se que: “outro aporte em nível de métodos de trabalho é a busca por um modelo de escrita que consiga representar os sinais”. Conforme esses pesquisadores, tal necessidade emerge diante de vivências ao vivo de conflitos em termos de procedimentos de tradução em que os profissionais tem de “ler o texto em Português, memorizando os significados desse para expressá-los na Língua de Sinais, ou seja, sinalizar/encenar diante da câmera” (QUADROS e SOUZA, 2008: 186a).

Além disso, nota-se que, em meio aos surdos tradutores-atores, há a necessidade de se ler o texto na estrutura da Libras com palavras do português, ou seja, fazer uso de uma interlíngua escrita, uma ‘glosa’ em Português do texto na língua de sinais, para dar suporte ao procedimento de tradução (QUADROS e SOUZA, 2008: 186b).

Em termos históricos, um dos primeiros registros que se tem do uso das glosas como procedimento de transcrição linguística entre uma língua oral e uma língua de sinais foi Cokely (1992). Ele é um autor de extrema importância no contexto acadêmico da interpretação de língua de sinais norte-americana (ASL) nos EUA e utilizou glosas para fazer transcrições de textos utilizados durante o que ele chama de *monólogos expositivos* (palestras, discursos, seminários) e que foram interpretados em ASL.

Na sequência, enumeram-se etapas que permeiam a manifestação dessa performance em meio à prática tradutória dos surdos tradutores-atores do curso de Letras-Libras, de forma que, com base em Quadros e Souza (2008: 186c-187), tem-se:

- 1) *Leitura (ou estudo) do texto em Português.*
- 2) *Uso da interlíngua escrita com base no resultado da leitura prévia do conteúdo, já pensando na estrutura do texto a ser traduzido na Libras.*
- 3) *Embasamento nas glosas da re-textualização em Libras.*

Por fim, Quadros e Souza (2008: 187a) afirmam que essas “glosas” têm passado por várias transformações, sendo que, de início, as mesmas eram feitas em grandes folhas de papel madeira e dispostas sobre um quadro que ficava estendido à frente do tradutor-ator dentro do estúdio durante a gravação. Após essa fase, houve tradutores-atores da equipe que passaram a transcrever suas glosas diretamente sobre o próprio quadro, o que consumia muito tempo, atrasando o procedimento de gravação da atividade tradutória. Abaixo, a figura 12 ilustra as fases iniciais do uso das glosas durante os procedimentos de tradução.

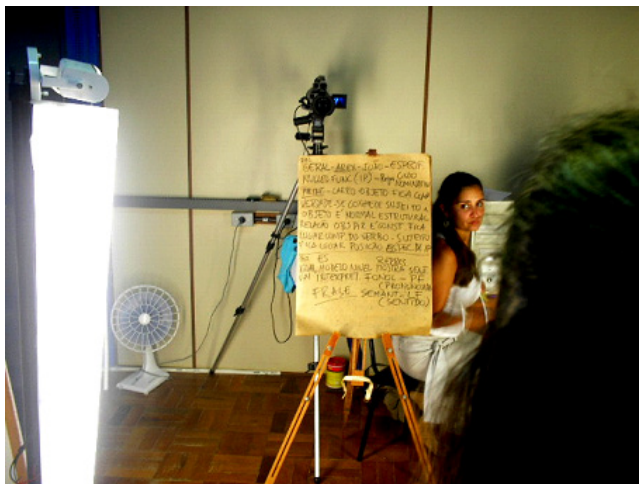


Fig. 12 - imagem ilustrativa do uso de glosas - identificada pelo círculo - no procedimento tradutório.

Atualmente, segundo ressalta Segala (2009), os tradutores-atores tem tido a oportunidade de fazer uso de um recurso tecnológico próprio de estudos televisivos de gravação, que é o TP²¹, que, no caso do Letras-Libras, fica acoplado a uma câmera filmadora de foco fixo que está conectada a um monitor de TV de 29 polegadas, sendo que, tudo isso está distribuído dentro do estúdio de gravação de uma forma tal que se situam bem à frente do tradutor-ator surdo, facilitando e agilizando a sua tarefa tradutória.

A figura 08 revela mais detalhes acerca do ambiente de trabalho (estúdio de gravação) onde os tradutores-atores surdos do curso de Letras-Libras desenvolvem suas performances, apresentando a disposição dos instrumentais técnicos e evidenciando que os recursos adicionais ao trabalho da tradutora-atriz como o roteiro (que está sob a cadeira sem

21 - TP é a abreviatura da palavra TELEPROMPTER, a qual, por sua vez dá nome a um aparelho técnico que, segundo Barbeiro e Lima (2002: 198), “permite a reprodução do script sobre a câmera, facilitando a leitura do apresentador. Ele não precisa decorar o texto ou baixar os olhos para ler no papel, basta olhar diretamente para o telespectador”. O uso desse recurso pelos surdos tradutores-atores agiliza os procedimentos de tradução para a Libras.



Fig. 13 - mais detalhes do ambiente de trabalho dos tradutores-atores surdos (estúdio).

encosto) e a GLOSA que está à frente da tradutora-atriz. Essas imagens foram capturadas entre Setembro e Dezembro de 2007 durante os primeiros meses de trabalho com a equipe de tradução.

A seguir, na figura 09, conforme Quadros e Souza (2008: 189), apresenta-se um exemplo de glosa com símbolos elaborada pela surda tradutora-atriz HG, de modo que, ao lado esquerdo, tem-se o texto de partida e, ao lado direito, tem-se a glosa do texto de chegada:



Língua Portuguesa	Língua de Sinais Brasileira
<p><i>Uma teoria sobre a aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados no tópico anterior. Algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas, mas depois de examinadas mais detalhadamente, veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente.</i></p>	<p>FATO+  ← APRESENTAR. JÁ UNIDADE ANTES ÁREA SINAL-TEORIA</p> <p>SOBRE " " AQL. PRECISAR EXPLICAR GRUPOxxx CAPAZ acenar-cabeça /-/</p> <p>ALGUM GRUPOxxx TEORIA VAI DISCUTIR DAQUI É INTUITIVA SENTIR MAS</p> <p>PESQUISAR GRUPOxxx ESPECIFIC@  ~ CADA acenar-cabeça.nog</p> <p>NÃO-DÁ EXPLICAR → ← xxx NÃO-DÁ AGORA VAI ESTUDAR</p> <p>CADAxxx TEORIA DIFERENTExxx VER. LINK.</p>

Fig. 14 - Exemplo da utilização da performance pré-tradutória das glosas.


Como performance pré-tradutória, a glosa atua como anteparo de tradução para o trabalho desenvolvido pelos surdos tradutores-atores. Assim, no caso da surda tradutora-atriz HG, conseguiu-se perceber soluções tradutórias propostas a partir do texto-fonte para produzir uma re-textualização em Libras capaz de gerar aprendizagem enquanto hiperlivro publicado no AVEA do curso de Letras-Libras. Isso é tanto que, considerando o texto-base acima, tem-se os seguintes detalhes:

- 1) Primeira oração: *uma teoria sobre aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados no tópico anterior.*
- 2) Segunda oração: *algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas,*
- 3) Terceira oração: *,mas depois de examinadas mais detalhadamente,*
- 4) Quarta oração: *veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente.*

A primeira oração apresenta a ordem Sujeito + Verbo + Objeto (SVO), uma vez que, tem “*uma teoria sobre aquisição de linguagem*” como sujeito, “*tem*” como verbo e o “*de ser capaz de explicar os fatos apresentados no tópico anterior*” como objeto. Tomando por base essa mesma estrutura sintática da frase SVO, para o segundo exemplo, comenta-se que, “*algumas teorias*” se constituem como sujeito, “*que discutiremos abaixo*” como oração subordinada explicativa, “*são*” como verbo e “*um tanto intuitivas*” como objeto. A terceira oração é na ordem Sujeito + Verbo + Complemento Verbal (SVC) uma oração subordinada adversativa com as mesmas “*algumas teorias*” funcionando como sujeito, “*examinadas*” como núcleo verbal e “*mais detalhadamente*” como adjunto adverbial de intensidade. A quarta e última oração, está na ordem SVC e temos “*nós*” como sujeito oculto, “*veremos*” como núcleo verbal e “*que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente*” como complemento verbal de *veremos*, sendo formado por outra oração, mas subordinada ao verbo da oração principal. De fato, trata-se de um conteúdo fonte complexo e, ainda que marcado de orações principais em ordem sintática direta, também é marcado pela presença de várias orações subordinadas.

Assim, mesmo sendo fluente no português e usuária da Libras como língua materna, compreende-se que HG teve diante de si um desafio em termos de procedimento tradutório. Porém, algo que se constituiu como elemento favorável ao cumprimento do objetivo do conteúdo tradu-

zido foi o uso de símbolos para ilustrar na glosa alguns itens quantificadores que apareceram no texto de partida. Logo, ao se notar a presença de um símbolo na glosa de HG que corresponde à mão aberta, de forma que, os dedos fiquem bem separados uns dos outros e passíveis de apontação, entende-se que se trata de uma solução tradutória interlingual adotada por ela para trabalhar uma correspondência direta a um elemento (cinco links referentes a cinco teorias de aquisição da linguagem) que não está presente nas orações do texto-fonte, mas que está no hipervídeo do AVEA, já que conforme as figuras de 01 a 03 apresentadas no capítulo terceiro, tem-se os nomes de cinco teorias sublinhados e disponíveis no formato de links. Então, em correspondência ao texto em português, ao se detalhar a glosa com símbolos de HG, percebe-se o seguinte:

1) Primeira oração: FATO +  APRESENTAR JÁ UNIDADE ANTES ÁREA SINAL-TEORIA SOBRE “ “ AQL PRECISAR EXPLICAR GRUPO XXX CAPAZ acenar-cabeça /•/

2) Segunda oração: ALGUM GRUPO_{xxx} TEORIA VAI DISCUTIR DAQUI É INTUITIVA SENTIR

3) Terceira oração: MAS PESQUISAR GRUPO_{xxx} ESPECIFIC@ 
~ CADA

4) Quarta oração: acenar-cabeça.neg NÃO-Dá EXPLICAR _{xxx} NÃO-DÁ AGORA VAI ESTUDAR CADA_{xxx} TEORIA DIFERENTE_{xxx} VER LINK.

Nesse sentido, pode-se afirmar que, comparativamente, de fato, trata-se de um texto de fato preparatório e direcionador do procedimento de tradução em língua de sinais, uma vez que, já possui referências visuais a elementos gráficos do português presentes no texto de partida, que encontramos, por exemplo, nas referências a seguir:

1) Primeira oração:



Texto em Português	Glosa com Símbolos
<p><i>uma teoria sobre aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados no tópico anterior.</i></p>	<p>FATO +  APRESENTAR JÁ UNIDADE</p> <p>ANTES <u>ÁREA</u> SINAL-TEORIA SOBRE “ “ AQL</p> <p>PRECISAR EXPLICAR GRUPO xxx</p> <p>CAPAZ acenar-cabeça /•/</p>

Tabela 04 - Primeira oração em português e na glosa com símbolos.

Nesse primeiro exemplo, tem-se o uso do símbolo  junto com as palavras “FATO + APRESENTAR JÁ UNIDADE ANTES ÁREA” como correspondência visual aos “fatos apresentados no tópico anterior”. E o uso das palavras “SINAL-TEORIA SOBRE ‘ ’” AQL PRECISAR EXPLICAR GRUPOxxx CAPAZ acenar-cabeça /•/” correspondem às palavras “uma teoria sobre aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar”.

Logo, tem-se, além do símbolo, um reforço da palavra TEORIA, que aparece sublinhada e anexa à palavra SINAL, o uso dos “x” antes da palavra Aquisição da Linguagem (que na glosa está citada apenas como AQL) que indica uma referência ao que será sinalizado em seguida, além de ser um referente ao tema do assunto que está sendo tratado dentro da re-textualização em sinais; como também, o uso de “xxx”, “acendar-cabeça” e “/•/” como anteparo da tradução em Libras do conteúdo que,

respectivamente, indicam: “desinência de número, no caso, plural”, “um indicativo de afirmação com base no termo *tem de ser*; já que, frases afirmativas em Libras podem ter seu caráter de afirmação revelado visualmente” e “símbolo de pontuação que indica o final da frase”.

2) Segunda oração:

Texto em Português	Glosa com Símbolos
<i>algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas,</i>	ALGUM GRUPOxxx TEORIA VAI DISCUTIR DAQUI É INTUITIVA SENTIR

Tabela 05 - Segunda oração em português e na glosa com símbolos.

Nessa segunda oração, tem-se o uso de “*ALGUM GRUPOxxx TEORIA*” como correspondência pré-tradutória às palavras “algumas teorias” do texto-fonte. Quando HG utiliza “*VAI DISCUTIR DAQUI*” em correspondência a “que discutiremos abaixo”, pode-se dizer que ela enfatiza a palavra *VAI* mediante o uso do sublinhado e faz uso de *DAQUI* como referência ao termo abaixo. Por fim, o uso de “*É INTUITIVA SENTIR*” é mencionado por HG em correspondência às palavras “são um tanto intuitivas”. Aqui, percebe-se a ênfase na palavra *INTUITIVA* por conta do uso do sublinhado na glosa e a substituição das palavras um tanto pelo verbo *SENTIR*, o qual, compreende-se que, ao ser amparado no corpo, transmite a idéia de intuição à palavra sinalizada anteriormente que, no caso, foi *TEORIA*.

3) Terceira oração:


Texto em Português	Glosa com Símbolos
<i>,mas depois de examinadas mais detalhadamente,</i>	MAS PESQUISAR GRUPOxxx ESPECIFIC@  ~CADA

Tabela 06 - Terceira oração em português e na glosa com símbolos.

No que tange à terceira oração, tem-se os seguintes termos em correspondência à “*depois de examinadas mais detalhadamente*” do conteúdo-fonte: “*PESQUISAR GRUPOxxx ESPECIFIC@* ☞ ~ *CADA*”. Nesse sentido, comenta-se que se usou “*PESQUISAR*” em correspondência à “*examinadas*”, “*GRUPOxxx ESPECIFIC@* ☞ ~ *CADA*” como termos correspondentes à “*mais detalhadamente*”. HG usou “*MAS*” como termo correspondente ao advérbio “*mas*” da terceira oração e, além disso, entende-se que é relevante ressaltar que o uso dos “*xxx*” na glosa de HG constitui, segundo a própria tradutora-atriz²², uma desinência de número, no caso, plural e também enuncia uma correspondência visual dentro do espaço de sinalização que remete ao termo teoria, já mencionado anteriormente.

4) Quarta oração:

Texto em Português	Glosa com Símbolos
<i>veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente.</i>	acenar-cabeça neg. NÃO-Dá EXPLICAR xxx NÃO-DÁ AGORA <u>VAI</u> ESTUDAR CADAxxx TEORIA DIFERENTExxx VER LINK

Tabela 07 - Quarta oração em português e na glosa com símbolos.

Diante dessa última oração, tem-se que, na glosa, há correspondências bem diferentes das palavras no texto-fonte. Por exemplo: para o caso de “*não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente*”, temos “*acenar-cabeça neg. NÃO-Dá EXPLICAR xxx NÃO-DÁ*”. Em seguida, tem-se “*veremos que elas*”, que, por sua vez, tem “*AGORA VAI ESTUDAR CADAxxx TEORIA DIFERENTExxx VER LINK*”. Assim, percebe-se que ao invés de trabalhar com correspondências diretas do nível “*palavras-sinal*” que ressaltariam o português sinalizado ao invés

22 - Obtivemos essa informação mediante entrevista por e-mail diretamente com a tradutora-atriz a título de mais esclarecimentos acerca da glosa com símbolos de sua autoria.

de um texto em Libras (Quadros e Souza, 2008), HG optou por utilizar substituições de termos para que, em Libras, o sentido de “não ser capaz de dar conta” fique claro visualmente.

Por fim, reitera-se que ao se pormenorizar o *uso de glosas com símbolos*, entende-se que os surdos tradutores-atores da equipe de tradução do curso de Letras-Libras realmente trabalham com uma interlíngua (que é a própria glosa, por exemplo) e assim, são pessoas que desempenham uma performance de re-textualização interlingual em língua de sinais.

4.1.2 – Performance 02: TRANSLITERAÇÃO

Depois da performance pré-tradutória, descreve-se agora o que foi observado com base no desenvolvimento da performance identificada durante a tradução. Trata-se da transliteração e, por ser bem comum na equipe de surdos tradutores-atores, segundo Quadros e Souza (2008), essa performance é definida por Isham (1998: 231-235 *in*: Baker e Malmkjaer, 1998), como sendo a transposição de uma palavra, letra a letra, de uma língua oral para uma língua de sinais. Em seu texto, Isham se refere à transposição do Inglês para a língua de sinais norte-americana (ASL). Mas, essa relação também é possível de ser aplicada na interface entre o português e a Libras da mesma forma.

Nesse sentido, a partir de Quadros e Souza (2008), reitera-se que esse recurso era reconhecido e entendido por boa parte da equipe de surdos tradutores-atores do Letras-Libras como “*empréstimo linguístico*”. Assim, esses autores informam sobre o contexto do Letras-Libras que, “o alfabeto manual é utilizado para introduzir um termo técnico apresentado no texto em Português e é reapresentado com explicações ou com a criação de um sinal a partir de discussões em equipe (neologismo)”.

Dessa forma, a esse entendimento empírico e próprio das relações interpessoais surdas quanto ao uso da transliteração que já era presente em meio à equipe de surdos tradutores-atores, foi adicionada a localização teórico-conceitual dessa prática em nível de estudos da tradução. Por fim, menciona-se que isso gerou uma maior tranquilidade na equipe quanto à prática dessa performance tradutória. Anteriormente à chegada à equipe de tradução do curso de Letras-Libras, essa tranquilidade era mais escassa entre os próprios profissionais, pois, havia vários conflitos ligados aos usos excessivos dessa performance nas re-textualizações. No entanto, após terem contato com os referenciais teóricos que fundamentavam o

uso das mesmas segundo os Estudos da Tradução, isso os deixou mais direcionados e seguros em relação ao objetivo de suas re-textualizações.

Assim, apresentam-se os instantes da tradução de nossa personagem de análise em que aparece a performance tradutória da transliteração. Trata-se da transliteração das palavras TEORIA, VAI e INTUITIVA, sendo que, a palavra VAI é transliterada duas vezes e muito mais rápido que a capacidade de capturação em *frames*. Logo, para o sinal VAI, por exemplo, tem-se apenas o início da transliteração. Nesses termos, conforme Quadros e Souza (2008), faz-se a apresentação dessa performance com a ilustração gráfica de *frames* da re-textualização de HG (ou seja, das imagens *quadro a quadro* do conteúdo presente no hipervídeo da disciplina escolhida para análise), tal como se seguem na figura 15 abaixo:

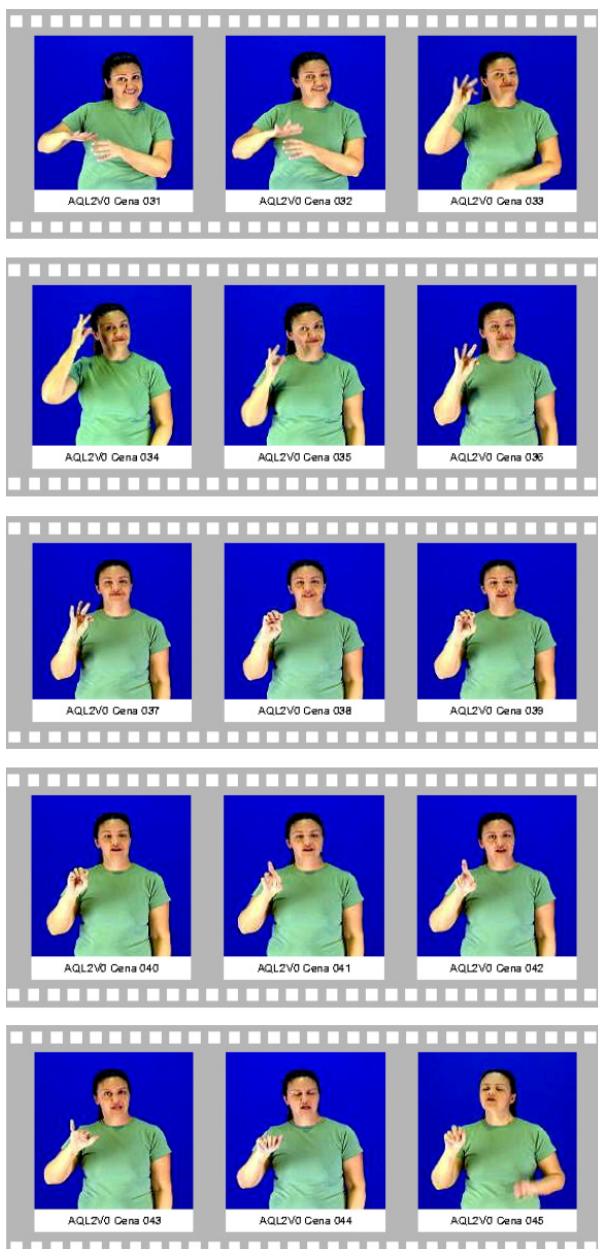


Fig. 15 - *frames* correspondentes à sinalização e à transliteração de *HG* para a palavra TEORIA.

Diante desse conjunto de *frames*, percebe-se a performance da transliteração sendo utilizada da seguinte forma: primeiro, tem-se os instantes em que a tradutora-atriz enuncia o sinal em Libras que corresponde à palavra “teoria”, registrado entre os *frames* 33 e 35. Logo em seguida, nota-se que a tradutora-atriz translitera a palavra “teoria” a partir do alfabeto manual da Libras, entre os *frames* 36 e 43, sendo que, o *frame* 36 demarca a transição entre o fim da execução do sinal “teoria” em Libras e a transliteração de “teoria” via alfabeto manual.

Segundo esse primeiro caso em que a performance da *transliteração* foi performatizada por HG, observa-se que ela enunciou primeiro o sinal em Libras referente à palavra TEORIA para só depois fazer uso da performance da *transliteração* da mesma. Por conta desse fato, compreende-se que a presença da *transliteração* enquanto performance tradutória dentro do conteúdo traduzido por HG nesse primeiro caso é de caráter explicativo em relação ao sinal enunciado anteriormente. Tal escolha de HG de transliterar após sinalizar também faz parte das etapas de trabalho do procedimento tradutório performatizado por outros surdos tradutores-atores da equipe de tradução.

Conforme ressaltam Quadros e Souza (2008: 184-186), a discussão sobre a terminologia em sinais segundo a eleição de termos e neologismos entre os tradutores faz parte da rotina de trabalho da própria equipe. Isso porque, enquanto trabalham na construção de um conceito de tradução no contexto do curso de Letras-Libras, os próprios surdos tradutores-atores tem se deparado com questões empíricas que se refletem na rotina tradutória diária, dentre as quais, podemos citar, por exemplo: “*quando não houver sinal para aquele conceito, que procedimento iremos adotar enquanto equipe de tradução para chegarmos a soluções tradutórias em Libras?*” e ainda, “*quando temos uma palavra que apresenta vários sinais em Libras de acordo com as variações dialetais segundo cada região do Brasil, qual variante utilizaremos em nossas traduções dos conteúdos de ensino do Letras-Libras?*” (QUADROS e SOUZA, 2008: 184).

Assim, comenta-se que esses e outros questionamentos eram normalmente levantados durante as reuniões que fazíamos com os surdos tradutores-atores no período em que trabalhávamos na coordenação da equipe de tradução. Logo, de acordo com Quadros e Souza (2008: 185), a busca de soluções é um problema comum entre os tradutores da equipe de tradução do Letras-Libras e alternativas que podem responder a isso incluem a troca de idéias com os seus pares, a busca por termos existentes em outras línguas de sinais, a utilização da explicitação, a criação de um

sinal para representar um novo termo e a eleição de um termo para o contexto em que está sendo aplicado no Letras-Libras no caso de haver várias opções em Libras para um termo utilizado no Português.

Considerando-se essa última alternativa, Quadros e Souza (2008: 186) exemplificam uma situação em relação ao sinal em Libras para a palavra *aluno*. Segundo os autores, há três sinais para essa palavra, os quais, representam variantes regionais da própria Libras. Então, prosseguem comentando que, no caso da palavra aluno e considerando o contexto de trabalho de tradução do Letras-Libras, “a equipe discutiu e elegeu uma delas, optando assim, pelo termo mais utilizado na comunidade surda brasileira”. Além disso, reiteram que essas soluções são sempre acordadas pela equipe de tradutores-atores e os termos acordados compõem um glossário de forma contextualizada que é gradativamente ampliado ao longo do curso e inclui as variantes da Libras dos termos que apresentam vários sinais para uma palavra do português (QUADROS e SOUZA, 2008: 186).

Perante essas afirmações, pode-se defender que, esse primeiro exemplo de transliteração de HG, além de fazer parte das etapas de trabalho do procedimento tradutório performatizado por outros surdos tradutores-atores da equipe de tradução, pode constituir uma alternativa de contextualização para o sinal de *TEORIA* sinalizado durante sua re-textualização. Nesse sentido, é possível entender porque a performance tradutória da transliteração aparece depois da sinalização, bem como, reiterar que há um compromisso da surda tradutora-atriz com o cumprimento do objetivo de gerar aprendizagem a partir dos conteúdos de ensino traduzidos e publicados no AVEA.

Na sequência das descrições, chega-se à transliteração da palavra *VAI*. Nesse sentido, ao se retomar a *glosa* de HG para localizar aonde *VAI* aparece, tem-se que ela está presente na segunda e na quarta oração do trecho escolhido para a análise. No entanto, quando se busca tecer o mesmo procedimento de localização desse termo nos *frames* relativos à re-textualização em Libras performatizada por HG, depara-se com uma dificuldade, pois, como se tratam de imagens bidimensionais que, tentam “congelar passo a passo” a sinalização de nossa surda tradutora-atriz, às vezes, o sinal é enunciado mais rápido que a capacidade de “fotografá-lo quadro a quadro”.

Além disso, tem-se ainda que, ao se escolher fragmentar o hiper-vídeo dessa re-textualização de HG em *frames*, opta-se pela divisão de 30 *frames* por segundo. Logo, dentro dos 35 segundos de vídeo, há um total de cerca de 1050 e chega-se a montar 183 frames, número esse que

é o resultante das edições feitas em programas de plataforma gráfica, as quais, geraram as trilhas ilustradas nas figuras em que HG está presente quadro a quadro.

Por fim, para a palavra *VAI*, que foi transliterada por duas vezes, tem-se os frames que “congelaram” apenas o início da performance de transliteração, conforme se nota a partir das figuras 16 e 17, abaixo:



Fig. 16 - Frame que traz o momento em que se inicia a primeira transliteração do termo VAI.

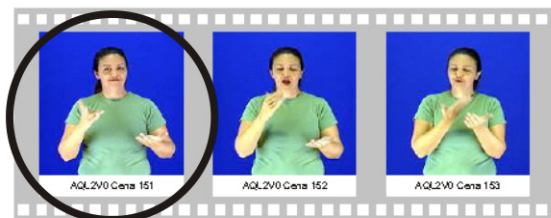


Fig. 17 - Frame que traz o momento em que se inicia a segunda transliteração do termo VAI.

Com base nessas figuras, pode-se comentar que, ao se assistir ao hipervídeo, percebe-se que, a primeira transliteração de VAI aconteceu entre os segundos 16 e 18 dos 35 segundos do vídeo e está com seu início registrado no frame 86 (AQL2V0²³ Cena 86, da Fig. 10), o qual está des-

23 - Esse código é uma referência à disciplina com a qual está relacionado o vídeo. Ou seja, AQL é referente à Aquisição de Linguagem. O “2” corresponde à unidade 02 do conteúdo on-line publicado no AVEA e V0 está ligado aos vídeos referentes ao conteúdo da disciplina e não às atividades, os quais tem outro código. Essa nomenclatura é viabilizada pela equipe de hipermídia e, por fim, pode-se tecer a seguinte leitura por extenso: *trata-se da cena 86 do hipervídeo do conteúdo da segunda unidade da disciplina de Aquisição da Linguagem.*

tacado pelo círculo. Agora, a segunda transliteração desse mesmo termo acontece entre os segundos 26 e 28 dos 35 segundos do vídeo e está com seu início registrado no frame 151 (AQL 2VO Cena 151, da Fig. 11), o qual também foi destacado pelo círculo.

Para encerrar, chega-se à transliteração da palavra *INTUITIVA*. Essa performance de tradução aconteceu entre os segundos 18 e 22 dentro dos 35 segundos totais do hipervídeo e, de acordo com a *glosa* de HG, trata-se de uma palavra que faz parte do encerramento da segunda oração do texto-fonte e está ilustrada na Fig. 18, abaixo:



Fig. 18 - Entre os frames 98 e 109, temos a transliteração da palavra *INTUITIVA*.

Ao final da descrição dessas performances de tradução observadas a partir do trabalho de *HG* enquanto surda tradutora-atriz da equipe de tradução do curso de Letras-Libras, percebe-se ainda que, durante as transliterações, *HG* reforçou um dos efeitos de modalidade na interface Libras-português que identificamos em nossa pesquisa. Trata-se do quarto efeito, o qual versa que, na tradução para língua de sinais, *é possível usar concomitantemente sinais da Libras e palavras do português*.

No caso da performance tradutória descrita, tem-se que, em todas as transliterações, *HG* produziu as palavras correspondentes do português com os seus lábios (mesmo sem produzir nenhum som), as quais, por sua vez, eram logicamente relacionadas aos sinais enunciados por suas mãos. Nesses termos, a partir de Quadros e Souza (2008) reitera-se que *HG* demonstrou ter cuidado com uso demasiado das transliterações a fim de evitar o comprometimento de seu texto na língua alvo. Logo, ao se escolher evitar deixar seu texto truncado ou considerado como texto em sinais aportuguesado, *HG* conseguiu, por exemplo, não deixar que o texto tivesse problemas afins aos de traduções literais (QUADROS e SOUZA, 2008).

Portanto, além de se comentar a respeito de efeitos que ressaltam a natureza textual do procedimento de tradução que está presente dentro da equipe do curso, compreende-se que, após a descrição de uma performance pré-tradutória e de uma performance que acontece durante os procedimentos tradutórios, não há dúvida acerca do caráter interlingual das traduções envolvendo línguas orais e línguas de sinais. Além disso, ficou claro ainda que o aparecimento de performances anteriores ao procedimento tradutório em si como o *uso das glosas com símbolos*, por exemplo, constitui uma interlíngua passível de conferir reforço e segurança ao trabalho de re-textualização conduzido pela surda tradutora-atriz.

Assim, reitera-se que é possível mencionar outras performances de tradução no decorrer do procedimento desenvolvido por *HG* em Libras. No entanto, foram escolhidos apenas dois exemplos por conta do objetivo dessa pesquisa de situar algumas das bases do trabalho tradutório que se transcorre dentro da equipe hipermídia do Letras-Libras. Dessa forma, no capítulo seguinte, são conduzidas análises e discussões com base nos resultados obtidos e conforme autores dos Estudos da Tradução, bem como, de outras disciplinas acadêmicas afins ao objeto de pesquisa. Faz-se isso para pontuar semelhanças e diferenças encontradas em nossa pesquisa em relação aos conteúdos teóricos apresentados, como

também, para se conseguir entender com ainda mais clareza que soluções os tradutores-atores surdos tem proposto para os conteúdos-fonte das disciplinas da grade curricular de ensino do curso.

5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DO QUE FOI PERCEBIDO PELO CAMINHO

No caso dos textos do curso de Letras Libras, em que o texto na Língua Brasileira de Sinais passa a ser o texto na língua de instrução, é fundamental submeter o texto original ao texto em Libras. A decisão, portanto, é de inclusão de informações que sejam fundamentais na organização do sentido no texto na Libras, que teve sua origem em um texto no Português (QUADROS e SOUZA, 2008: 181-182).

O objetivo dessa pesquisa foi descrever performances de tradução em Libras observadas a partir de um trecho do conteúdo hipertextual de ensino da disciplina de Aquisição da Linguagem publicado on-line no AVEA do curso de Letras-Libras da UFSC. Nesse contexto, também se pretendeu investigar como se configura um texto em português e na Libras, e ainda, como se caracteriza o gênero textual dos conteúdos de ensino do curso de Letras-Libras para descrever como essas informações extralinguísticas consistem em elementos relevantes ao procedimento de re-textualização desses mesmos conteúdos de ensino em uma língua espaço-visual como a Libras.

Logo, com base no texto fonte ou de partida e na glosa com símbolos produzida por HG que serviu de acesso ao texto alvo ou de chegada, percebe-se que, por ter sido adotado um modelo de tradução para nortear os procedimentos da equipe de surdos tradutores-atores do curso de Letras-Libras, foi um fator importante para o êxito das soluções tradutórias dessa tradutora-atriz. Diante disso, depois de terem sido apresentadas algumas performances de tradução, neste capítulo, traz-se uma análise comparativa com base no modelo de texto-alvo de Gile (1995, 2009) e na glosa de HG, descrevendo as soluções tradutórias eminentemente visuais conforme cada elemento da equação do modelo utilizado.

Inicialmente, são abordados detalhes relevantes acerca do modelo de Gile (1995, 2009) e, em seguida, comenta-se acerca da mensagem do texto alvo dos conteúdos de ensino e aprendizagem do Letras-Libras, revelando como o modelo de Gile (ibid) adotado influencia na prática tradutória dos surdos tradutores-atores. Por fim, mencionam-se alguns elementos presentes nas informações contextualizadoras, naquelas induzidas por questões linguísticas e nas pessoais, que constituem fatores relevantes aos procedimentos tradutórios em Libras, fundamentado os comentários nas contribuições de Quadros (2008), Quadros e Souza (2008), Gile (1995, 2009) e Vasconcellos e Bartholamei (2008).

5.1 – Aplicação e adaptação do modelo de texto alvo de Gile (1995, 2009)

A título de reforço conceitual, traz-se o que significa a performance de tradução em termos pessoais. Isto é, entende-se pessoalmente que performance de tradução consiste em um procedimento tradutório que acontece entre línguas de modalidades diferentes no qual um conteúdo textualizado na língua de partida é re-textualizado na língua de chegada a partir de métodos interdisciplinares, que envolvem tanto conhecimentos linguísticos quanto cênicos. Em outras palavras, é um procedimento tradutório que corrobora para a descrição de traduções envolvendo línguas como o português e a Língua Brasileira de Sinais. Isto é, quando se tem um texto em português a ser traduzido ou re-textualizado para a Libras, podemos dizer que o procedimento a ser transcrito é passível de ser considerado uma performance de tradução.

Pontuado esse conceito pessoal, iniciam-se as análises e discussões a partir do modelo do texto-alvo de Gile (1995, 2009), comentando que, quando esse modelo foi apresentado à equipe de tradutores, na maioria das vezes, antes que fossem executados os procedimentos de re-textualização em Libras, percebeu-se que se tratava de uma ferramenta afim ao objetivo geral do próprio curso de Letras-Libras, pois, os surdos tradutores-atores já estavam antecipadamente cientes de que teriam de gerar traduções concentradas, dentre outras coisas, no aprendizado visual a partir do conteúdo do texto-base das disciplinas.

Assim, ao se retomar esse modelo, cuja equação, com base em Vasconcellos e Bartholamei (2008), traz que o texto alvo é igual à soma da Mensagem (M), com as Informações Contextualizadoras (FI), as Informações induzidas ou motivadas por questões linguísticas (LII) e as informações pessoais do tradutor (PI) - *texto alvo* = M + FI + LII + PI; e levando-se em consideração a realidade observada na equipe de tradução do curso de Letras-Libras, pode-se encontrar as seguintes correspondências diretas: o *texto alvo* é a re-textualização em Libras publicada em hipervídeo no AVEA do próprio curso de Letras-Libras. Nesses termos, a Mensagem (M) é formada pelo conteúdo hipertextual de ensino e aprendizagem publicado na forma de hiperlivro no AVEA do próprio curso, o qual, por sua vez, trata-se do conteúdo do hiperlivro da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem. Na informação contextualizadora (FI), tem-se os conhecimentos contextuais acerca de cada conteúdo traduzido aos quais o surdo tradutor-ator tem acesso para preparar sua

re-textualização, o que pode ser obtido, por exemplo, a partir do texto-base, do contato com o monitor da disciplina, do roteiro de gravação dos DVD's, entre outros itens. A Informação Induzida/Motivada por Questões [LII] Linguísticas - em que alterações são geralmente introduzidas na produção de um texto alvo linguisticamente aceitável - está nas alterações intralinguísticas dos surdos tradutores-atores após o primeiro contato com o texto. Por último, a Informação Pessoal [PI] pode ser compreendida também a partir do que Quadros e Souza (2008) consideram bagagem de informação pessoal do tradutor, a qual, constitui-se, por exemplo, pelo grau de fluência na língua portuguesa, o grau de maturidade acadêmica tanto em Libras quanto em português, as experiências pessoais de cada um cenicamente diante das câmeras, entre outros elementos.

O uso do modelo de texto-alvo é legítimo e relevante às performances observadas e, dessa forma, uma leitura direcionada dele pode ser feita da seguinte forma: a re-textualização-alvo em Libras publicada online no AVEA do curso de Letras-Libras do conteúdo de ensino e aprendizagem presente no hipertexto do hiperlivro da unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem é resultado da soma da mensagem do conteúdo-fonte hipertextual e do texto-base, com as informações contextualizadoras obtidas no contato com elementos extratextuais afins ao conteúdo de ensino a ser traduzido, junto com as informações motivadas por questões linguísticas da Libras que interferem nas decisões de cada profissional, bem como, com as informações pessoais de cada surdo tradutor-ator.

Portanto, essa relação aditiva entre esses elementos equacionados por Gile (1995, 2009) corrobora com os valores do Letras-Libras e contribui com um novo ponto de vista acerca do ato de re-textualizar um conteúdo na versão gráfica e escrita de uma língua de modalidade oral-auditiva (como o português, por exemplo) em Libras, cuja modalidade é espaço-visual.

5.1.1 – Mensagem (M)

Dentro do modelo de texto alvo, Gile (1995, traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008) defende que a mensagem é constituída pela “informação que um falante queria comunicar a outro e ao redor da qual a declaração verbal – a ‘fala’ – é construída”. Diante desse conceito, Gile (1995, traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 26) conclui que, essa “Mensagem – **M** na língua fonte pode gerar sentenças diferentes na língua alvo, que podem ser consideradas, com legitimidade, traduções”.

Nesse sentido, ao se defender que a mensagem do texto alvo em Libras é formada pelo conteúdo hipertextual de ensino publicado na forma de hiperlivro no AVEA referente à unidade 02 da disciplina de aquisição da linguagem, compreende-se que, esse conteúdo é a informação comunicada pelo autor do texto-base da disciplina, a qual, por sua vez, caminha ao redor da re-textualização intralingual de gênero hipertextual fundamentada no mesmo conteúdo.

Dessa forma, reitera-se a mensagem do texto alvo para se tecer detalhes relevantes acerca de seus procedimentos de re-textualização, conforme dados das figura 09, 14 e da Tabela 01 já apresentadas no decorrer dessa pesquisa.

Conforme a Fig. 14 (p. 113), por exemplo, tem-se que a mensagem do texto alvo revela, a partir do texto interlinguístico da glosa com símbolos de HG, que há todo um construto lógico de entendimento apresentado pela surda tradutora-atriz no qual se manifestam mudanças naquilo que Gile (1995, traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008), em nível de informação secundária sem desprezar a informação primária, expressa no núcleo da mensagem. Ou seja, se atentarmos para a disposição do hipertexto no hiperlivro on-line do AVEA referente à disciplina de Aquisição da Linguagem do curso de Letras-Libras (conforme as figuras 03, 04, 05 e 06), percebe-se que o trecho em português traduzido intralingualmente e disponibilizado no formato hipertextual tem por mensagem o dado paradoxal de que uma teoria sobre a aquisição de linguagem deve explicar determinados fatos anteriormente apresentados, mas, infelizmente, as cinco teorias um tanto intuitivas a serem apresentadas, não cumprem esse objetivo.

Dessa forma, entende-se que a ocorrência de performances de tradução tais como a observada nessa pesquisa revela que HG, além de compreender o núcleo da mensagem a ser re-textualizada, demonstrou entender a orientação do procedimento tradutório dentro do contexto de ensino e aprendizagem virtual do Letras-Libras. Isso significa que, salvo as devidas especificidades em virtude das diferenças de modalidade das línguas em contato nos procedimentos de re-textualização - identificadas na presença de símbolos na glosa de HG, como também, no uso de sinais dêiticos na própria tradução em Libras de HG exibida no hipervídeo publicado no AVEA - houve o respeito ao contexto de chegada sem nenhum desmerecimento do conteúdo de saída.

Assim, o texto traduzido em Libras respeita o conteúdo-fonte em português, uma vez que, há referências ao mesmo no decorrer de sua

enunciação, mas contempla o seu objetivo tradutório ao priorizar o ensino e aprendizagem do discente do curso de Letras-Libras.

É por conta dessa orientação peculiar do procedimento tradutório vivenciado no curso, que não permite um texto traduzido considerar apenas texto fonte ou texto alvo sem levar em conta o objetivo final do próprio curso, que o modelo do texto alvo de Gile (1995, 2009) fora sugerido para ser um elemento norteador desses procedimentos e não como única alternativa.

Assevera-se isso porque, segundo o próprio Gile (1995, traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008), há ganhos e perdas de informação em relação à mensagem, de forma que, ganhos ocorrem quanto as verbalizações evidenciadas nos conteúdos traduzidos apresentam informações que não estavam presentes no texto de partida e, as perdas, ocorrem quando as informações que estavam presentes no texto de partida são omitidas na produção do texto de chegada (Gile, 1995 - traduzido por VASCONCELLOS e BARTHOLAMEI, 2008: 23-24).

Contudo, tais ganhos e perdas se constituem como itens de maior complexidade de análise quando são considerados textos concebidos em línguas de modalidades diferentes. Isso quer dizer, por exemplo, que, o uso de um sinal dêitico que, em termos visuais, refere-se diretamente às teorias de aquisição de linguagem um tanto intuitivas a serem apresentadas no decorrer do conteúdo de ensino da unidade 02 da disciplina de aquisição de linguagem no AVEA do curso, não pode ser considerado ganho em relação texto de partida, pois, ao fazer isso, transpareceria uma consideração de perda, a ausência de índices de visualidade no conteúdo em português re-textualizado intralingualmente e disponível no formato hipertextual no hiperlivro do curso. Da mesma forma, não se pode considerar a performance da transliteração - que fora utilizada por HG em relação a palavras como TEORIA, VAI e INTUITIVA para enfatizá-las no re-texto em Libras - como sendo um ganho para o texto de chegada, pois, ao fazer isso, conferiria uma leitura de perda à ausência de tais recursos enfáticos visuais no conteúdo-fonte em português presente no hipertexto intralingualmente re-textualizado.

Portanto, ao se tomar por base o próprio objetivo de ensino do curso de Letras-Libras de priorizar a experiência visual de aprendizado do conteúdo referente à própria Libras, como também, ao português, tem-se que, soluções adotadas por HG tais como as observadas e *descritas como pré-tradutória e evidenciada durante o procedimento de tradução*, bem como, o uso de sinais dêiticos, por exemplo, poderiam ser conside-

radas como ganhos ao texto de partida, uma vez que, propiciam o empoderamento da visualidade nesses conteúdos-fonte e corroboram com o aprendizado dos discentes. A seguir, analisa-se e discute-se mais detalhes acerca das três categorias de informação secundária apresentadas por Gile (1995 - traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 24) em relação ao seu modelo de texto alvo.

5.1.2 – Informação contextualizadora (FI)

Apresentadas as análises e discussões envolvendo a informação primária manifesta no elemento “mensagem (M)” do modelo de Gile (1995, 2009), comenta-se a respeito de ganhos de informação, chamados, por esse autor, de informação secundária. Essa, com base em possíveis acréscimos de informação à mensagem feitos por tradutores e intérpretes, pode ser classificada em três categorias diferentes: (i) informação contextualizadora (ou *framing information* - FI, no original); (ii) informação induzida ou motivada por questões linguísticas (ou *linguistically induced information* - LII, no original) e, (iii) informação pessoal (ou *personal information* - PI, no original) (Gile, 1995 - traduzido por VASCONCELLOS e BARTHOLAMEI, 2008: 24).

Nesses termos, considerando que Gile (1995 - traduzido por VASCONCELLOS e BARTHOLAMEI, 2008: 24a) defende que a informação contextualizadora (FI) está atrelada ao acréscimo de informação para ajustar, compor, enquadrar e emoldurar o significado da mensagem, com o propósito de contextualizar o significado sugerido no texto de partida para o leitor de chegada; e que no caso do Letras-Libras, essa mesma FI pode ser constituída pelos conhecimentos contextuais sobre cada conteúdo traduzido aos quais o surdo tradutor-ator tem acesso para preparar a re-textualização e que podem ser conseguidos a partir do texto-base, do contato com o professor ou monitor da disciplina, do hipertexto, entre outros itens; percebe-se que o uso de símbolos para indicar enumerações ausentes no texto escrito de partida, mas presentes no cenário do texto visual de chegada em Libras, constitui um exemplo de FI.

Ou seja, quando HG faz uso de um sinal dêitico em sua re-textualização e de um símbolo dêitico em sua glosa para se referir às cinco teorias intuitivas de aquisição de linguagem enumeradas no hipertexto de forma associada a hiperlinks dentro do hiperlivro disponibilizado no AVEA, isso revela uma informação contextualizadora de sua tradução em Libras, ao ponto que, para o leitor, que por sua vez também é discente surdo, o signi-

ficado da mensagem do texto de partida ficará mais ajustada, enquadrada e emoldurada visualmente. Isto é, ao ler no texto em sinais traduzido por HG, por exemplo, que “*cinco teorias de aquisição de linguagem serão apresentadas*” ficará mais fácil para o leitor associar o sinal dêitico utilizado pela tradutora-atriz como índice referencial à enumeração das cinco teorias hiperlinkadas dentro do conteúdo do hiperlivro disponível logo ao lado do espaço do hipervídeo em Libras.

Vale ressaltar que, ao invés de alongar a tradução, como mencionam Vasconcellos e Bartholamei (2008: 25), entende-se que o uso da informação contextualizadora por HG em sua re-textualização em Libras intensifica a visualidade do significado da mensagem presente no conteúdo do texto fonte ou de partida. Ainda assim, podemos mencionar que esse detalhe corrobora com a ‘hipótese de explicitação’ proposta por Blum-Kulka (1986: 19, traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 25a) de que a explicitação talvez seja uma estratégia universal e inerente aos procedimentos de mediação linguística, conforme praticada, tanto por aprendizes de línguas como por tradutores profissionais ou não.

5.1.3 – Informação induzida ou motivada por questões linguísticas (LII)

Gile (1995, traduzido por Vasconcellos e Bartholamei, 2008: 25b) entende que a informação induzida ou motivada por questões linguísticas se refere ao tipo de informação adicionada por conta de questões de adaptação ao sistema linguístico de chegada, ou, em outras palavras, por conta de ajustes - demandados pelo sistema linguístico e não por decisões do profissional tradutor ou intérprete - necessários para que o texto traduzido ou interpretado esteja de acordo com regras e convenções de uso praticadas na língua de chegada. No caso do Letras-Libras, essa LII aparece, por exemplo, nas alterações intralinguísticas inseridas pelos surdos tradutores-atores na glosa do texto-fonte após o primeiro contato com o mesmo. Assim, compreende-se que o uso de “xxx” como recurso gráfico-visual correspondente ao sinal visual que traduz, na interlíngua da glosa, a palavra “*vários*”, classificando e quantificando em Libras o conteúdo referente ao texto de partida em português, constituiu um exemplo de informação induzida ou motivada por questões linguísticas.

Ilustra-se esse exemplo com base novamente na Fig. 14 e entende-se que, “xxx” aparecendo como indicativo gráfico-visual de uma marcação de desinência número pessoal corrobora com o conceito de LII trazido por

Gile (ibid), porque, HG demonstra ter conhecimento de regras e convenções linguísticas da Libras e adapta a visualidade do plural de palavras como “*examinadas*”, “*elas*”, “*fatos*” e “*discutidos*”, por exemplo, a partir do emprego de “xxx” anexo a palavras como “*grupo*”, “*cada*” e “*diferente*”.

Ou seja, para orações disponibilizadas na ordem SVO no texto de partida tais como a terceira e quarta: “(...)mas depois de examinadas mais detalhadamente, veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente” - tem-se, a partir da glosa de HG, as seguintes correspondências diretas:






MAS PESQUISAR GRUPOxxx ESPECIFIC@  ~ CADA acenar-cabeça.neg
 NÃO-DÁ EXPLICAR   xxx NÃO-DÁ AGORA VAI ESTUDAR
 CADAxxx TEORIA DIFERENTExxx VER LINK

Tabela 08 - Correspondências diretas para o conteúdo da segunda e terceira orações do texto escolhido para análise com base na glosa com símbolos proposta por HG.

Dessa forma, compreende-se que, no que tange à aparição de “xxx” na terceira oração do conteúdo de chegada correspondente à re-textualização da terceira oração “mas, depois de examinadas mais detalhadamente” do conteúdo de partida, tem-se na glosa “PESQUISAR GRUPOxxx”, a opção pré-tradutória em Libras, por exemplo, para a palavra “examinadas” em português. Agora, para a aparição de “xxx” na quarta oração “veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente” do conteúdo de partida, tem-se a glosa “acenar-cabeça.neg NÃO-Dá EXPLICAR   xxx NÃO-DÁ AGORA VAI ESTUDAR CADAxxx TEORIA DIFERENTE xxx VER LINK” como performance pré-tradutória em Libras²⁴.

Isso permite considerar que, para as palavras “elas não são capazes de dar conta”, por exemplo, o uso de recursos linguísticos da Libras adap-

24 - Conforme Quadros e Karnopp (2004), comenta-se ainda que esses “xxx” da glosa de HG indicam três diferentes pontos estabelecidos no espaço de sinalização. Ou seja, além de desinência de número (plural), esses elementos revelam a relevância da questão da apontação dos referentes no espaço de sinalização para o estabelecimento da coesão textual dos textos em língua de sinais.

tados e glosados por HG como “acenar-cabeça.neg” e “xxx NÃO-DÁ” após o símbolo $\rightarrow\leftarrow$ constitui uma indicação clara da presença de informações induzidas ou motivadas por questões linguísticas na performance pré-tradutória do texto alvo re-textualizado em Libras.


Além disso, como a informação induzida ou motivada por questões linguísticas (LII), segundo Vasconcellos e Bartholamei (2008: 25c) não é adicionada por decisão nem do tradutor e nem do intérprete, ela não reflete o estilo individual desses e, assim, é adicionada para garantir a produção de um texto linguisticamente aceitável e compreensível pelos receptores da língua de chegada. Logo, entende-se que, tanto a performance tradutória da transliteração quanto o uso de “VER LINK” na glosa de HG, pertencem às modificações no texto de partida que corroboram para a compreensão visual do texto de chegada em Libras.



Conforme Quadros e Souza (2008), tais modificações são decididas em consenso pela equipe de tradução do curso e, com base em Stone (2009) pode-se afirmar que elas compõem uma versão adaptada ao contexto do curso de Letras-Libras da norma Surda de tradução.

5.1.4 – Informação pessoal (PI)

Em seu modelo de texto alvo, Gile (ibid) entende que a informação pessoal (PI) se refere às informações adicionadas à mensagem e diretamente associadas ao estilo do tradutor ou do intérprete, ou a outras idiosincrasias que revelam sua personalidade, seu contexto sócio-cultural, ou ainda, suas pressuposições quanto ao grau de conhecimento do leitor de seu texto em relação ao tópico em questão. Nesse sentido, menciona-se que, no caso do Letras-Libras, essa informação pessoal pode ser compreendida também a partir do que Quadros e Souza (2008) chamam de *bagagem de informação pessoal do tradutor*, ou seja, o grau de fluência na língua portuguesa, o grau de maturidade acadêmica tanto em Libras quanto em português, as experiências pessoais de cada um cenicamente diante das câmeras, entre outros elementos.

Logo, com base na performance pré-tradutória de HG, infere-se que, o uso de símbolos no texto de partida glosado que geram o emprego de sinais classificadores na tradução em Libras como recurso enriquecedor do procedimento, para cumprir o objetivo da tradução em consonância com o próprio objetivo do curso, constitui um exemplo de informação pessoal da personagem surda tradutora-atriz afim ao escopo dessa pesquisa.

Isso é tanto que, conforme a Figura 16 já mencionada e a Tabela 04, o uso de símbolos como este -  - e ainda, a ênfase dada à TEORIA mediante o uso do sublinhado (TEORIA), constituem marcos de informação pessoal de HG tanto em termos de performance pré-tradutória quanto da performance observada durante o procedimento de re-textualização.

Nesse exemplo, o uso do símbolo  junto com as palavras “FATO + APRESENTAR JÁ UNIDADE ANTES ÁREA” pode ser considerado como uma correspondência visual aos “ *fatos apresentados no tópico anterior*”. Porém, o uso desse símbolo demarca claramente a influência da informação pessoal de HG enquanto surda tradutora-atriz, pois, ao invés de fazer uso de um configuração de mão em Libras indicadora do numeral cardinal 05 como esta -  - houve a preferência pelo uso de um símbolo que indicasse a configuração de mão aberta, passível de ter a apontação como intensificador.

Na sequência, tem-se algo além da escolha pessoal do símbolo indicativo das teorias de aquisição de linguagem. Trata-se do reforço da palavra TEORIA, por meio do sublinhado e da disposição dessa palavra anexa à palavra SINAL, que indica uma referência ao conteúdo-fonte dentro da re-textualização em Libras a ser publicada no hipervídeo do AVEA e significa que HG tece modificações de caráter pessoal no texto de partida a título de priorizar a apreensão visual do conteúdo do texto de chegada por parte do surdo leitor, que também é discente do curso. Ou seja, em outras palavras, percebeu-se que por HG ter preferido transliterar a palavra TEORIA, enfatizando sua presença tanto na construção em Libras referente ao tempo presente em que há a abordagem das teorias intuitivas de aquisição de linguagem quanto na construção em sinais referente ao tempo passado ligado ao excerto marcado por palavras como “*anteriormente*”, por exemplo, ao invés de suprimir esse recurso, isso revela a presença da informação pessoal dentro do contexto identificado pela performance tradutória observada durante o procedimento de re-textualização.

Assim sendo, a escolha pessoal de HG evidenciada pela performance tradutória da transliteração favorece o entendimento de que, a apontação, somada ao transliterar da palavra TEORIA, conferem a percepção visual clara do significado do núcleo “APRESENTAR JÁ UNIDADE ANTES ÁREA SINAL-TEORIA SOBRE “ “ AQL PRECISAR EXPLICAR GRUPOxxx CAPAZ acenar-cabeça /•/” dessa primeira oração do texto de partida. Isto é, a partir da transliteração de teoria, somado ao uso harmônico de elementos visuais da Libras conectados com parâ-

metros primários e secundários dessa língua, entende-se que a mensagem referente à primeira oração do conteúdo de partida pode ser mais compreendida pelos leitores surdos, uma vez que, eles terão o reforço de uma palavra que constitui um elemento chave ao entendimento de toda a mensagem do conteúdo de partida referente à unidade 02 da disciplina de Aquisição da Linguagem.

Dessa forma, com base Gile (ibid), tem-se sucintamente que, ao se ler um determinado texto ou ouvir um discurso, os tradutores não necessariamente identificam a mensagem nem toda a informação secundária inserida. Porém, ao produzir o seu próprio texto alvo, eles estão cientes da informação contextualizadora e da informação induzida ou motivada por questões linguísticas introduzida em sua re-textualização. Logo, na tradução de textos informacionais, a mensagem deve ser reformulada na língua alvo de uma forma tal que, a informação secundária esteja reformulada sem mudanças, exceto se isso não afetar o impacto do mesmo texto alvo no receptor. Caso contrário, as mudanças exigidas na mensagem devem seguir uma ordem de prioridades tal que se comece primeiro pela informação induzida ou motivada por questões linguísticas, em que as alterações geralmente são introduzidas visando produzir um texto alvo aceitável linguisticamente, passando pela informação pessoal, até chegar à informação contextualizadora, se houver inadequações ao receptor do texto fonte (VASCONCELLOS e BARTHOLAMEI, 2008).

Portanto, comenta-se que, o modelo de texto alvo de Gile (ibid) servindo de referência para os surdos tradutores-atores até mesmo antes dos procedimentos tradutórios serem desenvolvidos plenamente, favorece a orientação desses profissionais quanto às soluções a serem tomadas. Além disso, o reconhecimento da possibilidade de aplicação de um modelo como esse, bem como, a criação de técnicas de apoio para a realização da tradução em Libras, devem ser descritos com vistas a evidenciar a relevância social da possibilidade de se traduzir textos escritos para textos em línguas de sinais (QUADROS e SOUZA, 2008).

6 – REFLEXÕES FINAIS: “olhando para trás, mas com o foco no porvir”

“Uma semente foi plantada e brotou, cresceu e formou uma grande árvore que começou a dar frutos, os frutos produzem novas sementes e se espalham por vários lugares (...)” (Prof. surdo Fabiano Souto)²⁵.

Neste capítulo sexto, traz-se percepções e reflexões finais, primeiramente, a partir de uma síntese em torno das performances de tradução observadas. Em seguida, comenta-se sobre alguns desafios para o campo dos estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais no contexto brasileiro, discorrendo sobre o entendimento e o reconhecimento da figura profissional do surdo tradutor-ator e ainda sobre possíveis contribuições para outras pesquisas no campo da tradução para a Libras.

Nesses termos, comenta-se que, o propósito com as reflexões finais é o de olhar para trás considerando o que foi vivenciado sem esquecer de observar o que pode vir além da investigação dentro do mesmo campo científico, por exemplo. Ademais, conforme a epígrafe acima escolhida, pretende-se deixar que essa pesquisa funcione também como uma semente plantada que pode brotar, crescer e se tornar uma árvore fértil, produtora de outras sementes passíveis de serem espalhadas por vários lugares, disseminando-se e, por sua vez, legitimando o campo dos estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais.

6.1 – Síntese em torno das performances de tradução observadas

No curso de Letras-Libras, os surdos tradutores-atores já são encorajados a identificar elementos do modelo de texto-alvo de Gile (1995, 2009) a mensagem (M) e itens formadores da informação secundária como a informação pessoal (PI) e outros, durante os preparativos para os procedimentos de tradução, visto que, o fator tempo, por exemplo, não exerce uma pressão que impede essa etapa preparativa de estudo e leitura do texto fonte.


25 - Texto enunciado na apresentação do curso de Letras-Libras por ocasião da aula inaugural em 2006, conforme informado pela própria coordenadora geral do curso à época, Ronice Müller de Quadros, por e-mail, em 18 de Janeiro de 2010.

6.1.1 - Considerações finais sobre o uso de glosas

Fruto desse contexto tem-se as performances pré-tradutórias identificadas nessa pesquisa, como o “uso de glosas”, por exemplo. Nesse sentido, em termos finais e depois de terem sido descritos o emprego e a funcionalidade das *glosas* no procedimento de tradução, compreende-se que elas revelam outras informações que valem ser mencionadas:

- 1) *Reiteram os efeitos de modalidade.*
- 2) *Evidenciam o caráter performativo das línguas de sinais.*
- 3) *Revelam a complexidade e singularidade da tradução para línguas de sinais.*

Conforme Quadros e Souza (2008), compreende-se que as glosas produzidas pelos surdos tradutores-atores do curso de Letras-Libras como ferramenta de suporte à tradução do português para a Libras, reiteram a presença dos efeitos de modalidade envolvendo as línguas em contato durante esses procedimentos de tradução, tanto por expor graficamente as diferenças entre elas quanto por ressaltar as singularidades em torno da Libras, por exemplo.

Nesse contexto, quando HG, enquanto surda tradutora-atriz, em sua glosa, fez uso de recursos dêiticos como este, por exemplo,  - ela ressaltou também a visualidade do conteúdo-fonte em português, preparando a re-textualização em Libras e se aproximando daquilo que Glass (1996) defende sobre abordagem performativa das línguas de sinais.

Assim, por conta da exposição gráfica das diferenças de modalidade entre o português e a Libras, por exemplo, o uso das glosas evidencia a complexidade dos procedimentos de tradução para língua de sinais. Isto é, como as glosas são ferramentas de suporte de tradução e constituem uma interlíngua escrita da estrutura do texto traduzido em Libras, nota-se que, a simples exposição gráfica das ordens das frases, dos elementos dêiticos, entre outros itens, revela as condições complexas e singulares em que acontecem os procedimentos tradutórios.

A seguir, traz-se uma síntese de algumas considerações finais sobre a *transliteração*, que fora a performance observada durante o decorrer dos procedimentos tradutórios.

6.1.2 - Considerações finais sobre a transliteração

Assim como aconteceu em relação ao *uso de glosas*, depois de identificar, analisar e discutir a performance da *transliteração* é possível extrair ainda outras informações relevantes, as quais, mencionam-se abaixo:

1) *O uso da transliteração revela a apreensão pessoal da tradutora-atriz das estruturas textuais de partida e de chegada e a aplicação dos objetivos do curso e dos procedimentos de tradução.*

2) *O emprego da transliteração ratifica a autoria e a visibilidade da surda tradutora-atriz.*

Depois desse estudo observacional, percebeu-se que, quando HG, enquanto surda bilíngue, empregou a transliteração antes da enunciação da palavra, como no caso de *teoria* outrora mencionado, por exemplo, isso revelou a apreensão pessoal dela quanto à estrutura textual tanto dos conteúdos de partida quanto de chegada.

Além da revelação desse entendimento pessoal de HG quanto à estrutura textual dos conteúdos em português e em Libras que levaram à escolha da ordem do emprego da *transliteração* dentro do conteúdo retextualizado, notou-se que a própria presença dessa performance durante o procedimento tradutório, reitera e ratifica a autoria e a visibilidade dessa enquanto surda tradutora-atriz. Isso é tanto que, conforme Quadros e Souza (2008), percebe-se que essa performance não é unânime entre os surdos tradutores-atores da equipe de tradução do Letras-Libras. Logo, o emprego da mesma está conectado com as decisões pessoais de cada surdo tradutor-ator sem se distanciar do cumprimento do objetivo do curso e, por fim, ressalta a autoria de cada um dentro dos procedimentos de tradução.

Ao final dessa síntese em torno das performances tradutórias observadas durante essa pesquisa, pode-se comentar que, o acompanhamento de todo o procedimento de tradução dos conteúdos de ensino e aprendizagem do curso de Letras-Libras e principalmente a análise das performances observadas na prática de trabalho de HG enquanto surda tradutora-atriz, colaboraram para a transformação das concepções pessoais que se tinha a respeito da capacidade de abstração de conceitos acadêmicos densos por parte de uma pessoa surda.

Menciona-se isso porque, pessoalmente, comecei a atuar como intérprete de Libras dentro de um âmbito social religioso na cidade de For-

taleza-CE, em 2002, alguns meses antes da aprovação da Lei da Libras (10.436 de 24 de Abril de 2002). Então, durante minha trajetória enquanto ouvinte e profissional tradutor-intérprete, posso citar que apresentei várias das características do intérprete de língua de sinais apresentadas por Quadros e Stumpf (2009), justo porque, comecei voluntariamente no meio religioso para só depois obter a formação multiprofissional nos núcleos da comunidade surda como associações e federações, e ser inserido no mercado de trabalho, principalmente, na esfera educacional tanto de nível médio quanto profissionalizante e de nível superior. Em meio a essa experiência, até por causa do fundamento vocacional permeado pelo voluntariado, vários fatos colaboraram para a construção pessoal de leituras da pessoa surda enquanto sujeito social, de forma que, ora por causa da relação prestador de serviço - cliente, ora mediador educacional - aluno, muitas vezes, fui levado ao pré-julgamento de que surdos não conseguiam apreender as mesmas complexidades conceituais que um ouvinte conseguia, pois, afinal, precisavam que um intérprete lhes filtrasse as complexidades presentes na realidade a fim de que essa mesma lhes parecesse mais acessível. E foi com essa bagagem de experiência pessoal como tradutor e intérprete de Libras que cheguei ao cenário da investigação transcorrida nessa pesquisa.

Dessa forma, quando foram notificadas performances de tradução que revelaram a apreensão pessoal por parte de HG enquanto surda tradutora-atriz de elementos textuais complexos tanto do português quanto da Libras, isso transformou minha leitura do potencial de compreensão que uma pessoa surda tem, porque, ao fazer uso de recursos dêiticos, ao transliterar uma palavra nova antes de enunciar a solução tradutória espaço-visual, entre outros recursos, HG demonstrou ser capaz de gerar de forma autônoma um conteúdo traduzido espaço-visualmente. Em outras palavras, enquanto surda tradutora-atriz, HG não dependeu da opinião de um profissional tradutor-intérprete de Libras tal como eu para conseguir gerar sua tradução e nem para decidir quais seriam os melhores sinais a serem utilizados por ela durante o procedimento tradutório.

Assim, conclui-se que, o reconhecimento e o entendimento da figura do profissional surdo tradutor-ator é um elemento de fundamental importância para a formação de pessoas interessadas em trabalhar, tanto profissional quanto academicamente, com a tradução ou interpretação de línguas de sinais. Nesse sentido, a seguir, estão descritos alguns desafios investigativos para os estudos da tradução e interpretação de língua de sinais no contexto brasileiro de pesquisa.

6.2 – Desafios para os ETILS no contexto brasileiro de pesquisa

Para comentar sobre os possíveis desafios para os estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais (ETILS) no contexto brasileiro de pesquisa, aborda-se inicialmente algumas considerações sobre o reconhecimento e entendimento profissional do surdo tradutor-ator e, em seguida, tece-se contribuições para outras pesquisas sobre tradução para Libras.

6.2.1 – Reconhecimentos e entendimentos acerca da figura do surdo tradutor-ator

Quando se começou essa investigação descritiva em torno de performances de tradução do português para a Libras, o referencial repassado pela coordenação do curso em relação aos profissionais responsáveis pelos procedimentos tradutórios era o de que se tratavam de atores surdos. Inicialmente, houve um estranhamento pessoal intenso diante dessa nomenclatura ou titulação profissional, principalmente quando levamos em consideração que, ainda no início da pesquisa, já estavam acontecendo familiarizações com as terminologias da área de Estudos da Tradução. Isso é tanto que, pessoalmente, questionou-se: *esses profissionais não são atores, mas sim, tradutores. Por que atores e não tradutores?*

Com base em questionamentos como esses, houve uma ambientação com o universo de trabalho desses profissionais, conhecendo algumas das experiências de vida e de trabalho de alguns dos que integravam a equipe de tradução, bem como, tomando nota da relação de outros produtos já traduzidos por eles para ficarmos cientes do tempo de experiência profissional que cada um deles detinha. Depois de todo esse esforço de ambientação, em resposta à demanda gerada pelo convite feito pela própria coordenação geral do curso de Letras-Libras, propôs-se uma organização, mediante o estabelecimento de métodos e rotina de trabalho, da equipe de tradução do curso.

Durante esse processo, uma nova realidade se desvelou. Tratava-se da realidade profissional de trabalho interdisciplinar de surdos que atuavam e traduziam simultânea e harmonicamente. Isto é, depois de nos depararmos com referências fundacionais como Ramos (1995 e 2000) e de se ter investigado terminologias descritivas dos procedimentos de trabalho (Quadros e Souza, 2008 e Novak, 2005 - por exemplo), chegou-se ao entendimento de que, no caso do Letras-Libras, os surdos da equipe de tradução são profissionais tradutores-atores, pois, tanto traduzem em

Libras os conteúdos-fonte em português quanto conduzem performances dessas traduções diante de uma câmera, gerando efeitos de modalidade (QUADROS e SOUZA, 2008).

Nesses termos, ao final dessa pesquisa, compreende-se que, por uma série de razões, dentre as quais várias estão conectadas aos efeitos de modalidade vivenciados dentro da própria equipe de tradução do Letras-Libras (Quadros e Souza, 2008), faz-se relevante o conhecimento e o reconhecimento profissional da figura do surdo enquanto tradutor-ator.

Ou seja, em outras palavras, temos que, aqueles que, em termos acadêmicos já foram descritos como sendo tradutores culturais (Ramos, 2000), ou, segundo uma leitura pessoal a partir de Stone (2009), mediadores culturais entre o mundo dos surdos e o universo logofonocêntrico majoritariamente ouvinte, hoje, por meio de pesquisas a respeito da tradução de textos em português para a Libras tais como essa, podem ser reconhecidos como tradutores-atores, pois, são tradutores, por serem responsáveis pela re-textualização de um conteúdo emitido primeiramente em uma versão gráfica de uma língua oral para a versão oral em sinais de uma língua espaço-visual, constituindo assim, um texto visual em sinais; e atores, porque o procedimento tradutório do texto em língua de sinais, normalmente, fora permeado de incursões cênicas e performáticas visuais marcadas de expressões faciais, corporais e de gestos bastante típicos às realidades de atuação.

Assim, uma das possíveis conclusões práticas aplicadas a essa pesquisa descritiva é o fomento à releitura profissional dos surdos brasileiros bilíngues (ou seja, fluentes tanto na Libras quanto no português), possibilitando-os serem considerados tradutores de textos escritos tanto quanto os tradutores ouvintes, sendo que, no caso dos textos traduzidos em Libras, há a ressalva de que o profissional envolvido no procedimento tradutório pode também ser considerado um ator, isto é, pode ser tido como um tradutor-ator.

6.2.2 – Contribuições para outras pesquisas no campo da tradução para a Libras

Mediante a compreensão e reconhecimento das possibilidades dos surdos atuarem como tradutores-atores, comentamos, em corroboração com Marconi e Lakatos (2000), que, não só essa, mas qualquer pesquisa científica precisa dispor de uma exequibilidade adequada, ou seja, não basta apenas acreditar que se tem um objeto relevante; ao contrário, precisa-se ter certeza de que essa vai ser útil para o que se propõe a investigar.

No caso de investigações em torno de procedimentos tradutórios envolvendo surdos, os projetos devem trazer questões que levem reflexões à Sociedade em geral, sugerindo novos olhares sobre esse grupo social que, muitas vezes, não é entendido como um conjunto de pessoas capacitadas, com identidades sólidas, naturalmente multiculturais e passíveis de conduzir procedimentos interlinguais de tradução.

Será a partir de pesquisas como essas, que outros terão condições de compreender que surdos não só recebem e consomem, mas também, preparam e produzem conteúdos tanto permeados de interdisciplinaridade quanto re-textualizados visualmente e marcados de performances de tradução.

Nesse contexto, depois de trilhados os caminhos descritivos em torno de performances de tradução observadas no curso de Letras-Libras, consegue-se inferir idéias que estimularam o desenvolvimento de um novo olhar sobre a prática tradutória de surdos que os tornam passíveis de serem compreendidos profissionalmente enquanto tradutores-atores, enxergando inclusive também novas perspectivas de abordagem de objetos envolvendo a tradução interlingual que parta de conteúdos escritos em língua de modalidade oral-auditiva e chegue a conteúdos textuais orais em uma língua de modalidade espaço-visual.

Dessa forma, acredita-se que uma pesquisa como essa pode contribuir, por exemplo, com três vertentes temáticas de desenvolvimento de futuras pesquisas sobre tradução para a Libras: (i) mapeamento de campo disciplinar; (ii) processamento tradutório; (iii) estudos aplicados em conexão com cursos de Letras-Libras de outras instituições de ensino do Brasil.

Quanto à primeira vertente, por essa ter sido uma pesquisa que trilhou uma rigorosa localização e filiação teórica dentro das áreas e subáreas dos estudos da tradução, pode-se comentar que, futuras pesquisas que tenham o interesse de trabalhar o mapeamento da subárea dos estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais no contexto brasileiro podem se beneficiar com a compreensão interdisciplinar aplicada ao longo desse estudo.

Em relação à segunda, por ter sido aplicado o modelo de texto alvo de Gile (1995) e pelas análises e discussões terem sido conduzidas conforme categorias ligadas à informação primária e secundária dentro do que também é trabalhado pelo próprio Gile (1995), entende-se que essa pesquisa pode contribuir com o que Krings (1986) chama, segundo traduzido em Vasconcellos e Bartholamei (2008: 50), de estudos longitudi-

nais do processo de tradução com vistas ao entendimento do crescimento gradual da competência tradutória a partir de descrições mais detalhadas de estratégias de tradução, dentre outros aspectos (Krings, 1986 in: HOUSE e BLUM-KULKA, 1986 - com tradução apresentada em VASCONCELLOS e BARTHOLAMEI, 2008).

No que tange à terceira, entende-se que, pela especificidade do objeto investigado, essa pesquisa ainda pode contribuir com investigações que visem problematizar, por exemplo, a formação, a estrutura, a produção de conteúdos de ensino e aprendizagem, dentre outros aspectos, relacionados a outros cursos de Letras-Libras que venham a ser iniciados no Brasil, tanto em modalidades de ensino à distância quanto presencial. Além desses aspectos, essa pesquisa introduziu discussões em torno de performances tradutórias para a Libras nos Estudos da Tradução, tomando por base teóricos e teorias basilares desse campo e não somente aqueles dedicados ao campo dos estudos linguísticos das línguas de sinais, o que pode abrir espaço para críticas literárias de outras traduções para a Libras, novos estudos comparativos envolvendo línguas de modalidades diferentes e até para o surgimento de novas teorias de tradução para a Libras. Ademais, no instante em que a atividade profissional dos tradutores-atores de línguas de sinais se tornar mais evidente nos espaços laborais e acadêmicos em virtude de investigações conforme os estudos da tradução envolvendo performances e práticas tradutórias tais como as observadas e analisadas nessa pesquisa, isso vai colaborar significativamente para a legitimação de uma profissão repleta de especificidades, como também, da própria Libras como código linguístico complexo.

Portanto, concluímos esse estudo de caso exploratório, descritivo e observacional sobre performances de tradução para a Libras observadas no curso de Letras-Libras da UFSC, com a expectativa de que surjam novas investigações para problematizar métodos e estratégias tradutórias entre línguas orais e de sinais, e ainda, de que esteja claro que é possível haver tradução de um texto escrito em uma língua oral para um texto oral em uma língua de sinais. Tal procedimento tradutório é possível, pois, ainda que hajam perdas linguísticas por conta das diferenças de modalidades entre as línguas envolvidas, em virtude do objetivo tradutório, a re-textualização, de fato, acontece.

REFERÊNCIAS

ANATER, G. e PASSOS, G. Mecanismos de coesão textual visual em uma narrativa sinalizada: Língua de Sinais Brasileira em foco. In: QUADROS, R. M de & STUMPF, M. R. (orgs). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2009: 49-76.

AVELAR, T. F. Entrevista com tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC: discussões teóricas e práticas acerca da padronização linguística. In: QUADROS, R. M de & STUMPF, M. R. (orgs). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2009: 363 - 392.

_____. **A questão da padronização de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC: um estudo descritivo e lexicográfico do sinal 'cultura'**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

BLUM-KULKA, S. Shifts of Cohesion and Coherence in Translation. In: House, J. e Blum-Kulka, S. (eds.). **Interlingual and Intercultural Communication: discourse and cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies**. Tübingen: Narr, 1986: 17-36.

BLUM-KULKA, S. Shifts of Cohesion and Coherence in Translation. In: Venuti, L. (ed.). **The Translation Studies Reader**. Londres, EUA e Canada: Routledge, 2000: 313-328.

CECHINEL, L. C. **Inclusão do Aluno Surdo no Ensino Superior: um estudo do uso de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de acesso ao conhecimento científico**. 2005. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí-SC, 2005.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

COKELY, D. **Interpretation: a sociolinguistic model**. Burtonsville: Linstok Press, 1992.

CORREA, R. B. S. **A complementaridade entre lingual e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. 2007. 166f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

COSTA, W.C. The translated text as re-textualization. In: _____. (Org.). **Ilha do Desterro**, v. 28, **Studies in translation**, p. 133-153, 1992.

COSTA, W. C. **O texto traduzido como re-textualização**. Cadernos de Tradução. Vol. 2. Número 16, Pós-graduação em Estudos da Tradução - PGET. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis-SC, 2005: 25-54.

COULTHARD, R.M. **Linguistic constraints on translation**. In: _____. (Org.). **Ilha do Desterro**, v. 28, **Studies in translation**, p. 9-23, 1992.

_____. Evaluative text analysis. In: STEELE, R.; THREADGOLD, T. (Orgs.). **Language topics: Essays in honour of Michael Halliday**. Amsterdam: John Benjamins, 1987.

CUSIN, G. M. **Desenvolvimento de um Ambiente Virtual Interpretador de sentenças em Português para Linguagem de Sinais Brasileira**. 2004. 107f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação). Centro Universitário Eurípides Soares da Rocha. Marília-SP, 2004.

DINIZ, T. F. N. Apresentação. **Cadernos de Tradução**. Vol. 1, Número 07. Pós-graduação em Estudos da Tradução - PGET. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis-SC, 2001: 09-17.

FELIPE, T. A. F. Gramática da Libras. In: MEC. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: MEC, Secretária de Educação Especial (SEESP): série atualidades pedagógicas, nº 4, 1998, p. 81-107.

FRISHBERG, N. **Interpreting: an introduction**. Silver Spring, Md: RID, 1990.

GAMBIER, Y. e DOORSLAER, L. **The Metalanguage of Translation**. John Benjamins, Amsterdam, 2009.

GERZYMISCH-ARBOGAST, H. Theory-related translation research: some thoughts on methodology. In: **Hermes**, Journal of Linguistics. N. 26, 2001: 81 a 95.

GILE, D. “Fidelity in interpretation and translation”. In: _____. **Basic concepts and models for interpreter and translator training**. V.8, p. 49 – 74. John Benjamins, Amsterdam, [1995], 2009.

GLASS, M. H. F. **Por uma abordagem performativa das línguas de sinais**. 1996. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas.

GRBIC, N. Where do we come from? What are we? Where are we going? A bibliometrical analysis of writing and research on Sign Language Interpreting, In: **Sign Language Translator and Interpreter** Volume 1, Issue 1, St. Jerome Publishing, Manchester, UK (ISSN 1750-3981). 2007: págs. 15 – 51.

GROLLA, E. **Aquisição da Linguagem: texto-base da disciplina de Aquisição da Linguagem do curso de Letras-Libras da UFSC**, 2009, 57 págs.

HATIM, B.; MUNDAY, J. **Translation: an advanced resource book**. London/New York: Routledge, 2004.

HEIDERMAN, W. **Estudos da Tradução III**. Florianópolis: CCE/UFSC, v. 1., 2009

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, [1972], 1988.

HORTENCIO, G. F. H. **Um Estudo Descritivo do Papel dos Intérpretes de Libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová**. 2005. 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE, 2005.

ISHAM, W. P. Signed language interpreting. In: BAKER, M. e MALMKAEJER, K. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Routledge. London/New York, págs. 231-235, 1998.

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation. In: VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. London - UK: Routledge, 2002: 128-133.

KADE, O. **Zufall und Gesetzmäßigkeit in der Übersetzung**. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, 1968.

KOCH, I. V. Hipertexto e construção do sentido. **Alfa**. São Paulo-SP, 51 (1), 2007: 23-38.

_____. TRAVAGLIA, L. C. **A Coerência Textual**. São Paulo-SP: Contexto, 2000.

KRINGS, H. P. Translation problems and translation strategies of advanced German learners of French (L2). In: HOUSE, J. e BLUM-KULKA, S. (eds.). **Interlingual and Intercultural Communication: discourse and cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies**. Tübingen: Narr, 1986: 263-276.

MALMKJAER, K. 2000. Postscript Multidisciplinarity in Process Research. In: TIRKKONEN-CONDIT, Sonja e JÄÄSKELÄINEN, Riitta (eds.) **Tapping and Mapping the Processes of Translation and Interpreting**. Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2000: 163 - 170.

MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. N. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2000.

MARINHO, M. L. **O Ensino da Biologia: o intérprete e a geração de sinais**. 2007. 145f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2007.

MASUTTI, M. L. **Tradução cultural: Desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes**. 2007. 158f. Tese. (Doutorado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2007.

MEIR, et al. “Repensando classes verbais em Língua de Sinais: O corpo como sujeito”. In: QUADROS, R. M de & VASCONCELLOS, M. L. B de. **Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais: TISLR 9**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008: 82-101.

MOSSOP, B. The workplace procedures of professional translators. In:

CHESTERMAN, A.; GALLARDO SAN SALVADOR, N. e GAMBIER, Y. **Translation in Context: Selected papers from the EST Congress**, Granada 1998. Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2000: 39-49.

MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies: Theories and applications**. London and New York: Routledge, 2001.

NICOLOSO, S. **Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

NOVAK, P. **A política do corpo**. Texto apresentado no **V Encontro de Performance do Instituto Hemisférico**. Belo Horizonte. 2005.

ONG, W. **Oralidade e Cultura Escrita: a tecnologização da palavra**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas-SP: Papirus, 1998.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. B. Estudos da Tradução no Brasil: Reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. In: **DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, 2003: v. 19, p. 1-25.

_____. Estudos da Tradução: perfil da área. In: **Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação**, 2004, São Paulo. III CIATI: novos tempos, velha arte, 2004.

PIRES, C. L. **Questões de fidelidade na interpretação em língua de sinais**. 1999. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria – RS, 1999.

PIZZUTO, E., et. al. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: Evidências interlingüísticas nas Línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, R. M de & VASCONCELLOS, M. L. B de. **Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais: TISLR 9**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008: 140-158.

PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. London-UK: Routledge, 2004.

QUADROS, R. M. e Karnopp L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre-RS: Artmed, 2004.

_____. Efeitos de modalidade de línguas: as Línguas de Sinais. Em: **ETD Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 167-177, 2006.

_____. Aspectos da Tradução da língua portuguesa para a língua de sinais brasileira. In: **I Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, UFSC, Florianópolis-SC, 2008.

_____. CENRY, R. Z.; PEREIRA, A. T. C. Inclusão dos surdos no ensino superior por meio do uso da tecnologia. In: QUADROS, R. M. de. (org). **Estudos Surdos III**. Série pesquisas. Petrópolis, RJ: Arara-Azul, 2008: 30–55.

_____. SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/ encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras-Libras. In: QUADROS, R. M. de. (org). **Estudos Surdos III**. Série pesquisas. Petrópolis, RJ: Arara-Azul, 2008: 168–207.

_____; STUMPF, M. **Brazilian Sign Language Interpreter Education in Brazil: From Voluntary Work to Formal Distance Learning**. In: Jemina Napier (Org.). **International Perspectives on Sign Language Interpreter Education**. 1 ed. Washington: Gallaudet University Press, 2009, v. 4, p. 221-247.

_____. VASCONCELLOS, M. L. B. (Orgs.). **Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais**. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul. 2008.

RAMOS, C. R. **Língua de sinais e literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural**. 1995. 285f. Dissertação (Mestrado em Letras – Ciências da Literatura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 1995.

_____. **Uma Leitura da Tradução de Alice no País das Maravilhas**

para a Língua Brasileira de Sinais. 2000. 200f. Tese. (Doutorado em Letras-Ciências da Literatura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2000.

REICHERT, A. R. **Mídia televisiva sem som.** 2006. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2006.

RODRIGUES, A. M. M. **Desconstrução na psicogênese da língua escrita.** 2002. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ROSA, A. da S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** 2005. 179f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2005.

SANTOS, D. V. **Coesão e Coerência em Escrita de Surdos.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

SANTOS, S. A. dos. **Intérpretes de língua brasileira de sinais: um estudo sobre as identidades.** 2006. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2006.

SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais.** 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

SHUTTLEWORTH, M. e COWIE, M. **Dictionary of Translation Studies.** Manchester – UK: St. Jerome, 1997.

SILVA, F. I. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da Língua Brasileira de Sinais: *Signwriting*.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2009.

SNELL-HORNBY, M. **The Turns of Translation Studies: new paradigms or shifting viewpoints?** Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2006,

STOKOE, W. C. **Sign language structure**. Silver Spring: Linstok Press. [1960], 1978.

STONE, C. **Toward a Deaf Translation Norm**. Washington-DC, USA: Gallaudet University Press, 2009.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Lagoa Editora, 2008.

TOURY, G. **A Tradução como Meio de Planificação e a Planificação da Tradução**. In: *Histórias Literárias Comparadas: Colóquio Internacional*. Lisboa-Portugal: Colibri, 2001: 17-32.

TURNER, G. H. **37 Metres in 12 Seconds: Sign language translation and interpreting leave 'terra firma'**. In: *Sign Language Translator and Interpreter Volume 1, Issue 1*, St. Jerome Publishing, Manchester, UK (ISSN 1750-3981). 2007: págs. 01 – 14.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras-Libras**. Florianópolis: UFSC, 2006.

VASCONCELLOS, M. L. B. Mesa-redonda: Tradução e Interpretação de Língua de Sinais na Pós-Graduação. Comunicação: “O nome e a natureza dos Estudos da Tradução”: Inserção da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) no campo disciplinar desde a década de 70 até os desdobramentos de 2008. In: **I Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, UFSC, Florianópolis-SC, 2008.

_____; BARTHOLAMEI, L. J. **Estudos da Tradução I**. Florianópolis: CCE/UFSC, v. 1., 2008.

VENUTI, L **The scandals of translation: towards an ethics of difference**. London: Routledge, 1998.

_____. **The Translation Studies Reader**. London - UK: Routledge, 2002

XAVIER, A. C. **O hipertexto na sociedade de informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

WILLIAMS, J. e CHESTERMAN, A. **The Map: a beginner's guide to doing research in translation studies**. Manchester - UK: St Jerome Publishing, 2002.